MISTÉRIOS
ISAAC ASIMOV



Isaac Asimov

MISTÉRIOS
DE
ASIMOV

Um livro da série
Contistas

Tradução de **Maria Célia Bandeira**



BIBLIOTECA
DO EXILADO

PREFÁCIO

Há a tendência entre certas pessoas para classificar a ficção científica como mais um membro do grupo de literaturas especializadas que incluem romances policiais, histórias do Oeste Americano, aventuras, novelas desportivas e de amor, etc.

O facto afigurou-se sempre estranho àqueles que conhecem bem a ficção científica, porquanto esta constitui uma resposta literária a modificações científicas, resposta essa que pode abarcar a inteira gama da experiência humana. A ficção científica engloba tudo.

Como se distingue um romance de ficção científica de um de aventuras, por exemplo, quando a maior parte da f. c. é intensamente aventurosa ao ponto de fazer empalidecer os romances vulgares daquele gênero? Torna-se óbvio que uma viagem à Lua representa, acima de tudo, uma aventura do tipo mais emocionante, à parte outras características que possua.

Vi histórias de ficção científica excelentes incluídas em classificações invulgares e enaltecerem os temas focados. Arthur C. Clark escreveu um delicioso western... mas localizou-o no fundo do mar, e havia golfinhos em vez de gado. Não obstante, intitulou-o apropriadamente «Lar na Planície».

Clifford D. Simak produziu «A Regra 18», que não passa de uma história desportiva, embora envolva viagens no Tempo, graças às quais o treinador da equipa terrestre pode utilizar os maiores ases de todas as épocas para vencer o encontro anual com Marte.

Em «Os Namorados», Philip José Farmer obtém uma curiosa variação do romance habitual com uma empolgante história de amor que transpõe os limites, não da religião ou cor mas das espécies.

Por estranho que pareça, era o gênero policial o aparentemente mais difícil de amalgamar com a ficção científica. O facto resultava francamente incompreensível, pois à primeira vista a f. c. amoldar-se-ia com facilidade aos problemas misteriosos. A ciência em si constitui pouco menos que um mistério e o investigador científico uma espécie de Sherlock Holmes.

E, se quisermos inverter as coisas, não há histórias policiais que recorram à ficção científica? O Dr. Thorndyke, de R. Austin Freeman, é um exemplo de um famoso detective-cientista.

Apesar disso, os escritores de ficção científica pareciam impossibilitados de enveredar pelos romances policiais de f. c.

Por volta de 1940, obtive a explicação do facto. Disseram-me que, «pela sua natureza especial», a ficção científica não usaria de franqueza para com o leitor. Numa história de ficção científica, o detective poderia declarar: «Como sabes, Watson, desde 2175, altura em que todos os espanhóis aprenderam a falar francês, o castelhano tornou-se uma língua morta. Como se justifica, pois, que Juan Lopez proferisse semelhantes palavras significativas naquele idioma?»

Ou o autor poderia fazer com que o seu herói puxasse de um dispositivo estranho e proferisse: «Como sabes, Watson, o meu esquadrinhador de algibeira pode perfeitamente localizar a jóia roubada num ápice.»

Contudo, esses argumentos não me impressionaram. Parecia-me que os escritores policiais vulgares (da variedade isenta de ficção científica) podiam igualmente revelar-se menos francos para com o leitor. Ninguém os impedia de ocultar propositadamente um indício necessário. Poderiam introduzir na história uma figura adicional em qualquer altura da intriga, ou simplesmente esquecer-se de mencionar algo de importância vital para o desfecho. Em suma, dispunham de possibilidades de fazer tudo.

A questão, todavia, consistia em que não faziam nada. Apegavam-se à regra da franqueza para com o público. As pistas podiam ser dissimuladas, mas nunca omitidas. Linhas de raciocínio fundamentais podiam ser desviadas naturalmente. O leitor era iludido impiedosamente, mas não ludibriado.

Dir-se-ia, portanto, que a mesma teoria se poderia aplicar aos romances policiais de ficção científica. Não se lançam novos dispositivos à cara do leitor e se soluciona o mistério com eles. Não se tira partido da História futura para introduzir fenômenos ad hoc. Na verdade, explicam-se meticulosamente todas as facetas do clima futuro com a devida antecedência, para que o leitor disponha de uma possibilidade decente de encontrar a solução. O detective de ficção só pode utilizar factos conhecidos do leitor no presente ou «factos» do futuro de fantasia, os quais serão devidamente explicados com antecedência. Mesmo alguns factos

reais do nosso presente devem ser mencionados, se forem utilizados, para se obter a certeza de que o leitor se apercebe do mundo que o rodeia.

Uma vez aceite tudo isto, não só se torna óbvio que o romance policial de ficção científica constitui uma forma de literatura admissível, como se compreende que resulta muito mais agradável ler e escrever semelhantes histórias, pois na maioria das vezes existe um ambiente fascinante em si, para além do mistério envolvido.

No entanto, falar é fácil, pelo que decidi colocar a máquina de escrever no lugar da boca e, em 1953, produzi um romance de ficção científica-policial intitulado «As Grutas de Aço». Foi acolhido pela Crítica como uma boa história de ficção científica e policial, e a partir de então não voltei a ouvir dizer que os romances combinando a ficção científica com o mistério eram difíceis de escrever. Mais tarde, publiquei uma continuação denominada «O Sol Desnudo» (1957), só para demonstrar que o livro anterior não fora mero produto do acaso.

Todavia, entre esses dois romances, produzi vários contos curtos destinados a provar que as histórias policiais de ficção científica se podiam escrever em todas as extensões.

Esses contos estão incluídos no presente volume pela ordem em que foram publicados. O leitor avaliará da consistência dos meus argumentos.

ÍNDICE

OS SINOS CANTANTES

Louis Peyton nunca discutia publicamente os métodos pelos quais ludibriara a Polícia da Terra numa dezena de duelos de sagacidade e astúcia, com a psico-sonda sempre à sua espera e invariavelmente evitada. Se o fizesse cometeria uma imprudência, sem dúvida, mas nos seus momentos mais complacentes acarinhava a ideia de deixar um testamento, para ser aberto após a sua morte, em que os êxitos sucessivos se pudessem reconhecer devidos ao seu engenho e não a mero acaso.

No testamento, declararia: «Não se podem criar falsos moldes para encobrir um crime sem imprimir neles qualquer indício do seu criador. É preferível, portanto, procurar nos acontecimentos um molde já existente e ajustar-lhe os nossos actos.»

Foi com semelhante princípio em vista que Peyton planeou a morte de Albert Cornwell.

Cornwell, obscuro receptador de objectos roubados, abordou-o pela primeira vez na mesa em que Peyton costumava comer. O fato azul de Cornwell parecia exibir um fulgor especial e o rosto, habitualmente sombrio, uma expressão de triunfo.

— Senhor Peyton — proferiu, depois de saudar o seu futuro assassino — não imagina como me alegra vê-lo. Já quase tinha desistido.

O outro, que detestava ser incomodado enquanto lia o jornal durante a sobremesa, redargiu:

— Se tem algum assunto a tratar comigo, sabe onde me pode encontrar.

Peyton tinha mais de quarenta anos e o cabelo principiava a tornar-se grisalho, mas denunciava o vigor da mocidade na atitude empertigada.

— Para isto, não — persistiu Cornwell. — Sei de um esconderijo... daquilo. — E moveu o indicador suavemente, como um badalo tangendo um sino invisível, ao mesmo tempo que levava a outra mão ao ouvido.

Peyton dobrou o jornal e inquiriu secamente:

— Sinos Cantantes?

— Mais baixo, por favor!

— Acompanhe-me.

Afastaram-se em direcção ao parque. Peyton achava-se persuadido de que, para trocar impressões sobre assuntos confidenciais, o melhor lugar era um recinto público ao ar livre.

— Um esconderijo de Sinos Cantantes — sussurrou Cornwell. — Estão ainda por polir, mas são maravilhosos.

— Viu-os?

— Não, mas falei com alguém que os admirou. Dispunha de provas suficientes para me convencer. São em quantidade bastante para nos enriquecer.

— Quem era essa pessoa?

O semblante de Cornwell contraiu-se numa expressão de astúcia.

— Um escavador lunar que possuía um meio de localizar os Sinos nas paredes das crateras. Não sei em que consistia, porque nunca mo revelou, mas conseguiu reunir um número apreciável, escondeu-os na Lua e regressou à Terra para os negociar.

— Morreu, porventura?

— Sim, num acidente verdadeiramente deplorável. Caiu de uma altura impressionante. Claro que as suas actividades na Lua eram a todos os títulos ilegais. O Domínio não admite que se procurem Sinos sem autorização especial. Por conseguinte, talvez se fizesse justiça, embora de modo indirecto. De qualquer modo, tenho o seu mapa.

Peyton fitou o interlocutor com indiferença.

— Não me interessam os pormenores da sua... transacção. O que quero saber é por que me procurou.

— Como disse, são em quantidade suficiente para os dois, se chegarmos a acordo. Contribuirei com a indicação do esconderijo e uma nave espacial. 0 senhor pode pilotá-la e dispõe de «contactos» excelentes para negociar os Sinos. Parece-me uma distribuição de trabalho deveras aceitável. Não concorda?

Peyton ponderou o assunto por um momento e afigurou-se-lhe que o caso se ajustava a moldes que sempre tinham existido.

— Partiremos para a Lua a dez de Agosto.

— Mas ainda estamos em Abril — objectou Cornwell.

— Dez de Agosto — tornou o outro. — Contactarei consigo na altura devida e indicar-lhe-ei aonde deve conduzir a nave. Não faça a menor tentativa para se avistar comigo até lá. Adeus.

— A meias?

— Exactamente — aquiesceu Peyton. — Adeus. Depois que se separaram, este analisou uma vez mais o padrão da sua vida. Aos vinte e sete anos, adquirira uma propriedade nas Montanhas Rochosas, na qual um ocupante de outras eras mandara construir um refúgio contra as iminentes guerras atómicas que nunca se haviam desencadeado. No entanto, a casa conservava-se de pé, tão sólida como outrora. Era de aço e alvenaria, num local admiravelmente isolado, a uma altura considerável do nível do mar, protegida quase em todos os lados por picos altaneiros. Dispunha de uma unidade geradora de energia eléctrica, abastecimento de água procedente da serra, câmaras frigoríficas nas quais se podiam armazenar mantimentos para vários meses e um arsenal que continha armamento destinado a desencorajar as hordas de famintos que nunca tinham surgido. Além disso, possuía um sistema condicionador de ar capaz de limpar a atmosfera de tudo excepto radioactividade.

Naquele local de sobrevivência, Peyton passara o mês de Agosto de todos os anos anteriores da sua vida de solteiro. Desligava os métodos de comunicação com o exterior, a televisão e o teledistribuidor de notícias. Construiu uma vedação de campo de força em torno da propriedade e um sistema de alarme accionado por alguém que percorresse o caminho sinuoso que atravessava a serra nas imediações da propriedade.

Durante um mês inteiro todos os anos, podia permanecer absolutamente só. Ninguém o via nem lhe falava. Em isolamento total,

conseguia desfrutar das únicas férias que lhe agradavam, após onze meses de contacto com uma humanidade que somente lhe inspirava desprezo. A própria Polícia estava ao corrente do recolhimento que se impunha em Agosto. Certa ocasião, ignorara a liberdade condicional em que se achava e arriscara-se a ser submetido à psico-sonda, para não perder o habitual mês de férias.

Peyton considerou outro aforismo para inclusão possível no seu testamento: «Não existe nada de tão conducente a uma aparência de inocência como a triunfante falta de um alibi.»

A 30 de Julho, como todos os anos naquela altura, tomou o estratojacto não-gravitacional em Nova Iorque, às nove e um quarto da manhã, e desembarcou em Denver à uma hora da tarde. Em seguida ao almoço, meteu-se no autocarro semigravitacional com destino a Hump's Point, onde o aguardava Sam Leibman com o seu arcaico carro terrestre, que o conduziu aos limites da propriedade. Sam aceitou gravemente a gorgeta de dez dólares, levou os dedos ao boné numa saudação formal, em obediência a um ritual que se prolongava há quinze anos, e afastou-se.

A 31 de Julho, Louis Peyton regressou a Hump's Point no seu aeroflutuador não-gravitacional e encomendou no armazém de artigos gerais da localidade os géneros de que necessitava para o mês seguinte. A encomenda nada tinha de especial e constituía virtualmente um duplicado das dos anos anteriores.

Maclntyre, gerente do estabelecimento, consultou a lista gravemente, transmitiu-a à central de Denver e os géneros chegaram no feixe de transferência de massa da hora imediata. Peyton recolheu-os no seu aeroflutuador, auxiliado por Maclntyre, entregou a usual gratificação de dez dólares e retornou à propriedade.

A 1 de Agosto, o campo de força que rodeava o local foi ligado e Peyton ficou completamente isolado do exterior.

A partir daquele momento, o padrão da sua conduta alterou-se. Proporcionou-se um interregno de oito dias, no decurso do qual fez desaparecer metodicamente os géneros que consumiria se permanecesse na propriedade, para o que recorreu às câmaras pulverizadoras normalmente utilizadas para destruir o lixo.

A 9 de Agosto, o aeroflutuador transportou-o a determinado ponto em Wyoming, onde Cornwell o aguardava com uma nave espacial. Esta

representava uma faceta débil do plano, pois havia que contar com os homens que a tinham vendido e colaborado na preparação do voo. No entanto, apenas estariam ao corrente da existência de Cornwell, o qual em breve deixaria de poder revelar coisa alguma.

A 10 de Agosto, a nave espacial, com Peyton ao comando e Cornwell, e o seu mapa, como passageiro, abandonou a superfície da Terra. À velocidade máxima, o seu peso ficava reduzido a menos de trinta gramas. As micropilhas forneciam energia, eficiente e silenciosamente, e, sem ruído nem chama, a nave ergueu-se através da atmosfera, contraiu-se até determinado ponto e desapareceu.

Resultava extremamente improvável que houvesse testemunhas do voo ou que, naquela época de paz, os postos de radar se mantivessem em actividade constante como outrora.

Depois de dois dias no Espaço, aguardavam-nos duas semanas na Lua. Quase instintivamente, Peyton resolvera prolongar o período previsto inicialmente por mais sete dias. Não acalentava a mínima ilusão acerca do valor dos mapas de produção doméstica traçados por indivíduos desconhecedores das mais elementares noções de cartografia. Só se revelavam úteis para quem os elaborava, o qual podia recorrer à memória a fim de preencher certas lacunas. Para um estranho, não passavam de criptogramas.

Cornwell mostrou-o ao companheiro pela primeira vez só após a descolagem, explicando com um sorriso malicioso:

— É o meu único trunfo.

— Confrontou-o com as cartas lunares?

— Mesmo que quisesse, não o saberia fazer. Conto consigo para isso.

Peyton contemplou-o friamente, enquanto lhe restituía o mapa. A única coisa certa nele consistia na Cratera Tycho, onde se situara Luna City.

Todavia, a astronomia achava-se ao lado deles num aspecto pelo menos. Tycho encontrava-se de momento no lado iluminado da Lua. O facto significava que as naves-patrulha dificilmente procederiam a incursões exploratórias e o perigo de serem observados achar-se-ia consideràvelmente reduzido.

Peyton fez a nave descer suavemente na obscuridade de uma cratera. 0 Sol ultrapassara o zénite e a sombra já não diminuiria.

— Não podemos aventurar-nos durante o dia lunar — observou Cornwell.

— Não se prolonga eternamente — retrucou Peyton. — Restam cerca de cem horas de sol. Aproveitaremos esse lapso de tempo para nos aclimatarmos e estudar o mapa.

E pôs-se a examinar as cartas lunares demoradamente, procedendo a medições e tentando localizar as crateras indicadas no pretenso mapa traçado por Cornwell. Finalmente, declarou:

— A cratera que nos interessa deve ser uma destas três: GC-3, GC-5 ou MT-10.

— Que faremos?

— Esquadrinhamo-las todas, principiando pela mais próxima.

O dia lunar terminou e mergulharam na obscuridade. A partir de então, passaram períodos de duração crescente na superfície da Lua, a fim de se habituarem ao silêncio eterno e escuridão, posição das estrelas e clarão pálido que brotava no topo da cratera acima deles. Produziam pegadas no solo, que não se alteravam em virtude de o pó não ser impelido pela menor aragem. Peyton notou-as em primeiro lugar quando emergiam da cratera e foram banhados pela luz procedente da Terra, no oitavo dia de permanência na Lua.

O frio que imperava limitava as digressões no exterior da nave. No entanto, à medida que os dias se escoavam, eles conseguiam resistir melhor. No undécimo, eliminaram a cratera GC-5 como possível esconderijo dos Sinos Cantantes. No décimo-quinto, o estado de espírito de Peyton principiou a conduzi-lo ao desespero. Os objectos que procuravam tinham de se encontrar na GC-3, porque a MT-10 ficava demasiado afastada. Não dispunham de tempo para a alcançar, explorar e regressar à Terra até 31 de Agosto.

Todavia, nesse mesmo dia, o desespero dissipou-se para sempre, quando se lhes depararam os Sinos. Não se podiam considerar belos no estado actual. Tratava-se de meras massas de rocha cinzenta irregulares, com as dimensões de punhos, de vácuo interior e leves como penas sob a acção da gravidade lunar. Eram vinte e quatro, cada um dos quais, depois de devidamente polido, lhes proporcionaria pelo menos cem mil dólares.

Cautelosamente, levaram-nos para a nave em três viagens, percorrendo uma distância que, na Terra, os esgotaria por completo. Por fim, Cornwell

entregou o último Sino a Peyton, que o colocou cuidadosamente no compartimento onde se encontravam os restantes, e preparou-se para entrar na nave. No instante em que olhou para cima, estremeceu de pânico. O que viu através da placa transparente do capacete do fato espacial, gelou-lhe o sangue nas veias.

— Não, Peyton. Por favor...

Os dedos de Peyton premiram o gatilho do disparador que segurava, e registou-se um clarão avermelhado. Cornwell teve morte instantânea, transformado numa amálgama de membros ensanguentados e fragmentos de fato espacial.

Acto contínuo, Peyton fechou a escotilha da nave, despiu o fato espacial, activou primeiro o campo não-gravitacional e a seguir as micropilhas e regressou à Terra alguns milhões de dólares mais rico do que partira.

A 29 de Agosto, a nave desceu silenciosamente no ponto exacto de que descolara a 10 do mesmo mês. O cuidado com que Peyton escolhera o local revelou-se justificado. O aeroflutuador continuava onde o deixara, dissimulado numa pequena caverna rochosa.

Levou os Sinos Cantantes para o fundo da abertura e cobriu-os com terra. A seguir, voltou a entrar na nave, a fim de proceder a ajustamentos finais e manobrar os comandos. Por último, desceu e, transcorridos dois minutos, o veículo espacial elevou-se automaticamente.

Peyton acompanhou-lhe a trajectória em direcção ao horizonte, onde se registou bruscamente um pequeno clarão e uma nuvem que se dissipou quase em seguida.

Esboçou um sorriso de satisfação. Os cálculos tinham resultado acertados. As micropilhas haviam ultrapassado o limite de segurança e provocado uma explosão nuclear.

Vinte minutos mais tarde, encontrava-se na sua propriedade. Sentia-se fatigado e os músculos doíam-lhe sob o efeito da gravidade terrestre. Naquela noite, dormiu profundamente.

Doze horas mais tarde, a Polícia procurou-o.

O homem que abriu a porta pousou os dedos entrelaçados sobre o volumoso abdómen e inclinou a cabeça numa saudação cordial. O indivíduo que entrou, H. Seton Davenport, do Departamento de Investigações

Terrestres, olhou em volta com desagrado. A sala em que imergiu era espaçosa e somente a lâmpada brilhante alterava a penumbra, expondo uma combinação de poltrona-secretária. Fiadas intermináveis de filmes-livros cobriam as paredes. Uma suspensão de cartas da Galáxia ocupava um canto do aposento.

— É o dr. Wendell Urth? —perguntou o recém-chegado, num tom indicativo de que lhe custava a crer.

— O próprio — confirmou o outro em voz de tenor.— Suponho que falo com o inspector Davenport?

Este exibiu as credenciais e disse:

— A Universidade recomendou-mo como um extraterrólogo de valor.

— Foi o que me revelou, quando telefonou há uma hora.

— Não perderei tempo com rodeios. Julgo que já visitou a Lua...

O Dr. Urth, que fora buscar uma garrafa de um líquido turvo e dois copos, atalhou com abruptidão:

— Nunca estive no nosso satélite, nem tenciono lá ir! As viagens espaciais constituem actos insensatos. Não acredito nelas.

— Mas é um...

— Extraterrólogo? Exactamente. O facto de me interessar por outros mundos não me obriga a visitá-los. Não necessito de ser um viajante espacial para que me considerem historiador. — Urth sentou-se e sorriu cordialmente. — Ainda não disse o que pretende de mim.

— Quero consultá-lo sobre um caso de homicídio — anunciou o inspector.

— Homicídio? Não compreendo a relação entre...

— Ocorreu na Lua.

— Fantástico!

— Mais do que fantástico. Sem precedentes. Ao longo dos cinquenta anos de actividade do Domínio Lunar, houve naves que explodiram e fatos espaciais em que surgiram orifícios de efeitos letais. Vários homens morreram de calor no lado banhado pelo sol, de frio na outra face do nosso satélite e sufocados em ambos. Registaram-se mortes motivadas por quedas, as quais, atendendo à gravidade lunar, acontecem em casos extremamente

raros e outros acidentes deploráveis. No entanto, é a primeira vez que um homem elimina outro propositadamente em semelhante ambiente.

— Como praticaram o crime?

—Com um disparador. As autoridades acudiram pouco depois, graças a um afortunado conjunto de circunstâncias. Uma nave-patrulha observou um clarão na superfície da Lua. Como sabe, propagam-se a distâncias enormes na face mergulhada na sombra. O piloto informou Luna City e pousou. Quando efectuava a manobra, descortinou um objecto que lhe pareceu um veículo espacial descolando. No momento em que desembarcou, deparou-se-lhe um corpo atingido pelo jacto de um disparador e várias pegadas.

— Crê que o clarão foi produzido pelo disparador? — inquiriu Urth.

— Não restam dúvidas a esse respeito. O corpo ainda estava quente. As pegadas eram de duas pessoas e conduziam às crateras GC-3 e GC-5, duas das...

— Acho-me familiarizado com o código oficial das crateras lunares.

— A GC-3 continha pegadas que terminavam numa escavação numa das paredes em que se viam restos de pedra-pomes. A difracção dos Raios-X mostrou que se tratava...

— Não me diga que o seu homicídio envolve Sinos Cantantes! — exclamou Urth.

— Porquê?

— Tenho um. Uma expedição da Universidade encontrou-o e ofereceu-mo. Vou mostrar-lho, inspector.

O extraterrólogo levantou-se e atravessou a sala, fazendo sinal a Davenport para que o seguisse. Embora contrariado, este último obedeceu. Entraram numa dependência de menores dimensões e o inspector arregalou os olhos ante a massa heterogénea de material, que se acumulava à sua volta. Distinguiu, entre outras coisas, uma pequena quantidade de «vidrado azul» de Marte, que os românticos consideravam um produto do artesanato dos extintos marcianos, um minúsculo meteorito, um modelo das primeiras naves espaciais e uma garrafa rolhada, aparentemente vazia, em cujo rótulo leu «atmosfera venusina».

— Transformei a minha casa num museu — declarou Urth. — É uma das vantagens dos solteirões. Infelizmente ainda não estabeleci um pouco

de ordem no meio disto. Um dia que tenha um período disponível...

Por um momento, olhou em redor, perplexo. Finalmente, lembrou-se do que o levara ali, afastou um gráfico que mostrava o esquema evolutivo dos invertebrados marinhos julgados as formas de vida mais elevada do planeta Barnard e disse:

— Ei-lo, embora imperfeito.

O Sino encontrava-se suspenso de um arame, ao qual fora cuidadosamente soldado. A imperfeição resultava óbvia. Ostentava um sulco central que parecia dividi-lo em dois pequenos blocos, firmes, porém deficientemente unidos. Apesar disso, fora delicadamente polido e apresentava uma suavidade agradável que lhe permitia emitir certo brilho.

— Escute — sugeriu Urth.

Pegou numa pequena colher de osso e tocou com ela no globo. Dir-se-ia que um milhão de harpas acabavam de soar à distância. As suaves vibrações musicais avolumaram-se, baixaram de intensidade e aumentaram de novo. Quando finalmente se extinguiram, os dois homens conservaram-se silenciosos por uns instantes.

— Nada mal, hem? — observou o extraterrólogo, imprimindo ao globo um impulso que o fez oscilar demoradamente.

— Cuidado! — advertiu Davenport, consciente da fragilidade proverbial dos Sinos Cantantes.

— Os geólogos afirmam que não passam de pedra--pomes comprimida sob a acção do tempo, com um vácuo central, onde minúsculos fragmentos de rocha se agitam livremente. Mas se é assim, como se explica que até hoje ninguém conseguisse produzir um único? Um Sino perfeito faria com que este soasse como uma harmónica desafinada.

— Precisamente. E podem contar-se pelos dedos de uma só mão os Terrestres que possuem um Sinto Cantante perfeito, existindo centenas de indivíduos e instituições que dariam fortunas por um nessas condições sem fazerem perguntas embaraçosas sobre a sua proveniência. Uma porção de Sinos justificaria um homicídio.

— Não me esqueci do verdadeiro motivo da sua visita. Continue.

— Posso resumir a situação numa frase. Conheço a identidade do assassino.

— Sim? Nesse caso, onde está o problema, inspector?

— Sem provas, aquilo que sei carece de valor. O homem não dispõe de alibi, infelizmente.

— Quer sem dúvida dizer que dispõe de um.

— Não. Se tivesse um alibi, eu havia de o pulverizar, porque decerto seria falso. Se testemunhas asseverassem que o tinham visto na Terra na altura do crime, acabaria por forçá-las a contradizerem-se. Se ele se munisse de provas documentais, não deixaria de descobrir a sua falsidade. Infelizmente, consoante frisei, nada disso acontece.

— Explique-se melhor, por favor.

Davenport descreveu minuciosamente a propriedade de Peyton no Colorado e concluiu:

— Todos os anos passa o mês de Agosto lá, em isolamento absoluto.

— Nesse caso, por que supõe que se deslocou à Lua? Pode estar realmente inocente.

— Não! — bradou o inspector, quase com violência. — Há mais de quinze anos que procuro reunir provas contra ele sem o conseguir. Mas farejo imediatamente um crime praticado por Peyton. Asseguro-lhe que ninguém senão ele teria o arrojo de transaccionar Sinos Cantantes extraídos ilegalmente da Lua. Por outro lado, todos conhecem a sua perícia como piloto espacial. Além disso, houve quem o visse com a vítima, embora não ultimamente. Para mal dos nossos pecados, nada disso constitui prova comprometedora.

— Não seria mais fácil utilizar a psico-sonda, agora que o seu emprego foi legalizado?

— Está familiarizado com a lei Konski-Hiakawa, doutor?

— Não.

— Creio que poucos a conhecem. Segundo o Governo, o direito à intimidade mental é fundamental. Portanto, que sucede? O indivíduo submetido à psico-sonda e declarado inocente do crime pelo qual foi exposto ao exame, tem direito a toda a compensação que conseguir obter dos tribunais. Além disso, a psico-sonda não se pode empregar duas vezes na mesma pessoa.

— É um inconveniente, na verdade.

— Ao longo dos dois anos desde que foi legalizada, surgiram numerosos escroques e malfeitores empenhados em que os sujeitem à

experiência para depois poderem exercer as suas actividades sem estorvo. Por esse motivo, o Departamento não permite que Peyton seja submetido à prova enquanto não surgirem indícios definidos da sua culpabilidade ou pelo menos argumentos susceptíveis de convencer o meu chefe. E o pior é que se nos apresentarmos no tribunal sem o registo da psico-sonda, escusamos de pensar em vencer. Num caso de homicídio, admite-se que quem não recorre àquele método de averiguar a verdade, não tem a certeza da acusação que profere.

— E que pretende de mim?

— Provas de que ele esteve na Lua em Agosto. E convém que as obtenha sem demora, porque não o posso conservar detido por suspeita eternamente. Se o assunto transpirar, a imprensa tratará de o explorar, pois trata-se do primeiro homicídio na Lua.

— Quando foi cometido? — quis saber Urth.

— A vinte e sete de Agosto.

— E a prisão?

— Ontem, trinta.

— Portanto, se Peyton for o assassino, dispôs de tempo para regressar à Terra.

— Sim, embora por uma unha negra. — O inspector comprimiu os lábios. — Se eu visitasse a propriedade um dia antes e a encontrasse deserta...

— Quanto tempo crê que ele e a vítima permaneceram na Lua juntos?

— A avaliar pela área coberta pelas pegadas, vários dias. Uma semana, pelo menos.

— Localizaram a nave que utilizaram?

— Não, e provavelmente nunca o conseguiremos. Há cerca de dez horas, a Universidade de Denver comunicou um aumento brusco de radiactividade com início anteontem às seis da tarde, que se prolongou por algumas horas. Resulta facílimo ajustar os comandos de uma nave de forma que exploda a uns oitenta quilómetros de altitude, sem a tripulação a bordo, por meio de um excesso de carga das micropilhas.

— No lugar de Peyton — disse Urth, pensativamente — eu mataria o homem a bordo e fazia-o desaparecer com a nave.

— Vê-se que não o conhece. Ele desfruta com estas vitórias sobre a Lei. A permanência do cadáver na Lua representa um desafio.

Após uns momentos de silêncio, o extraterrólogo declarou:

— Há uma possibilidade de êxito.

— Espera provar que ele visitou a Lua?

— Sim.

— Quando?

— O mais depressa possível, desde que me permita conversar com o prisioneiro.

— Por esse lado, não haverá problema. Tenho um «jacto» não-gravitacional à espera. Podemos estar em Washington dentro de vinte minutos.

— Não!

— Que tem?

— Não viajarei num «jacto» não-gravitacional. Não confio neles.

Davenport fitou o interlocutor com intensidade. Finalmente, sugeriu:

— Prefere o monocarril?

— Detesto todos os meios de transporte. Por que não traz Peyton a esta cidade? Podíamos reunir-nos numa dependência do Município, por exemplo.

O inspector olhou em volta com uma expressão de desespero. Por último respirou fundo e capitulou.

— Muito bem. Irei buscá-lo a Washington e conversaremos com ele aqui mesmo. Satisfá-lo esta proposta?

— Admiravelmente.

— Oxalá consiga obrigá-lo a confessar, Dr. Urth.

— Envidarei os maiores esforços.

Louis Peyton contemplava com desagrado o ambiente que o rodeava e o homem adiposo na sua frente. Por fim, cravou o olhar na poltrona que lhe indicavam e sacudiu-a antes de se sentar, enquanto Davenport se instalava a seu lado, com o disparador ao alcance da mão.

O Dr. Úrth sentou-se igualmente, sorrindo, e deu leves palmadas no abdómen, como se acabasse de ingerir uma refeição suculenta.

— Boa-tarde, senhor Peyton — proferiu, finalmente. — Sou o Dr. Wendell Urth, extraterrólogo.

— Que pretende de mim? — inquiriu o prisioneiro.

— Saber se esteve na Lua em Agosto.

— Não.

— No entanto, ninguém o viu na Terra durante todo o mês.

— Fiz a minha vida normal de Agosto. No decurso desse período, ninguém tem possibilidades de me ver. Ele Pode confirmá-lo. — Peyton indicou Davenport, com uma inclinação de cabeça.

— Como seria bom se pudéssemos certificar-nos! — declarou o Dr. Urth.— Se, por exemplo, conseguíssemos analisar as partículas de pó no seu cabelo e determinar que pertencem à Lua, tudo se simplificaria. Infelizmente, não é possível. O solo lunar possui uma constituição quase análoga à terrestre. De qualquer modo, os cabelos não conteriam o menor resíduo, a menos que se aventurasse na Lua sem fato espacial, o que se me afigura altamente improvável.

Peyton escutou estas palavras sem contrair um músculo das faces. O extraterrólogo sustentava o sorriso benevolente, enquanto prosseguia:

— Quem viaja no Espaço ou na Lua, respira ar terrestre e alimenta-se de produtos da Terra, assim como transporta o ambiente desta junto do corpo, tanto na nave como no fato espacial. Procuramos um indivíduo que passou dois dias dentro de um fato espacial a caminho da Lua, pelo menos uma semana no nosso satélite e mais dois dias no regresso à Terra. Durante todo esse tempo, conservou o ambiente terrestre junto de si, o que nos dificulta a tarefa extraordinariamente.

— Sugiro que facilitem a situação a todos, libertando-me e procurando o verdadeiro criminoso.

— Talvez acabemos por fazê-lo — admitiu Urth. — Alguma vez viu uma coisa destas? — Estendeu a mão para o solo ao lado da poltrona e exibiu um globo cinzento ligeiramente brilhante.

— Parece um Sino Cantante — disse Peyton, com um sorriso.

— E é. O crime foi praticado por causa de Sinos Cantantes. Que pensa deste?

— Acho-o deveras imperfeito.

— Examine-o bem.

Com um movimento inesperado, o extraterrólogo fez o globo atravessar os dois metros que o separavam do prisioneiro. Davenport soltou uma exclamação, enquanto Peyton estendia os braços com certo esforço, mas tão rapidamente que conseguiu recolher o Sino.

— Que imprudência! — bradou.— Se caísse no chão, pulverizava-se.

— Respeita os Sinos Cantantes?

— O suficiente para não desejar que sejam destruídos.

Peyton passou a mão pelo globo suavemente, desferiu-lhe um piparote com o indicador e aproximou-o do ouvido.

Finalmente, Urth rogou-lhe:

— Se já ficou satisfeito, volte a atirar-mo. — E estendeu a mão num gesto peremptório.

Automaticamente, o outro lançou o globo no espaço. No entanto, percorreu cerca de terça parte da distância que separava os dois homens e tombou no solo, onde se despedaçou.

Davenport e Peyton fixaram os pequenos fragmentos com expressões perplexas, ao passo que o extraterrólogo articulava pausadamente:

— Quando o esconderijo dos Sinos Cantantes do criminoso for descoberto, exigirei que me entreguem um dos mais perfeitos como honorários da minha colaboração.

— Honorários? — ecoou o inspector.— Enlouqueceu?

— Espero que tenha abarcado a situação. Apesar da minha breve alocução de há pouco, há uma pequena porção do ambiente terrestre que nenhum viajante espacial transporta consigo: a gravidade superficial da Terra. O facto de o senhor Peyton ter calculado tão deficientemente o impulso que devia imprimir a um objecto da sua estimação para que me chegasse às mãos, demonstra que ainda não se readaptou à força da nossa gravidade. Estou persuadido, senhor Davenport, de que o prisioneiro se ausentou da Terra nos últimos dias. Percorreu o Espaço ou um objecto planetário de dimensões consideràvelmente inferiores às do nosso planeta. A Lua, por exemplo.

O inspector pôs-se de pé com uma expressão de triunfo.

— Dê-me a sua opinião por escrito e utilizá-la-ei para me servir da psico-sonda.

Louis Peyton, perturbado e dócil, acompanhou-o de regresso a Washington, reflectindo que teria de incluir no testamento a única certeza de que os seus planos haviam abortado.

Nota final.

As minhas obras costumam originar abundante correspondência dos leitores, em regra de natureza agradável, mesmo quando focam algum ponto embaraçoso. Após a publicação do conto anterior, por exemplo, recebi uma carta de um rapaz a quem o raciocínio do Dr. Urth levara a procurar a confirmação da influência da diferença de peso sobre o modo como um objecto era atirado.

Preparou vários objectos, todos com as mesmas dimensões e aspecto, mas com pesos distintos e pediu a uns amigos que os arremessassem, sem lhes indicar previamente as diferenças existentes. Verificou que todos eram lançados com ímpeto e rigor idênticos.

O facto preocupou-me um pouco, mas terminei por concluir que o resultado da experiência não se podia aplicar rigorosamente ao problema. Basta pegar num objecto para o lançar, para se avaliar, inconscientemente, o seu peso e ajustar o esforço muscular correspondente, desde que o interessado esteja acostumado à força da gravidade sob a qual actua.

Os astronautas nos seus voos costumam permanecer presos aos assentos e só se deslocam sob a baixa gravidade durante breves «passeios no Espaço». Aparentemente, esses passeios revelaram-se deveras fatigantes, pelo que parece poder admitir-se que uma alteração na gravidade requer adaptação apreciável. E o regresso à gravidade terrestre após semelhante adaptação exigiria readaptação considerável.

Portanto, a partir de agora pelo menos, partilho da opinião do Dr. Urth.

A PEDRA FALANTE

A faixa de asteróides era extensa e o número de ocupantes humanos reduzido. Larry Vernadsky, no sétimo mês da sua missão na Estação Cinco que se prolongaria por um ano, perguntava-se com frequência crescente se o salário compensaria o isolamento quase total, a cem milhões de quilómetros da Terra. Era um rapaz magro mas vigoroso, sem o aspecto de mecânico espaço-náutico ou habitante de asteróides, de olhos azuis, cabelos cor de palha e uma inevitável expressão de inocência que dissimulava um espírito incisivo e curiosidade intensa aguçados pelo isolamento. Estas duas características serviram-lhe excelentemente a bordo do *Robert Q*.

Quando o *Robert Q*. pousou na plataforma exterior da Estação Cinco, Vernadsky surgiu a bordo quase imediatamente. Assolava-o uma euforia que, num cão, se traduziria por fortes sacudidelas da cauda e uma alegre cacofonia de latidos.

O facto de o comandante do *Robert Q*. acolher as suas saudações cordiais com uma expressão grave não o apoquentou. Interessava-lhe apenas que chegara uma nave e os tripulantes lhe proporcionariam companhia, embora breve. Vernadsky achava-se preparado para utilizar as ferramentas que se tornassem necessárias, a fim de proceder às reparações exigidas pelo *Robert Q*.

O mecânico exibia um largo sorriso enquanto preenchia o impresso rotineiro. Anotou o nome da nave e respectivos números de série do motor e do gerador de campo, assim como o porto de origem e de destino, motivo da paragem na Estação Cinco, etc.

— Quantos tripulantes tem, comandante? — perguntou por fim, ao mesmo tempo que examinava os documentos de bordo.

— Dois. Importa-se de dar uma olhadela ao motor hiperatómico? Estou com certa pressa.

— É para já.

Vernadsky levou o equipamento de diagnósticos para o compartimento do motor, acompanhado pelo comandante, e pôs-se a verificar circuitos, graus de vácuo e densidades de campo com serena eficiência. Ao mesmo tempo, entregava-se a reflexões sobre o comandante do *Robert Q*. Apesar de ele detestar o ambiente em que se achava, reconhecia que alguns encontravam motivos de fascínio no vasto vazio e liberdade do Espaço. Todavia, afigurava-se-lhe que um homem como aquele comandante não era um mineiro de asteróides apenas pelo amor à solidão.

— Dedica-se a algum minério em especial? — perguntou, por fim.

— Crómio e manganésio — declarou o outro, depois de ligeira hesitação.

— Sim?... Aconselho-o a substituir o distribuidor *Jenner.*

— É a causa da anomalia?

— Não, mas está muito em baixo. Arrisca-se a nova avaria dentro de um milhão de quilómetros. Já que tem a nave aqui...

— Bom, substitua-o lá. Mas localize a causa da vibração, hem?

— Estou a fazer o possível.

As últimas palavras do comandante eram suficientemente ásperas para intimidar o próprio Vernadsky, o qual trabalhou em silêncio por uns minutos. Finalmente, endireitou-se e anunciou:

— Um dos reflectores-gama está desfocado. Cada vez que o feixe de positrões incide nele dá-se uma perda de energia. Tem de ser substituído.

— Quanto tempo demora?

— Várias horas. Talvez doze.

— 0 quê? Não posso ficar aqui tão prolongadamente.

— É indispensável. O sistema tem de se inundar de hélio, durante três horas, antes que eu possa entrar. Depois preciso de calibrar o semi-reflector, o que não se faz num abrir e fechar de olhos. Se a substituição se efectuar

precipitadamente, o conjunto pode avariar-se antes que atinja a órbita de Marte.

— Muito bem — transigiu o comandante. — Trate disso.

Vernadsky conduziu o depósito de hélio para bordo da nave, recorrendo às precauções habituais .Com os geradores de pseudogravidade desligados, tinha o peso reduzido praticamente a zero, mas possuía massa e energia próprias. A manobra resultava mais complexa em virtude de o mecânico se achar igualmente desprovido de peso.

Como conservava a atenção concentrada no cilindro, enveredou por um corredor errado nas instalações acanhadas e viu-se momentaneamente num compartimento estranho imerso na penumbra. Teve apenas tempo para emitir uma exclamação abafada antes que dois homens o puxassem para fora e fechassem a porta atrás dele. Absteve-se de proferir palavra, enquanto ajustava o cilindro à válvula de entrada do motor e escutava o silvo suave do hélio que impelia os gases radioactivos para a vastidão do Espaço.

Por fim, a curiosidade dominou a prudência e observou:

— Tem um *silicony* enorme a bordo, comandante.

Este encarou o mecânico com estranheza e articulou em voz totalmente inexpressiva:

— Com certeza?

— Vi-o perfeitamente. Posso admirá-lo melhor?

— Para quê?

— Estou isolado aqui há mais de seis meses e entretive-me a ler quase tudo o que se escreveu sobre os *siliconies*. Até hoje, não tinha visto um, nem mesmo dos pequenos.

— Não deve proceder à reparação?

— O hélio não precisa da minha presença para continuar a limpar o motor durante várias horas. Como se explica que cruze o Espaço com um *silicony* a bordo?

— Há quem se faça acompanhar por cachorros. Eu prefiro os *siliconies.*

— Conseguiu fazê-lo falar?

— Porquê? — inquiriu o comandante, corando.

— Alguns falam. E até lêem o pensamento alheio.

— É perito nessas coisas?

— Li muito a esse respeito, como disse. Deixe-me vê-lo melhor.

Vernadsky simulou não dar conta de que, além do comandante, na sua frente, um tripulante se postava de cada lado dele, todos devidamente armados. Aparentando um desprendimento que não sentia, acrescentou:

— Não tenciono roubar-lhe o objecto. É só uma espreitadela.

O comandante conservou-se silencioso por um momento e terminou por encolher os ombros.

— Bem. Venha daí.

O mecânico acompanhou-o, notando que o coração lhe palpitava mais rapidamente.

Vernadsky contemplava com assombro e uma ponta de repulsa a criatura cinzenta na sua frente. Era exacto que nunca vira um *silicony* pessoalmente, mas observara fotografias tridimensionais e lera descrições minuciosas. Não obstante, uma presença real possui sempre características que objectiva alguma consegue fixar.

A «pele» consistia numa superfície cinzenta oleosa. Os movimentos eram extremamente lentos, como convinha a uma criatura que deslizava através de pedra e tinha constituição dessa natureza em grande parte. Não havia contracções musculares por baixo da «pele». Ao invés, o *silicony* deslocava-se por intermédio dos movimentos das diversas lajes que o compunham escorregando umas sobre as outras. Possuía forma ovóide, arredondada na parte superior e plana na inferior, com dois conjuntos de apêndices. Por baixo, havia as «pernas» dispostas radial-mente, num total de seis, que terminavam em arestas aguçadas, reforçadas por depósitos metálicos, que lhe permitiam abrir caminho por entre as massas rochosas.

Na superfície plana, dissimulada à vista, a menos que a criatura se voltasse ao contrário, existia a única abertura pela qual davam entrada rochas fragmentadas. No interior, pedra calcárea e silicatos hidratados reagiam para formar a sílica que constituía os tecidos. O excesso desta era ejectado pela mesma abertura sob a forma de excrementos petrificados.

Os extraterrólogos haviam dado tratos à imaginação prolongadamente sobre a origem das pedras polidas dispersas em pequenas cavernas de estrutura rochosa dos asteróides até à descoberta dos primeiros *siliconies*,

admirando com assombro a maneira como as criaturas produziam sílica e executavam tantas funções devidas às proteínas na vida terrestre.

Do ponto mais elevado das «costas» do *silicony* destacavam-se os restantes apêndices, constituídos por dois cones invertidos adaptados a uma espécie de sulcos que se prolongavam a todo o comprimento da superfície e exerciam as funções de ouvidos, assemelhando-se vagamente às orelhas dos coelhos quando em actividade. Alguns extraterrólogos afirmavam que as orelhas dessas criaturas habitualmente denominadas *Siliconeus asteroidea*, contribuíam para as suas faculdades telepáticas.

O *silicony* deslocava-se lentamente sobre uma pedra oleosa, vendo-se várias outras da mesma natureza espalhadas pelo compartimento, que representavam, consoante Vernadsky sabia perfeitamente, o alimento da criatura. Ou pelo menos, destinavam-se ao robustecimento dos tecidos, porquanto a obtenção de energia não se podia dever unicamente àquela fonte.

— É um monstro — murmurou finalmente. — Tem mais de meio metro de largura. Onde o descobriu?

— Num rochedo — informou o comandante, com relutância.

— O maior encontrado até hoje não ultrapassava dez centímetros de largura. Podia vender este a qualquer museu da Terra por uma fortuna.

— Agora que já o viu, preocupe-se com a reparação.

O mecânico principiava a afastar-se, quando se registou um som áspero, como que produzido por duas superfícies graníticas deslizando uma sobre a outra. Yernasdky compreendeu que procedia do *silicony* e voltou-se para trás, horrorizado. Com efeito, a criatura principiara subitamente a articular palavras.

— O homem quer saber se esta coisa fala.

— Essa agora! — sussurrou ele. — E fala mesmo!

— Não percamos mais tempo — interveio o comandante. — Já o viu e ouviu. Vamos ao trabalho.

— E lê o pensamento alheio — proferiu Vernadsky.

— Marte descreve uma rotação em vinte e quatro noras e trinta e sete minutos e meio — volveu o *silicony*. — A densidade de Júpiter é de um vírgula dois dois. Urano foi descoberto em mil setecentos e oitenta e

um. Pluto é o planeta mais afastado. A massa do Sol atinge dois zero zero zero...

O comandante pegou no braço de Vernadsky e arrastou-o para fora do compartimento.

— Onde averiguou tantos elementos? — quis saber o mecânico.

— De vez em quando, lemos-lhe um velho tratado de astronomia.

— É anterior à época em que inventaram as viagens espaciais — esclareceu um dos tripulantes.

— Cala-te — ordenou o comandante.

Vernadsky vigiou a introdução de hélio até ao momento apropriado e, por último, iniciou a reparação, a qual se prolongou por várias horas. Numa das pausas, observou ao comandante:

— Na minha opinião, aquela coisa mantém-se no interior de uma asteróide durante toda a vida, talvez ao longo de centenas de anos. Agora que o senhor a arrancou do seu meio, descobriu que o Universo não é uma rocha e deparam-se-lhe centenas de factos com que não sonhava sequer. Daí o interesse pela astronomia.

Empenhava-se desesperadamente em obter algo de concreto em que pudesse basear as suas deduções, porém o comandante, de braços cruzados sobre o peito, encostado a uma parede, limitou-se a perguntar:

— Ainda falta muito?

Vernadsky reconheceu que não conseguiria extrair-lhe a menor revelação e passou a concentrar-se exclusivamente na reparação. No final, o comandante entregou--lhe ã quantia correspondente ao trabalho, aceitou o recibo e partiu numa explosão de hiperenergia.

O mecânico viu a nave afastar-se dominado por forte excitação e dirigiu-se apressadamente para a sala onde se encontrava o transmissor subetéreo.

— Não posso estar enganado — resmungou entredentes.

O patrulha Milt Hawkins recebeu a chamada no isolamento do posto do Asteróide 72. Saboreava uma cerveja e entretinha-se com a passagem de um filme no visor, quando o rosto de Vernadsky surgiu no pequeno écran. A intromissão no seu recolhimento agradou-lhe sobremaneira, pois significava um pretexto para trocar impressões com alguém. De súbito, afigurou-se-lhe

que não prestara a atenção devida às palavras iniciais do mecânico e pediu-lhe que as repetisse.

— Onde tem os ouvidos, seu polícia de uma figa?

— Que história é essa de um *silicony*?

— O tipo que mencionei tem um a bordo. Diz que é um objecto de estimação e alimenta-o com pedras oleosas.

— Ora... Um mineiro de asteróides era capaz de se contentar com um pedaço de queijo como objecto de estimação, à falta de coisa melhor.

— Não me refiro a um desses *siliconies* minúsculos conhecidos até agora. Tem mais de meio metro de largura. As pedras oleosas servem para a produção de tecidos, mas onde é que uma criatura dessas dimensões obtém a energia?

— Não faço idéia.

— Directamente de... Está aí alguém perto?

— De momento, não. Oxalá estivesse.

— Os *siliconies* recolhem a energia directamente dos raios-gama.

— Quem disse?

— Um fulano chamado Wendell Urth, extraterrólogo famoso. Além disso, explicou a finalidade das orelhas dos *siliconies*. Não se destinam à captação do pensamento alheio. Detectam raios-gama a níveis que instrumento algum pode atingir.

— E depois? —inquiriu Hawkins, começando a interessar-se.

— Urth afirma que não existem suficientes radiações--gama em qualquer asteróide para o sustento de *siliconies* com mais de três a cinco centímetros de largura. Agora, apareceu um com meio metro.

— Bem...

— Portanto, provém de um asteróide carregado de radioactividade, por outras palavras, urânio, e desviado das rotas normais, explicando-se assim que ainda ninguém o descobrisse. Suponhamos, no entanto, que um espertalhão pousou lá por mero acaso, notou o calor das rochas e se entregou a conjecturas. O comandante do *Robert Q*. não é um ignorante na matéria.

— Continue.

— Admitamos ainda que ele resolve efectuar algumas perfurações para se certificar e se lhe depara um *silicony* gigantesco. Nessa altura, compreende que efectuou a maior descoberta da História e não necessita de proceder a pesquisas, porque a criatura o conduzirá aos filões mais ricos em urânio.

— Por que havia de o fazer?

— Porque lhe interessa elucidar-se sobre o Universo. Depois de passar provavelmente um milhar de anos debaixo de um rochedo, descobre a existência das estrelas e pretende aprofundar o assunto. Por outro lado, lê o pensamento alheio e pode aprender a falar. O comandante do *Robert Q*. daria pulos de contentamento ante a possibilidade de um intercâmbio dessa natureza. Como sabemos, a pesquisa do urânio constitui monopólio do Estado, e os mineiros particulares nem estão autorizados a possuir contadores-geiger.

— Talvez tenha razão — admitiu Hawkins.

— Pode suprimir o «talvez». Devia tê-los visto à minha volta, enquanto eu contemplava o *silicony*, prontos para me saltar em cima se deixasse transparecer que adivinhara a verdade.

O patrulha ponderou o assunto por uns instantes e perguntou:

— Durante quanto tempo os pode reter aí?

— Retê-los?! Já partiram!

— Então, a que propósito vem tudo isto? Por que os deixou bater asas?

— Eram três, qualquer deles mais forte do que eu, e ainda por cima armados — frisou Vernadsky. — Que queria que fizesse?

— Nesse caso, que sugere?

— Vamos persegui-los. Reparei os semi-reflectores do *Robert Q*. à minha maneira. Percorridos vinte mil quilómetros o motor hiperatómico parará. Além disso, instalei um transmissor de sinal no distribuidor Jenner.

— Com a breca...

— Não fale nisto a mais ninguém. Quando os apanharmos, eles não disporão de energia e nós teremos possibilidade de os conservar em respeito com as peças da nave-patrulha. Estou certo de que nos dirão onde se situa o urânio. Depois de o localizarmos, contactaremos com o quartel-general, para entregarmos três contrabandistas de urânio, um *silicony* gigantesco

e um dos maiores filões que a Terra jamais viu. Como recompensa, você será promovido a tenente e eu obterei um lugar fixo no nosso planeta.

— Sigo já para aí — prometeu Hawkins, entusiasmado.

Mais tarde, localizaram o *Robert Q*. sem dificuldade.

— Não lhes deixou energia suficiente para que conservassem as luzes de bordo acesas? — inquiriu o patrulha, intrigado com a escuridão que envolvia a nave. —Suponho que não sabotou também o gerador de emergência?

— Claro que não. — Vernadsky encolheu os ombros. — Devem economizar energia, esperançados em que os recolham. Aposto que neste momento estão a lançar um alarme geral pelo transmissor subetéreo.

— Sendo assim, resta-nos bater em retirada.

— Porquê?

— Já lhe explico.

A nave-patrulha aproximou-se mais. A sua presa flutuava no Espaço a vinte mil quilómetros horários.

De súbito, Hawkins emitiu um gemido.

— Que tem? — perguntou o mecânico.

— Foram atingidos por um meteoro. Como sabe, existem aos milhares na faixa de asteróides.

— Atingidos? Estarão em apuros?

— Há uma abertura enorme num dos lados. Sinto imenso, Vernadsky, mas a situação começa a complicar-se.

O mecânico engoliu em seco e cerrou as pálpebras. Compreendia ao que o outro se referia. Ele reparara uma nave de modo deficiente propositadamente, o que poderia ser encarado como um acto criminoso. E a ocorrência de mortes em resultado de um procedimento de semelhante natureza constituía homicídio puro e simples.

— Sabe perfeitamente por que o fiz — articulou por fim.

— Sei o que me disse, e confirmá-lo-ei no tribunal se for caso disso. Mas se porventura aquela nave não se dedicava ao contrabando...

Hawkins não concluiu a frase, nem era necessário. Minutos depois, penetraram no *Robert Q*. envergando fatos espaciais. Sem dispor de energia, a nave vira-se impossibilitada de produzir a cortina protectora que

evitaria o impacto dos meteoros. O míssil natural perfurara a superfície metálica como se não passasse de uma delgada folha de alumínio, destruindo a cabina do piloto, evacuando o ar respirável e matando os três homens a bordo.

Vernadsky, que nunca assistira àquela forma de morte no Espaço, dominou com dificuldade os vómitos que lhe acudiram.

— Examinemos o minério que transportavam — sugeriu. — O *Silicony* tem de estar vivo.

Encaminharam-se para o compartimento da retaguarda onde ele entrara inadvertidamente quando se preparava para proceder à reparação e Hawkins aproximou o contador-geiger de que se munira de uma porta. O ponteiro moveu-se com insistência.

— Bem me parecia — afirmou Vernadsky.

Agora, a forma deficiente como reparara a nave apresentava um aspecto totalmente distinto. Ele cumprira o dever de todo o cidadão leal ao Estado, e a colisão do meteoro responsável pela morte da tripulação não passava de um mero acidente deplorável.

Hawkins utilizou o disparador por duas vezes para abrir a porta, e os focos das lanternas incidiram sobre toneladas de rochas.

O patrulha recolheu duas de dimensões regulares e guardou-as no bolso.

— Para prova e ensaio — explicou.

— Não as conserve muito tempo junto do corpo — advertiu Vernadsky.

— O fato protege-me até regressar à base. De qualquer modo, não se trata de urânio puro.

— Não deve diferir muito, aposto.

— Bem. Tudo indica que descobrimos uma rede de contrabandistas, ou pelo menos parte dela.

— Resta-nos localizar o asteróide de onde extraíram o urânio.

— Pois sim. Mas onde se encontrará? Os únicos que sabiam morreram.

— Tem razão! —exclamou o mecânico, reflectindo que dispunham de três cadáveres e algumas toneladas de minério para apresentar às autoridades, o que mereceria uma citação pública sem dúvida, mas nada

mais. Ora, ele desejava que se lhe concedessem um lugar permanente na Terra.— Esquecia-me do *silicony*, com a breca! — bradou repentinamente. — Pode viver no vácuo e sabe onde está o asteróide!

— É verdade — aquiesceu Havrkins. — Mas onde se encontra?

— Acompanhe-me.

Entraram no compartimento, e o clarão das lanternas permitiu-lhes descortinar o *silicony*, que se movia. Portanto, achava-se vivo.

— Temos de o levar daqui —decidiu Vernadsky.

— Para quê?

— O som não se propaga no vácuo. Precisamos de o transportar para a nave-patrulha. Em seguida, colocamos--lhe um fato espacial em volta, com um transmissor de Rádio.

Pegaram cuidadosamente na criatura oleosa e levaram-na para bordo da outra nave.

O *silicony* encontrava-se agora na cabina de controlo da nave-patrulha. Os dois homens tinham tirado os capacetes e Hawkins principiava a despir o fato espacial. Vernadsky não pôde dominar a impaciência por mais tempo e inquiriu:

— Podes ler os nossos pensamentos?

E conteve a respiração até que finalmente as superfícies rochosas deslizaram umas sobre as outras, a fim de produzirem um som modulado que se converteu em palavras:

— Sim. Vazio em volta. Nada.

— O quê? — articulou Hawkins, porém o mecânico fez-lhe sinal para que se calasse.

— A viagem através do Espaço deve tê-lo impressionado — murmurou. Voltou-se para o *silicony*: — Os homens que estavam contigo recolheram urânio, minério especial, radiações, energia.

— Queriam comida — disse a criatura, pausadamente.

Claro! Para 0 *silicony*, tratava-se de comida, uma fonte de energia.

— Indicaste-lhe onde a podiam obter?

— Sim.

— Quase não se ouve nada — observou Hawkins.

— Aconteceu-lhe qualquer coisa — admitiu Verna-dsky. Elevando a voz, perguntou:— Sentes-te bem?

— Não. O ar desapareceu de repente. Algum desarranjo cá dentro.

— A descompressão súbita deve tê-lo perturbado — aventou o mecânico, entredentes. — Sabes o que pretendo, com certeza. Onde é a tua casa, o lugar em que há comida?

As orelhas do *silicony* arrebitaram-se lentamente e voltaram a encolher-se.

— Além.

— Onde? — gritou Vernadsky.

— Além.

— Está a apontar — interpôs Hawkins.

— Pois sim, mas para onde?

— Queria que fornecesse as coordenadas?

— Por que não? — Vernadsky virou-se de novo para o *silicony*, o qual se imobilizara por completo, apresentando uma tonalidade baça ominosa. — O comandante sabia onde se encontrava a comida, hem? Possuía números relativos ao local?

— Sim — pronunciou a criatura com visível dificuldade.

— Três conjuntos de números?

O mecânico reflectiu que tinham de ser coordenadas destinadas a facultar as posições do asteróide na sua órbita em torno do Sol. Com semelhantes elementos, a órbita poder-se-ia calcular por completo e determinar a sua posição em qualquer momento.

— Sim — repetiu o *silicony*.

— Quais são? Prepare-se para os anotar, Hawkins. Arranje papel.

No entanto, a criatura proferiu:

— Não sei. Números não interessam. Há lá comida.

— Compreende-se — declarou Hawkins. — Como não precisava das coordenadas, não lhes prestou atenção.

— Em breve, não estarei vivo — disse o *silicony*. —Dentro em pouco, morto. Que vem depois da morte?

— O comandante escreveu os números em alguma parte? — inquiriu Vernadsky.

O *silicony* manteve-se silencioso por um prolongado momento, enquanto os dois homens se agachavam, apurando os ouvidos.

— No asteróide — suspirou, por fim. E calou-se definitivamente.

Transformara-se numa rocha sem vida, idêntica à que lhe dera origem.

Vernadsky e Hawkins endireitaram-se lentamente e entreolharam-se com desespero.

— Não faz sentido — disse o segundo. — Por que havia de escrever as coordenadas no asteróide?

— Uma fortuna em urânio — murmurou Vernadsky, abanando a cabeça. — A maior descoberta da História, e não sabemos onde está.

H. Seton Davenport olhou em volta com uma vaga sensação de prazer. Mesmo em repouso, o rosto do incorruptível inspector do Departamento de Investigações Terrestres apresentava uma expressão voluntariosa. A atmosfera de isolamento que dir-se-ia imperar na sala em que se encontrava fazia com que parecesse irreal. O dono da casa, um indivíduo nutrido de ar bonacheirão e óculos de lentes grossas, sentava-se na sua frente numa combinação de poltrona-secretária. Era o Dr. Wendell Urth, um dos mais eminentes extraterrólogos do Globo. Quem desejava consultá-lo sobre qualquer problema relacionado com questões alheias à Terra via-se forçado a procurá-lo nas suas instalações, porquanto Urth raramente se afastava da Cidade Universitária onde vivia.

— Vernadsky parece um rapaz deveras inteligente — observou o extraterrólogo, fitando o inspector Davenport solenemente.

— Por ter deduzido tudo isso da presença do *silicony*? Sem dúvida.

— De modo algum. A dedução resultava simples. Inevitável, até. Refiro-me ao facto de ele ter lido as minhas experiências relativas à sensibilidade aos raios-gama por parte dos *siliconeus asteroidea.*

— Ah, com certeza.

O Dr. Urth era perito em *siliconies*, e Davenport consultara-o exactamente por esse motivo. Desejava formular-lhe apenas uma pergunta, porém o extraterrólogo meneara a cabeça e pedira que lhe mostrasse todos os documentos referentes ao assunto. Em circunstâncias normais, o inspector recusaria firmemente, porém Urth revelara-se extremamente útil

ao D. I. T., alguns meses antes, na solução do caso dos Sinos Cantantes e Davenport acedera ao pedido.

O cientista concluiu a leitura, pousou os relatórios na secretária, utilizou a fralda da camisa para limpar as lentes dos óculos, observou o resultado à contraluz e voltou a apoiá-los no nariz.

— A pergunta, inspector?

— É exacto que, na sua opinião, um *silicony* das dimensões e tipo descritos no relatório só se podia desenvolver num meio rico em urânio?

— Material radiactivo — corrigiu Urth. — Tório possivelmente, embora me incline mais para o urânio.

— Nesse caso, a resposta é afirmativa?

— Sem dúvida.

— Que dimensões teria esse meio?

— Dois quilómetros de diâmetro, pelo menos.

— Quantas toneladas de urânio, digo, material radiactivo?

— Triliões, no mínimo.

— Importar-se-ia de o declarar por escrito?

— De modo algum.

— Muito bem. — Davenport levantou-se, estendeu uma das mãos para o chapéu e a outra para os relatórios. — É tudo o que queria saber.

Todavia, a mão do Dr. Urth avançou para os documentos e imobilizou-se pesadamente sobre eles.

— Um momento. Como esperam encontrar o asteróide?

— Procurando-o. Atribuiremos determinado volume do Espaço a cada nave e...

— E o tempo e despesas envolvidos? Garanto-lhe que nunca o descobririam.

— Numa possibilidade em mil, creio que sim.

— Numa possibilidade num milhão.

— Não podemos desinteressar-nos do Urânio sem efectuar uma tentativa para o localizar.

— Mas existe uma maneira mais segura de descobrir o asteróide. E eu conheço-a.

Davenport olhou o extraterrólogo com uma expressão grave.

— Como?

— Primeiro, falemos do meu preço.

— Preço?

— Honorários, se prefere. Quando o Governo localizar o asteróide, talvez se lhe depare outro *silicony* de proporções invulgares. A resposta à questão tantas vezes levantada sobre se os asteróides constituíram outrora um corpo planetário independente pode achar-se na constituição dessas criaturas. Compreende?

— Quer dizer que exige a oferta de um *silicony* gigantesco?

— Vivo e em boas condições.

— Estou certo de que o Governo não se oporá. Davenport fez uma pausa. — Ouçamos agora as suas deduções.

— Baseiam-se numa observação do *silicony*.

— Qual observação?

— A que figura no relatório, emitida pouco antes dele morrer. Vernadsky perguntou-lhe onde o comandante escrevera as coordenadas e o *silicony* respondeu: «No asteróide».

— Isso sabemos nós, doutor — articulou o inspector, sem dissimular o desapontamento. — Analisámos a resposta minuciosamente, mas não descortinámos o menor indício animador.

— Tem a certeza de que ele não existe?

— Absoluta. O *silicony* nem prestava atenção às palavras de Vernadsky. Sentia a vida abandoná-lo, mas não compreendia exactamente o que se passava e murmurou: «Que vem depois da morte?». A seguir, saiu-se com aquela do asteróide. Provavelmente, pensava que regressaria ao seu meio normal, após a morte.

— Por vezes, deixa-se arrastar demasiado pelo seu espírito de poeta — comentou Urth. — Trata-se de um problema interessante, e vejamos se o consegue solucionar sozinho. Imagine que as últimas palavras do *silicony* representavam de facto a resposta à pergunta de Vernadsky.

— E que lucraríamos com isso? Qual asteróide? O do urânio? Sem as coordenadas, é impossível localizá-lo. Tratar-se-ia de outro que o *Robert Q*. utilizava como base? Também não o podemos encontrar.

— É curioso como evita o óbvio, inspector. Por que não pergunta a si próprio o que a expressão «no asteróide» significa para o *silicony*, e não para nós?

— Não compreendo.

— Falo claramente, que diabo. Que significado tem a palavra «asteróide» para o *silicony*?

— Inteirou-se da noção de Espaço por intermédio de um tratado de astronomia que lhe leram. É natural que também aludisse aos asteróides.

— Exactamente —- aquiesceu o extraterrólogo. — E em que consistiria a definição? «Asteróides são pequenos corpos, de dimensões inferiores aos planetas, que se movem em torno do Sol numa órbita que, de uma maneira geral, se situa entre as de Marte e de Júpiter». Concorda?

— Decerto.

— E o que era o *Robert Q*.?

— Refere-se à nave?

— Isso é o que nós lhe chamamos. Mas o tratado de astronomia era antigo e não mencionava naves espaciais. Lembre-se que, segundo as declarações de Vernadsky, um tripulante aludiu ao facto. Portanto, o *Robert Q*. Seria «um pequeno corpo, de dimensões inferiores aos planetas». E enquanto o *silicony* se encontrava a bordo, não se movia em torno do Sol «numa órbita que, de uma maneira geral, se situava entre as de Marte e Júpiter?»

— Sugere que o *silicony* considerava a nave um asteróide e se lhe referia nas últimas palavras que pronunciou?

— Absolutamente. Bem lhe disse que resolveria o problema sem a minha ajuda.

— Infelizmente, isso não representa uma solução. Davenport respirou fundo. — Desmantelámos o *Robert Q*. por completo e não descobrimos a menor pista.

— Talvez não procurassem onde deviam.

— Esquadrinhámos todos os recantos. Garanto-lhe que a indicação das coordenadas do asteróide não se podiam ocultar em lugar algum que descurássemos.

— Lamento contradizê-lo, mas existem locais a bordo de uma nave em que se podem dissimular números secretos, apesar de se acharem bem à

vista.

— Onde?

— Nos que ostentam números habitualmente. Números a todos os títulos legais, diga-se de passagem. Por outras palavras, os que identificam a série de matrícula. Por conseguinte, o *silicony* referir-se-ia à nave quando respondeu «no asteróide», no momento em que Vernadsky quis saber onde o comandante do *Robert Q*. anotara as coordenadas.

A expressão de alegria que despontou no semblante do inspector, extinguiu-se com abruptidão.

— Lamento informá-lo de que o meteoro responsável pela morte da tripulação do *Robert Q*. atingiu a nave precisamente no local em que existia o número de matrícula. — Fez uma pausa.— Mas que imbecil! Basta-me consultar o Registo Geral para o averiguar, pois deve estar lá inscrito.

— Custa-me contradizê-lo, mas por esse caminho não vai lá. O nosso amigo Vemadsky foi deveras preciso nas suas declarações e permite-nos tomar conhecimento de que anotou no Registo da Estação Cinco as características da nave que se preparava para reparar, *incluindo o número de matrícula*. Estou certo de que, dissimuladas nele, encontrará as coordenadas do asteróide que nos interessa.

Davenport pegou num bloco-notas e consultou o relatório na parte relativa às declarações do mecânico. Após breves cálculos, a fisionomia iluminou-se-lhe.

— Não se esqueça — frisou Urth. —- Quero um *silicony* dos grandes e em boas condições.

— Conte com ele — prometeu o inspector, levantando-se.

Despediu-se cordialmente do extraterrólogo e afastou--se assobiando em surdina.

Nota final:

Quando uma pessoa se concentra demasiado na elaboração de um conto de mistério, corre o risco de deixar escapar elementos periféricos importantes.

Após a publicação da presente história, recebi abundante correspondência de interessados em siliconies e em certos casos, acusando-me de o «matar» com demasiada crueldade, pela abruptidão com que o fiz.

Depois de reler o episódio, vi-me forçado a reconhecer que esses leitores tinham razão. Manifestei indiferença pela sorte do silicony, porque me concentrava nas suas derradeiras palavras enigmáticas. Se explorasse o tema novamente, não deixaria de tratar a pobre criatura de modo mais humanitário.

As minhas sinceras desculpas.

O facto demonstra que nem os escritores experientes procedem sempre do modo mais aconselhável e descuram pormenores de interesse humano.

O NOME REVELADOR

O conto que segue não é, no sentido rigoroso do termo, um episódio policial de ficção científica, apesar do que decidi incluí-lo. Faço-o baseado no facto de que a ciência se acha intimamente rodeada de mistério e hesitei em bani-lo meramente porque aborda uma ciência do presente e não do futuro.

Quem pensar que é difícil obter cianeto de potássio, engana-se. Eu tinha naquele momento um frasco de meio quilo na mão. Era castanho, com um rótulo atraente em que se viam as palavras «Cianeto de Potássio QP» (iniciais de «quimicamente puro», segundo me informaram) e uma caveira com as tradicionais tíbias cruzadas.

O dono do frasco limpou as lentes dos óculos e fitou-me, pestanejando. Era o professor Helmuth Rodney, da Universidade Carmody, um indivíduo de meia-idade, corpulento, cabelos castanhos e uma expressão de indiferença ante o facto de eu ter na mão veneno suficiente para dizimar um regimento.

— Quer dizer que isto costuma estar na sua prateleira, professor? — perguntei com incredulidade.

— Exactamente, inspector — admitiu no mesmo tom que decerto empregava para insuflar ciência nos cérebros dos alunos. — Juntamente com vários produtos químicos por ordem alfabética.

Olhei à minha volta para as numerosas fiadas de frascos de várias dimensões nas prateleiras que cobriam as paredes.

— Mas este contém veneno — frisei.

— Não é o único — redarguiu calmamente.

— Conserva-se ao corrente daquilo que possui?

— De um modo geral.

— Suponha que alguém entrava aqui e levava uma colherada de cianeto de potássio. Poderia detectá-lo?

— Evidentemente que não.

— Quem tem acesso a este laboratório? Costuma estar fechado à chave?

— Fecho-o à tarde, quando saio, a menos que me esqueça. Durante o dia, conserva-se aberto, uma vez que entro e saio com frequência.

— Por outras palavras, professor, qualquer pessoa, incluindo alguém da rua, podia apoderar-se do veneno impunemente.

— Receio bem que sim!

— Diga-me uma coisa. Conserva uma porção de cianeto tão elevada para matar ratos?

— Que ideia! O cianeto emprega-se com freqüência em reacções orgânicas, para proporcionar um meio básico intermédio e catalisador...

— Compreendo, compreendo — atalhei, de momento pouco interessado numa lição de Química. — Em que outros laboratórios se encontra tão acessível ao público?

— Em quase todos. Até nos dos alunos. Aliás, trata-se de um produto comum, empregado rotineiramente na síntese.

— Eu não afirmaria que o seu emprego de hoje foi rotineiro.

— Tem razão. — Respirou fundo e acrescentou pensativamente: — Chamavam-lhes as «Bibliotecárias Gémeas».

Inclinei a cabeça, compreendendo o motivo da designação, pois as duas funcionárias da biblioteca eram extremamente parecidas. Vistas de perto, no entanto, divisavam-se diferenças. Uma possuía queixo pontiagudo num rosto redondo e a outra queixo quadrangular e nariz um pouco longo. Não obstante, debruçadas sobre a secretária de entrada, ambas com os cabelos louros separados ao meio em penteados idênticos, dificilmente se distinguiam. Naquele dia, até trajavam de modo análogo.

Todavia, agora não havia a menor possibilidade de se confundirem. A do queixo pontiagudo e rosto redondo tinha o organismo cheio de cianeto e não podia estar mais morta.

A semelhança entre as duas raparigas foi a primeira coisa que me despertou a atenção quando cheguei, acompanhado pelo meu ajudante Ed Hathaway. Uma delas encontrava-se reclinada numa poltrona, morta, os olhos arregalados, com um dos braços estendido e uma chávena de chá quebrada no solo, como um ponto por baixo de uma exclamação. Chamava-se LouellajMarie Busch. Achava-se presente outra rapariga, idêntica à primeira, trazida de novo à vida, lívida e perturbada, o olhar perdido no espaço à sua frente, aparentemente alheia às diligências da Polícia. O seu nome era Susan Morey.

A minha pergunta inicial consistiu em:

— Parentes?

Afinal, não eram. Nem sequer primas afastadas.

Esquadrinhei a biblioteca com o olhar. Havia duas salas, no enfiamento uma da outra, com estantes repletas de volumes de diversas

naturezas, e extensas mesas em que se poderiam sentar cerca de cem pessoas. Afortunadamente, estavam de momento desocupadas. Susan Morey descreveu-nos o que se passara.

A senhora Nettler, responsável pelo funcionamento da biblioteca, ausentara-se do edifício e deixara as duas raparigas a cargo das operações, o que não era aparentemente invulgar. Às duas horas da tarde, aproximadamente, Louella-Marie entrara num pequeno compartimento contíguo à biblioteca onde, além dos volumes chegados recentemente para serem catalogados antes de distribuídos pelas estantes, existia um pequeno fogão eléctrico e os apetrechos necessários para preparar chá. Segundo concluí, era habitual tomarem chá àquela hora.

— Era Louella-Marie que o preparava sempre? —perguntei.

— Às vezes, a senhora Nettler também o fazia, mas era quase sempre Lou — explicou Susan em voz incerta.

Quando o chá ficou pronto, Louella-Marie emergiu do compartimento para o anunciar e a outra reuniu-se-lhe.

— Quem olhava pela biblioteca, entretanto? — indaguei.

— Pela porta aberta, víamos se entrava alguém e nessa altura uma de nós aparecia.

— E apareceu alguém?

— Não. Terminou o período da Primavera, e o do Verão ainda não principiou.

O que restava da história era desoladoramente escasso. Os saquinhos de chá já haviam sido retirados das chávenas fumegantes e o açúcar adicionado.

Neste ponto, interrompi:

— Tomavam-no ambas com açúcar?

— Sim. Mas o meu não tinha nenhum.

— Não? — estranhei.

— Lou nunca se tinha esquecido, porque conhecia as minhas preferências nesse capítulo. Levei a chávena aos lábios e preparava-me para pegar no açucareiro quando...

...quando Louélla-Marie soltara um grito estrangulado, largara a chávena e expirara instantes depois.

Nessa altura, Susan principiara a berrar e tinham-nos chamado.

A rotina desenrolou-se sem complicações. A causa da morte era óbvia: uma dose apreciável de cianeto misturada no açúcar de que Louella-Marie se servira. Havia seis pessoas na biblioteca no momento do crime: cinco alunos da Universidade, que se mostravam alarmados, confusos ou enojados, consoante os respectivos temperamentos, e um homem de meia-idade que se exprimia com sotaque alemão, não tinha qualquer relação com a casa e se revelava alarmado, confuso e enojado simultaneamente.

O meu ajudante, Hathaway, conduziu-os para uma sala contígua, a fim de os interrogarmos isoladamente mais tarde. Um dos alunos encaminhou-se para a porta, parecendo profundamente perturbado. Susan acercou-se dele e segurou-lhe o braço, murmurando:

— Pete...

Este possuía constituição atlética como um jogador de râguebi, embora me palpitasse que nunca pusera os pés num campo de jogos. Além disso, era demasiado bem-parecido para o meu gosto, mas talvez a minha opinião seja suspeita nesse capítulo.

— Como é possível que Lolly?... —começou ele em voz rouca.

— Não faço a menor ideia — articulou Susan, procurando fitá-lo nos olhos.

Todavia, Pete não se dignou encará-la e acompanhou os outros em direcção à saída.

— É o seu namorado? — perguntei.

— Saímos juntos algumas vezes — concedeu ela, movendo as mãos com nervosismo.

— Ele conhecia bem a sua colega? Tratou-a por Lolly.

— Também saíam juntos, uma vez por outra.

— Louella teria ciúmes de si?

— Não compreendo a pergunta.

— Alguém misturou cianeto no açúcar e verteu-o numa das chávenas. Suponhamos que ela, roída de ciúmes, pretendeu envenená-la e trocou as chávenas sem dar conta?

— Não acredito que fizesse uma coisa dessas — asseverou com uma expressão que desmentia as suas palavras.

Posso não ser um polícia excepcional, mas sei reconhecer o ódio quando o observo.

O professor Rodney entrou na biblioteca. Fora a primeira pessoa que eu vira quando me apresentara na Universidade e ainda não conseguira criar afecto especial por ele. Começara por me informar de que, como membro mais antigo do estabelecimento, assumira o comando das operações.

— A partir de agora, sou eu o responsável —esclareci.

— Pelas investigações, talvez. No entanto, devo prestar contas ao Reitor do que se passa e não posso abdicar das minhas funções.

E lançou-me uma mirada intensa, como se examinasse um espécime raro ao microscópio. Agora, anunciou:

— A senhora Nettler encontra-se no meu gabinete. Inteirou-se do crime pela Rádio e compareceu imediatamente. Quer falar-lhe?

— Pode mandá-la chamar — aquiesci.

A senhora Nettler, que não aparentava menos de cinquenta e cinco anos e talvez já houvesse ultrapassado os cinquenta, mostrava-se devidamente horrorizada ante a situação. Embora o cadáver já tivesse sido removido para a Morgue, ela lançou-se para uma poltrona e principiou a soluçar.

— Eu também tomei chá — gemeu. — Podia ter sido...

Num tom devidamente tranquilizador, atalhei:

— Quando?

— Pouco depois da uma, salvo erro. Recordo-me de oferecer uma chávena ao professor Rodney. Não é verdade?

A pergunta destinava-se ao visado, que contraiu as faces numa expressão de contrariedade e explicou:

— Vim consultar determinada obra, e realmente a senhora Nettler ofereceu-me chá. Infelizmente, estava demasiado ocupado para aceitar ou fixar a hora.

Emiti um grunhido de desagrado e voltei-me de novo para a mulher.

— Costuma tomar o chá com açúcar?

— Sim.

— Nesse caso, notou o estado do açucareiro?

— Encontrava-se vazio e tratei de o encher, recorrendo à lata de açúcar pilé e...

Os soluços intensificaram-se e fiz sinal a Hathaway para que a levasse.

Tudo indicava que, entre a uma e duas horas da tarde, alguém esvaziara o açucareiro e lhe vertera uma pequena quantidade de açúcar devidamente enriquecido com cianeto.

No momento em que Hathaway regressou, depois de acompanhar a senhora Nettler à sala contígua, colocou um charuto na boca e preparava-se para o acender, quando Susan advertiu:

— Não é permitido fumar na biblioteca.

O meu colaborador apressou-se a guardar o charuto no bolso e, vendo que a rapariga se aproximava de uma das mesas para pegar num livro de proporções apreciáveis, inquiriu:

— Que vai fazer?

— Colocar este volume na estante — informou ela, surpreendida.

— De que se trata?

Acerquei-me igualmente lancei uma olhadela à página em que se encontrava aberto. Estava escrita em alemão. Não domino o idioma, mas sei reconhecê-lo sem dificuldade. O corpo da letra era pequeno e descortinei figuras geométricas com vários símbolos químicos. Introduzi o dedo entre as folhas, fechei o volume e li a lombada: *Beilstein — Organische Chemie — Band VI — System Nummer 499-608*. Voltei a abri-lo e vi que era a página 233, principiando pelas palavras: *4 chlor-4 brom-2 nitrodiphenylather-*$C_{12}H_7NClBr$.

Hathaway entretinha-se a tomar apontamentos e o professor Rodney também se aproximara, ficando portanto quatro pessoas em volta do livro.

— É um tratado de Beilstein — informou Rodney, martelando as sílabas, como se receasse que nos escapasse alguma. — Faz parte de uma enciclopédia sobre compostos orgânicos que contém mais de uma centena de volumes. Revela-se extremamente útil como ponto de partida para um estudo mais profundo da matéria.

Antes que se embrenhasse numa dissertação sem dúvida instrutiva mas de escasso valor para as investigações, declarei:

— Gostava de trocar impressões consigo no seu laboratório.

A minha impressão inicial de que o cianeto era conservado num cofre e só o forneciam mediante uma requisição foi fortemente abalada quando apurei que se achava praticamente ao alcance de toda a gente.

— Chamavam-lhes as «Bibliotecárias Gémeas» — repetiu o professor, enquanto eu contemplava o frasco de cianeto pensativamente.

— E depois? — inquiri.

— Isso só serve para provar quão superficial pode ser a apreciação de uma pessoa pelas aparências. À parte a cor dos cabelos e olhos, nada havia de semelhante entre elas. Que se passou na biblioteca, inspector?

Repeti-lhe a versão de Susan e ele abanou a cabeça com veemência.

— Provavelmente, pensa que a vítima planeou um homicídio.

— Não concorda?

— Não. Era incapaz de uma coisa dessas. De resto, por que o faria?

— Há um aluno chamado Pete...

— Peter van Norden. É realmente um estudante brilhante, mas pouco simpático.

— As raparigas encaram esses assuntos de outro modo, professor. Aparentemente, tanto Susan como Louella-Marie estavam interessadas nele. É possível que a primeira fosse mais afortunada e a outra decidisse alterar a situação radicalmente.

— E não lhe ocorreu um meio mais eficiente do que trocar as chávenas?

— Há quem cometa erros ainda mais graves, sob tensão.

— A esse ponto, duvido. Uma das chávenas não continha açúcar, indicando que a assassina não queria correr riscos desnecessários. Mesmo que as confundisse, assim que a levasse à boca notaria a diferença de sabor.

— Ambas tomavam o chá com açúcar. No meio da excitação, a doçura habitual não lhe despertou a atenção.

— Não me convenço.

— Qual é a alternativa, professor? O açúcar foi adulterado depois de a senhora Nettler tomar chá, à uma hora. Será ela a criminosa?

— Por que motivo?

— Talvez receasse que as raparigas lhe tomassem o lugar.

— Não é possível, pois tenciona aposentar-se no final do próximo período.

— O senhor também estava presente — insinuei calmamente.

— E o móbil? — retrucou com desprendimento.

— Não é velho ao ponto de voltar as costas a uma moça jeitosa como Louella-Marie. Suponhamos que ela o ameaçou de informar o Reitor de algum gesto ou acto mais arrojado?

— Como providenciei para que o veneno fosse ingerido por aquela que me convinha? — argumentou com um sorriso glacial. — E como explica que uma das chávenas não contivesse açúcar? Podia adulterar o conteúdo do açucareiro, mas não preparar o chá.

Comecei a rectificar a impressão inicial acerca do professor Rodney. Em vez de se mostrar indignado ou chocado com as minhas hipóteses, limitava-se a apontar-lhes os pontos débeis.

— Que aconteceu, segundo a sua opinião? — perguntei.

— Penso que a sobrevivente inverteu os factores envolvidos. Admitamos que Pete se inclinava para Louella--Marie e Susan encarava o facto com desagrado. Quem nos garante que não foi esta quem preparou o chá, enquanto a colega se conservava sentada à secretária? Desse modo, poderia utilizar a chávena que não continha veneno e tudo se revelaria lógico em lugar de ridiculamente improvável.

O homem acabava de chegar a uma conclusão idêntica à minha. Por conseguinte, não podia deixar de simpatizar com ele. Tenho o hábito de manifestar um certo fraco por aqueles que concordam comigo.

— Necessitamos de o provar sem margem para a mínima dúvida — observei. — Procurei-o na esperança de obter a indicação de um escasso número de pessoas com acesso ao cianeto, mas fiquei desapontado.

— Verifique qual das duas raparigas se encontrava realmente à secretária na altura da preparação do chá.

— É uma ideia — concedi, pouco esperançado no êxito.

— Importa-se que assista? — inquiriu Rodney, levantando-se.

— Para quê? Em virtude das suas responsabilidades perante o Reitor?

— Até certo ponto. Gostava que o assunto se arrumasse rapidamente.

— Então, venha daí.

Ed Hathaway encontrava-se sentado na biblioteca deserta. Assim que me viu, anunciou:

— Já descobri.

— O quê?

— Como praticaram o crime. — Sem prestar atenção ao professor, o meu ajudante prosseguiu: — O cianeto foi introduzido aqui por aquele tipo com pronúncia esquisita que está lá fora. — E esquadrinhou uma série de cartões nos quais compilara elementos relativos às testemunhas presumivelmente inocentes.

Como sabia a quem se referia, não esperei que o localizasse e proferi:

— O nome não interessa. Continue.

— O tipo entrou com o cianeto num sobrescrito, que prendeu com fita gomada a uma página do tratado de Química, previamente combinada com a criminosa. Esta foi procurar o veneno mais tarde e verteu-o no açucareiro. Mas com a excitação, esqueceu-se de fechar o livro.

— Escute cá, Ed. Por que carga de água havia o homenzinho de estar com todo esse trabalho? — indaguei. — Que fazia aqui, afinal?

— Declarou que é peleiro e veio consultar um volume sobre exterminadores de traças. É uma explicação frágil. Alguma vez ouviu uma coisa mais disparatada?

— Sim. A sua teoria. A ideia de esconder o sobrescrito com o cianeto entre as páginas do tratado de Química não tem pés nem cabeça. De resto, não precisavam de trazer o veneno do exterior. Cá na casa existe às toneladas e encontra-se à disposição 'de qualquer interessado.

— O quê?

— Pergunte ao professor.

Hathaway arregalou os olhos, levou a mão à algibeira e extraiu um sobrescrito.

— Então, que faço a isto?

— O que é?

Abriu-o e puxou de uma folha impressa em alemão.

— A página do tratado em que...

— Arrancou uma página do Beilstein? — balbuciou o professor, horrorizado.

— Ocorreu-me que podíamos examiná-la, para o caso de conter resíduos de fita gomada ou mesmo de cianeto.

— Dê-ma! — vociferou Rodney. — Seu ignorante... — Alisou a folha e contemplou-a demoradamente, como que para se certificar de que não faltava qualquer letra. — Vândalo!

Afigurou-se-me que naquele momento teria assassinado Hathaway sem contrair um único músculo das faces.

Por muito que admitíssemos a culpabilidade de Susan, necessitávamos de obter provas palpáveis para apresentar aos jurados. Assim, à falta de melhor inspiração, decidi fazê-la assistir ao interrogatório das testemunhas, na esperança de lhe detectar um indício de perturbação susceptível de ser explorado.

Depois que se sentou à secretária da biblioteca, mandei entrar o peleiro alemão, o qual ainda se mostrava perturbado com a ocorrência.

— Não fiz nada — protestou em voz trémula. — Preciso ocupar-me dos meus negócios. Quando me deixam ir embora?

Como Hathaway já anotara o seu nome e diversos pormenores adicionais, prescindi de semelhante preâmbulo.

— É exacto que chegou um pouco antes das duas horas?

— Sim. Queria obter informações sobre exterminadores de...

— Bem sei. Quando entrou, dirigiu-se à secretária, não é assim?

— Exactamente. Identifiquei-me, declarei ao que me dedicava e expliquei o que desejava.

— A quem?

O homenzinho arqueou as sobrancelhas.

— Àquela senhora — declarou, apontando para Susan Morrey.

— É verdade — confirmou ela. — Falou comigo.

O professor Rodney olhava-a com uma expressão concentrada, e acudiu-me a possibilidade de a sua ansiedade em que se fizesse justiça se dever a um motivo mais pessoal do que idealista. No entanto, o pormenor carecia de interesse para mim e perguntei ao peleiro:

— Tem a certeza de que se lhe dirigiu?

— Absoluta. Declinei o nome e a profissão e ela sorriu. A seguir, explicou-me onde encontraria os livros sobre insecticidas. Quando me dirigia para a estante, surgiu outra empregada por aquela porta.

— Óptimo! — exclamei. — Eis uma fotografia da outra empregada. Foi ela que apareceu nessa altura?

O homem contemplou a foto demoradamente e acabou por murmurar:

— Mas é igual àquela senhora!

Mastiguei uma imprecação. Ao mesmo tempo, notei que a sombra de um sorriso acudia aos lábios de Susan Morey, dissipando-se com prontidão. Ela devia contar com aquilo. Como decorria o intervalo entre dois períodos de aulas, a biblioteca achar-se-ia praticamente deserta e só a frequentariam pessoas estranhas à Universidade que não prestariam atenção especial às funcionárias.

Agora, eu *sabia* que era a culpada, embora continuasse sem dispor de provas.

— Foi esta ou não? — insisti, com uma ponta de impaciência.

— Falei com a que está agora sentada à secretária —afirmou o peleiro.

— É verdade — confirmou Susan, perfeitamente serena.

— Pode levá-lo, Hathaway — resmunguei. — Que regresse às suas peles ou aonde quiser.

O professor inclinou-se para mim e sussurrou-me ao ouvido:

— Por que é que ela sorriu quando o homem se identificou?

Repeti a pergunta a Susan Morey, cujas sobrancelhas se ergueram uma fracção de polegada.

— Quis mostrar-me atenciosa. Há algum mal nisso?

Movi a cabeça negativamente e o professor voltou a segredar-me:

— Não tem o costume de sorrir aos desconhecidos. Era com certeza Louella-Marie que estava à secretária.

Encolhi os ombros, imaginando a minha figura se apresentasse provas de semelhante natureza ao Comissário.

Quatro dos estudantes foram interrogados rapidamente e não forneceram qualquer informação útil. Sabiam que volumes pretendiam e onde se encontravam e tinham-se encaminhado para as estantes respectivas sem fazer escala pela secretária de entrada. Portanto, não podiam jurar se a

ocupava Louella-Marie ou Susan Morey. Afirmaram que só haviam erguido as cabeças dos livros no instante em que o alarido se estabelecera.

O quinto era Peter van Norden, o qual conservava os olhos fixos no polegar direito, cuja unha apresentava desbaste apreciável. Deixei transcorrer um prolongado momento, antes de perguntar:

— Que faz na Universidade, numa altura em que não há aulas?

— Vim recolher elementos para a tese que defendo no próximo mês.

— Suponho que passou pela secretária ao entrar?

— Parece-me que não — articulou em tom quase inaudível.

— Parece-lhe?

— Não passei mesmo.

— Mas depreendi que era amigo de Susan e Louella. Não lhe interessou cumprimentá-las ao menos?

— Estava preocupado com a prova e...

— E nem quis perder um momento para dar as boas--tardes. — Fiz uma pausa e olhei para Susan, a fim de observar como reagia. Parecia um pouco mais pálida, mas podia não passar de impressão minha. — Não é verdade que namorava uma delas?

— Não! Não me posso comprometer antes de completar os estudos. Quem lhe disse isso?

— Deixe-se de divagações. Qual era a sua pequena?

— Garanto-lhe que não tenho compromisso algum.

Peter lavava as mãos do assunto tão freneticamente, que dir-se-ia afundado em espuma invisível.

— Qual é a sua versão? — perguntei bruscamente a Susan. — Ele passou por aí?

— Limitou-se a acenar-me.

— É verdade, Peter?

— Não me lembro. Talvez. E daí?

— Nada — retruquei.

Intimamente, concluí que se Susan cometera o crime por semelhante espécime, limitara-se a perder tempo. Afigurava-se-me que, de futuro, ele a ignoraria mesmo que se precipitasse de um segundo andar e lhe acertasse na cabeça.

Pareceu-me que ela alcançara a mesma conclusão. O olhar que lançou ao rapaz levou-me a admitir que o considerava o candidato imediato a uma dose substancial de cianeto.

Fiz sinal a Hathaway para que levasse Peter van Norden. O meu ajudante levantou-se para obedecer e perguntou:

— Alguma vez se serviu daqueles livros? —E apontou para as estantes em que se viam os numerosos volumes da enciclopédia de Química.

O rapaz olhou por cima do ombro e declarou:

— Sem dúvida. Não me diga que também é suspeito consultar o Beils?...

— Não tem importância— assegurei-lhe.

Hathaway franziu o sobrolho e conduziu o rapaz para a porta.

Eram quase seis horas e palpitava-me que nada mais havia a fazer. No fundo, tudo se resumia à palavra de Susan contra a de... ninguém. Se fosse uma cadastrada, podíamos extrair-lhe a verdade à custa de um interrogatório em forma na intimidade da Central da Polícia. Nas circunstâncias actuais, semelhantes métodos resultariam desaconselháveis.

Virei-me para o professor, no intuito de lho dizer, porém ele cravava os olhos nos cartões preenchidos por Hathaway, concentrando-se num em especial. Por fim, aclarou a voz e proferiu:

— Deixe-me fazer-lhe uma pergunta. — E indicou Susan com um movimento de cabeça.

— Pois sim — aquiesci, reflectindo que, dado o aspecto da situação, nada havia a perder com isso.

Rodney aproximou-se dela, pousou o cartão na secretária, com o lado preenchido voltado para baixo, e observou:

— Miss, Morey, quando o peleiro declinou a identidade e a profissão, esboçou um sorriso. Porquê?

— Tentava mostrar-me amável, conforme expliquei.

— Não haveria algo de invulgar no que ele disse?

— Limitava-me a ser amável — persistiu ela.

— Talvez achasse o nome do homem divertido?

— Nem por isso.

— Ninguém o mencionou nesta sala. Eu próprio só o averiguei quando consultei o cartão. — Mudando abruptamente de tom, o professor inquiriu: — Como se chama ele, Miss Morey?

— Não me lembro.

— Não? Julgo que lho revelou ao entrar?

— Decerto. Mas sem dúvida não espera que o conserve presente depois do que aconteceu, mesmo que se trate de um nome estrangeiro.

— Nesse caso, era *estrangeiro*?

A rapariga arrepiou caminho, evitando a armadilha a tempo.

— Não me recordo. Creio que era alemão, mas não tenho a certeza.

— Que pretende provar, professor? — intervim, perplexo.

— Que era Louella-Marie, a vítima, quem se encontrava à secretária quando o peleiro entrou. Este anunciou--lhe o nome e ela sorriu. Miss Morey regressava do compartimento contíguo, no momento em que ele se afastava, depois de preparar e envenenar o chá.

— Baseia-se apenas no facto de eu não conseguir recordar o nome do homem? — bradou Susan. — É simplesmente ridículo!

— Engana-se — tornou Rodney. — Se estivesse aí sentada nessa altura, lembrar-se-ia perfeitamente de como ele se chamava. — Pegou no cartão e voltou-o. — O nome do peleiro é Ernest Beilstein!

As faces da rapariga adquiriram lividez cadavérica, como se acabasse de reconhecer que perdera a partida.

— Uma funcionária de uma biblioteca de Química nunca esqueceria o nome de uma pessoa que declarasse chamar-se Beilstein — continuou o professor. — A enciclopédia a que aludimos várias vezes no decurso das investigações é conhecida normalmente apenas por «Beilstein». — Virou-se para mim. — Se esta rapariga afirma que não o recorda, o facto significa simplesmente que nunca o tinha ouvido. E não o ouviu porque não se encontrava sentada à secretária na altura em que o peleiro entrou.

— Que tem a dizer a isto, Miss Morey? — perguntei. Como resposta, obtive unicamente uma manifestação de histerismo. Meia hora mais tarde ela fazia uma confissão completa.

A NOITE IMORTAL

Era quase uma reunião de um curso, e embora não predominasse a alegria, nada indicava que a assinalaria a tragédia.

Edward Talliaferro, recentemente chegado da Lua sem as pernas de gravidade, reuniu-se aos outros dois no quarto de Stanley Kaunas. Este levantou-se para o saudar com uma ponta de constrangimento. Battersley Ryger limitou-se a acenar-lhe, permanecendo sentado. O recém-chegado reclinou-se no sofá com lentidão, consciente do peso a que não se encontrava habituado.

Tinham-se encontrado algumas horas antes em condições um pouco mais formais. Agora, achavam-se sós pela primeira vez, e Talliaferro observou:

— É um momento mais ou menos célebre. Reunimo-nos pela última vez há dez anos, quando concluímos o curso.

Rygers franziu o nariz, o qual fora fracturado pouco antes da conclusão do curso mencionado, o que o obrigara a receber o diploma de doutoramento em Astronomia com uma ligadura desfigurando-lhe o rosto.

— Alguém mandou vir champanhe? — perguntou em tom sombrio.

— Então, que é isso? — exclamou Talliaferro.— O primeiro congresso de astronomia interplanetário da História merece uma atmosfera mais cordial.

— Não consigo habituar-me à Terra — disse Kaunas.

— Compreendo — aquiesceu Talliaferro. — Sucede-me o mesmo. O peso que sou forçado a arrastar suga-me as energias. Em todo o caso, estás melhor do que eu, Kaunas. A gravidade de Mercúrio é 0,4 da normal,

enquanto a da Lua não passa de 0,16. — Fez um gesto para evitar que Rygers o interrompesse. — E em Ceres utilizam campos de pseudo-gravidade ajustados em 0,8.

O astrónomo do planeta Ceres exibiu uma expressão compungida.

— O que mais me oprime é o ar puro. A faculdade de poder sair à rua sem fato espacial perturba-me.

— E a mim a intensidade do sol — acudiu Kaunas.

Talliaferro retrocedeu no Tempo involuntariamente. Na verdade, tinham mudado pouco, incluindo ele próprio, à parte a circunstância de serem dez anos mais velhos. Rygers engordara um pouco e as faces de Kaunas apresentavam numerosas rugas, mas ele reconhecê-los-ia sem dificuldade se os visse inesperadamente.

— Não acredito que seja a Terra a responsável pelo nosso acabrunhamento — frisou, por fim. — Encaremos a realidade.

Kaunas fitou-o bruscamente e explodiu:

— Villiers! Tens razão. Penso nele com frequência. A propósito: escreveu-me, há dias.

— Sim? — Ryger empertigou-se na poltrona.—Quando?

— Há um mês.

— E a ti? —Ryger voltou-se para Talliaferro. Depois que este assentiu com uma inclinação de cabeça, prosseguiu: — Endoideceu. Afirma que descobriu um método prático para proceder à transferência da massa através do Espaço. Também lhes falou nisso? Sempre foi meio destravado.

Apertou o nariz entre o polegar e o indicador, e Talliaferro lembrou-se do dia em que Villiers lho fracturara. Durante dez anos, a sombra deste perseguira-os com uma sensação de culpa que na realidade não lhes pertencia. Tinham estudado juntos e enveredado por uma profissão que actualmente abria largas perspectivas. Estabeleciam-se constantemente observatórios astronómicos nos outros mundos, rodeados pelo vácuo. Havia o da Lua, do qual a Terra e os planetas interiores podiam ser estudados; um mundo silencioso em cujo céu o planeta de origem se mantinha suspenso. O de Mercúrio, mais próximo do Sol, instalado no Polo Norte daquele planeta, onde o limite entre o dia e a noite quase não se alterava e o Sol permanecia fixo no horizonte, permitindo o seu estudo minucioso. O de Ceres, mais

moderno e recente, com o seu alcance estendendo-se de Júpiter até às galáxias mais distantes.

Existiam desvantagens, sem dúvida. Em virtude da dificuldade de que as viagens interplanetárias ainda se revestiam, as férias eram reduzidas e a vida normal virtualmente impossível, todavia a geração actual podia considerar-se afortunada. Os cientistas do futuro encontrariam a Ciência deveras avançada e, enquanto não se verificasse a invenção da propulsão interestelar, não se voltariam a rasgar horizontes como aqueles.

Os quatro felizardos, Talliaferro, Ryger, Kaunas e Villiers, achar-se-iam em posições semelhantes à de Galileu o qual, em virtude de possuir o primeiro telescópio digno desse nome, não o podia apontar para região alguma do firmamento sem efectuar uma descoberta importante.

De súbito, porém, Romano Villiers adoecera com febre reumática e o coração principiara a fraquejar. Era o mais brilhante do quarteto, e viu-se impossibilitado de obter o doutoramento. Pior do que isso, jamais poderia ausentar-se da Terra, pois a aceleração de descolagem de uma nave especial matá-lo-ia irremediavelmente.

Talliaferro foi enviado para a Lua, Ryger para Ceres e Kaunas para Mercúrio. Somente Villiers ficou para trás, prisioneiro da Terra. Quando tentaram consolá-lo, reagiu explosivamente e terminou por fracturar o nariz de Ryger com um soco.

Aparentemente, o facto não fora olvidado, a avaliar pela forma como ele agora acariciava o apêndice, nasal ante a alusão a Villiers.

— Também veio ao Congresso — disse Kaunas, pensativamente. — Está no Quarto 405 deste hotel.

— Não faço tenções de o procurar — declarou Ryger.

— Ele é que virá ter connosco. Disse que nos queria falar. Prometeu aparecer às nove. Portanto, deve chegar de um momento para o outro.

— Nesse caso, se me dão licença, despeço-me — anunciou Ryger.

— Deixa-te estar — aconselhou Talliaferro. — Que mal haverá em vê-lo?

— O tipo enlouqueceu.

— Não me digas que tens medo dele.

— Medo? — ecoou Ryger com uma expressão de desdém.

— Nervoso, talvez?

— Também não.

— Não mintas. De resto, todos nos sentimos culpados do que lhe sucedeu, embora sem razão.

De súbito, soou a campainha da porta e voltaram-se sobressaltados. Romano Villiers entrou e imobilizou-se para os contemplar com ar sardónico. Na realidade, o semblante denunciava claramente que não desfrutava de saúde e somente o olhar possuía o mesmo brilho metálico de outrora.

— Finalmente, volto a ver os meus prezados amigos! — exclamou numa inflexão de barítono. — Os meus amigos espaciais, mais correctamente.

— Olá, Villiers — articulou Talliaferro.

— Como tens passado?

— Menos mal.

— E vocês?

Kaunas limitou-se a esboçar um sorriso e mastigar umas palavras ininteligíveis, enquanto Rygers retorquia:

— Não percamos tempo. Que pretendes de nós?

— Ryger, o temperamental. Como vão as coisas em Ceres?

— Satisfatoriamente, até ao momento em que saí de lá. E na Terra?

— Podes inteirar-te pessoalmente — proferiu Vil-liers, a voz subitamente tensa. — Acalento a esperança de que tenham comparecido ao Congresso para escutar a minha comunicação de depois de amanhã.

— Qual comunicação? —inquiriu Talliaferro.

— Expliquei-lhes tudo na carta. Refiro-me ao método para a transferência da massa que inventei.

— Realmente, mencionavas isso —admitiu Ryger —mas não manifestavas o desejo de anunciar a descoberta ao Congresso e não me recordo de ver o teu nome na lista dos oradores inscritos.

— De facto, não me inscrevi, nem preparei um resumo para publicação.

Villiers corara bruscamente e Talliaferro recomendou-lhe:

— Acalma-te. Não tens bom aspecto.

— O meu coração ainda resiste algum tempo, podes crer.

— Mas se não te inscreveste... — começou Kaunas.

— Esperei dez anos por este momento. Vocês têm as vossas ocupações no Espaço, enquanto eu lecciono na Terra. No entanto, valho mais que os três juntos. Mandel assistiu à experiência... Suponho que sabem a quem me refiro? Faz parte da presidência do Congresso e ficou entusiasmado com a demonstração da transferência da massa. Em todo o caso, empreguei um dispositivo rudimentar, que ardeu depois de utilizado uma vez. — Villiers fez uma pausa para recobrar o alento. — Mandel deixar-me-á falar mesmo sem estar inscrito, atendendo a importância da minha comunicação. Assim que anunciar o princípio da descoberta, correrão todos para os seus laboratórios, a fim de construírem dispositivos idênticos aos meus. E verificarão que funcionam. Consegui que um rato desaparecesse de um canto do laboratório e surgisse noutro. — Contemplou os rostos que o rodeavam. — Não acreditam, hem?

— Por que nos falas nisso, se até agora guardaste segredo? — quis saber Ryger.

— Porque os considero meus amigos, ou pelo menos antigos condiscípulos. Partiram para o Espaço e deixaram-me ficar.

— O Destino assim o quis — frisou Kaunas.

— Aquilo que resultou com um rato será igualmente eficaz com um ser humano. Em vez de percorrer três metros, como no meu laboratório, o paciente deslocar-se-á milhões de quilómetros através do Espaço. Por outras palavras, eu poderei visitar a Lua, Mercúrio, Ceres e todos os planetas que quiser. Conseguirei o mesmo que vocês e muito mais.

— Congratular-nos-emos imenso com isso — asseverou Talliaferro. — Posso ver uma cópia da tua comunicação?

— Nem por sombras! —Villiers encostou a mão ao peito, como se desejasse proteger um punhado de documentos invisíveis. — Tomarão conhecimento dos pormenores ao mesmo tempo que os outros. Só existe um exemplar dos meus apontamentos, que ninguém viu até agora, incluindo Mandel.

— Imagina que o perdes? — bradou Talliaferro.

— Não te preocupes. De qualquer modo, tenho tudo bem presente na memória. Aguardem até depois de amanhã. Nessa altura, verão os horizontes humanos alargarem-se como nunca sucedeu.

Rodou nos calcanhares e encaminhou-se para a porta.

— Endoideceu — afirmou Ryger, o olhar cravado na porta, como se Villiers ainda estivesse presente.

— Não sei — articulou Talliaferro, pensativamente. — Talvez enlouquecesse, até certo ponto. Detesta-nos por motivos irracionais. Nem sequer esquadrinhou os apontamentos, como medida de precaução...

Ao mesmo tempo, conservava o seu esquadrinhador entre os dedos. Tratava-se de um cilindro de cor neutra, um pouco mais curto e largo que um lápis vulgar. Ultimamente, tornara-se num objecto quase indispensável para o cientista, à semelhança do estetoscópio para o médico ou o microcomputador para o estaticista. O esquadrinhador usava-se num bolso do casaco ou preso a uma manga ou ainda atrás da orelha. Por vezes, Talliaferro perguntava-se como conseguiriam os cientistas de outrora dispor de tempo para registar os apontamentos em folhas de papel que enchiam numerosas prateleiras das estantes.

Actualmente, bastava esquadrinhar qualquer documento escrito, para se obter um micronegativo susceptível de ser revelado e reproduzido em qualquer altura. Talliaferro já registara todas as comunicações a apresentar no Congresso e supunha que os amigos haviam procedido do mesmo modo.

— Estou convencido de que não existe comunicação alguma — declarou Ryger. — Ele não descobriu coisa alguma e saiu-se com essa para nos intrigar.

— Então, como procederá depois de amanhã, quando falar? — objectou Kaunas.

— Quem o pode prever? Não esqueçamos que se trata de um louco.

— Não menosprezemos as suas possibilidades — advertiu Talliaferro.

Por fim, resolveram mudar de assunto e passaram a trocar impressões sobre as actividades a que se dedicavam nos diferentes planetas.

Mais tarde, mergulharam em prolongado silêncio, cortado finalmente por Kaunas, que sugeriu:

— Por que não procuramos Villiers no seu quarto? — Vendo que o olhavam com estranheza, apressou-se a acrescentar: — Não há necessidade de ficarmos indiferentes com ele.

«Pretende certificar-se de que a transferência de massa não passa do pesadelo de um louco, para poder dormir descansado», reflectiu Talliaferro.

Não obstante, também sentia curiosidade e não se opôs. O próprio Ryger encolheu os ombros e concordou.

Faltavam poucos minutos para as onze da noite.

Talliaferro foi acordado pela campainha da porta, que vibrava com insistência. Soergueu-se apoiado ao cotovelo e verificou que o indicador no tecto assinalava quatro horas da madrugada.

— Quem é? — resmungou.

Todavia, o som continuou sem interrupção e ele enfiou o roupão e foi abrir. Reconheceu imediatamente o homem na sua frente, cujo rosto vira frequentemente nos jornais tridimensionais.

— Chamo-me Hubert Mandel — informou o recém-chegado.

Mandel era um dos nomes da Astronomia, suficientemente proeminente para exercer um cargo elevado no Departamento Astronómico Mundial e fazia parte da presidência do Congresso que se celebrava actualmente.

Acudiu subitamente ao pensamento de Talliaferro que fora precisamente a Mandel que Villiers pretendia haver efectuado a demonstração da transferência da massa.

— É o Dr. Edward Talliaferro? — perguntou o outro.

— Exactamente.

— Então, vista-se e acompanhe-me. É importante. Trata-se de uma pessoa que ambos conhecemos.

— O Dr. Villiers?

— Por que se lembrou dele? — quis saber Mandel, semicerrando as pálpebras.

— Falou-nos em si, ontem à noite. Não me ocorre outro conhecido comum.

Mandel assentiu com um movimento de cabeça, esperou que Talliaferro se vestisse e conduziu-o a um quarto no piso superior, onde Ryger e Kaunas os aguardavam com expressões apreensivas.

Mandel moveu-se era cadenciado vaivém por uns momentos e terminou por dizer:

— Peço-lhes desculpa pelo incómodo, meus senhores e agradeço o espírito de colaboração manifestado. O nosso amigo Romano Villiers faleceu. O corpo foi retirado do hotel, há cerca de uma hora. Segundo os médicos, sucumbiu a um colapso cardíaco.

Seguiu-se um pesado silêncio. Por fim, Talliaferro articulou:

— Pobre diabo.

— Horrível — murmurou Kaunas, em voz rouca.

— Há muito que sofria do coração — observou Ryger.

— Quando o viram pela última vez? — perguntou Mandel.

— Ontem à noite — declarou Talliaferro. — Reunimo-nos pela primeira vez em dez anos. O encontro não decorreu em atmosfera cordial, lamento revelá-lo. Villiers guardava-nos rancor e mostrava-se irritado.

— Que horas eram?

— Nove aproximadamente, da primeira vez.

— Da primeira vez?

— Voltámos a vê-lo, mais tarde.

— Como nos tínhamos separado um pouco abruptamente, queríamos restabelecer certa harmonia nas relações com ele — explicou Kaunas, com uma ponta de embaraço. — Procurámo-lo no quarto e...

— Estiveram os três no quarto de Villiers? — atalhou Mandel.

— Sim — confirmou Kaunas, surpreendido.

— Quando?

— Por volta das onze.

— Demoraram-se muito?

— Dois minutos — interpôs Ryger. — Correu connosco, como se pretendêssemos roubar-lhe a comunicação que queria apresentar ao Congresso. Creio que a tinha debaixo do travesseiro. Pelo menos, fiquei com essa impressão, pela forma como lhe colocava os braços em cima.

— Talvez já estivesse moribundo — murmurou Kaunas.

— Nessa altura, ainda não — declarou Mandel. — Sendo assim, deixaram lá as impressões digitais.

— É provável — admitiu Talliaferro, começando a impacientar-se. — Por que nos chamou, afinal?

— O único exemplar da comunicação que Villiers pretendia apresentar foi depositado na unidade destruidora do lixo e apenas ficaram pequenos fragmentos re-conhecíveis. Eu nunca a tinha lido, mas estava suficientemente ao corrente do assunto para identificar o que restava. — Mandel fez uma pausa. — Sabem se há outros condiscípulos dele presentes no Congresso?

— Não — disse Kaunas. — Somos os únicos que se doutoraram em Astronomia nesse ano.

— Nesse caso, um dos três visitou Villiers no seu quarto, cerca da meia-noite.

— Onde pretende chegar? — inquiriu Talliaferro, depois que, sacudiu a cabeça com veemência, imitado pelos dois colegas.

— Essa pessoa procurou-o à meia-noite e insistiu em que lhe mostrasse a comunicação. Desconheço o motivo. Provavelmente, tencionava provocar-lhe um colapso cardíaco. Quando Villiers sucumbiu, o criminoso, se me é permitido tratá-lo assim, apoderou-se do documento e registou-o no seu esquadrinhador. Em seguida, destruiu-o do modo que expliquei, mas como estava com pressa não se certificou de que restavam alguns pedaços identificáveis.

— Como sabe tudo isso? — perguntou Ryger. — Estava presente?

— Quase — redarguiu Mandel. — Villiers não sucumbiu ao primeiro colapso e, quando o assassino se afastou, pegou no telefone e ligou ao meu quarto, articulando algumas palavras entrecortadas que me elucidaram do que se passara, infelizmente demasiado tarde, pois achava-me ausente nesse instante e a chamada ficou registada no meu gravador. Quando regressei, procurei-o imediatamente, mas já tinha morrido.

— Quem acusou? — indagou Ryger.

— Ninguém, directamente. No entanto, por entre várias palavras ininteligíveis, distingui claramente o termo «condiscípulo».

Talliaferro extraiu o esquadrinhador do bolso do casaco e estendeu-o a Mandel.

— Se quiser revelar o filme que contém, não me oponho. Não encontrará nele a comunicação de Villiers.

Kaunas seguiu-lhe o exemplo com prontidão e Ryger imitou-o. Mandei aceitou os três esquadrinhadores e observou secamente:

— Suponho que o culpado tratou de substituir o filme exposto, mas mesmo assim procurarei certificar-me.

— Pode revistar-me e os meus aposentos —disse Talliaferro.

— Mais devagar — interveio Ryger, enrugando a fronte. — O senhor pertence à Polícia?

— Desejam que a chame? — retorquiu Mandei. —Interessa-lhes o escândalo e uma acusação de homicídio? Ao mesmo tempo, a imprensa exploraria o assunto e todos os astrónomos andariam pelas ruas da amargura. Por outro lado, Villiers sofria realmente do coração e quem contribuiu para a sua morte talvez não agisse com premeditação. Se o culpado restituir o negativo do esquadrinhador, evitaremos aborrecimentos consideráveis.

— Mesmo para o criminoso? — frisou Talliaferro.

— Não lhe prometo imunidade absoluta — concedeu Mandei, com um encolher de ombros. — No entanto, não se sujeitará à vergonha pública e prisão perpétua, como aconteceria se a Polícia interviesse. — Vendo que ninguém se acusava, encaminhou-se para a porta. — Espero não tardar. Entretanto, o responsável poderá ponderar as vantagens da solução que sugeri.

Eram cinco horas da madrugada, quando Ryger consultou o relógio com indignação.

— Começa a passar das marcas. Preciso de dormir.

— Podemos passar pelo sono aqui mesmo — alvitrou Talliaferro com resignação. — Alguém tenciona confessar? — Kaunas desviou os olhos e Ryger arqueou as sobrancelhas. — É o que eu pensava.

Os três homens reclinaram-se nas poltronas e imergiram em estado de sonolência.

Talliaferro descerrou as pálpebras abruptamente quando Mandel reapareceu. Entretanto, amanhecera e o céu apresentava uma tonalidade azulada quase límpida. Involuntariamente, Talliaferro congratulou-se por a janela do quarto se conservar fechada. Habituado ao vácuo lunar, a possibilidade de a abrirem afigurava-se-lhe altamente desconfortável.

— Algum dos senhores tem qualquer coisa para dizer? —. perguntou Mandel. Deixou transcorrer um momento de silêncio. — Revelei os filmes

dos esquadrinha-dores e examinei o resultado. — Largou os instrumentos e respectivas películas em cima da cama. — Nada! Portanto, a questão mantém-se no ponto inicial. Necessitamos de encontrar o filme oculto.

— Se porventura existe — comentou Ryger, bocejando.

— Sugiro que me acompanhem ao quarto de Villiers.

— Para quê? — Kaunas parecia perturbado.

— Gostava que os dois inocentes me ajudassem a procurar o filme.

— Pensa que se encontra lá? — inquiriu Ryger com uma expressão de incredulidade.

— É uma hipótese a considerar. O simpósio sobre Astronáutica só principia amanhã às dez horas.

— E se não aparecer até lá?

— Teremos de chamar a Polícia.

Entraram lentamente no quarto há pouco ocupado por Villiers. Ryger apresentava-se corado e Kaunas pálido. Quanto a Talliaferro, procurava mostrar-se calmo. Mandel ajustou o polarizador da janela para que entrasse mais luz e Kaunas levou a mão aos olhos.

— O sol! —bradou, espavorido, como se estivesse no planeta Mercúrio, onde a intensidade dos raios solares era quase insuportável.

Talliaferro recordou a sua aversão pelo ar livre e rangeu os dentes. Achavam-se todos sob a influência nefasta de dez anos de ausência da Terra. Kaunas precipitou-se para a janela, a fim de accionar o polarizador e soltou uma exclamação de horror.

— Que foi? — quis saber Mandel, acorrendo, imitado pelos outros.

A cidade espraiava-se a seus pés até ao horizonte, sobre o qual o Sol brilhava fortemente. No entanto Kaunas, respirando com visível dificuldade, cravava os olhos num objecto mais próximo. A um canto do peitoril, introduzido numa ranhura, via-se um pedaço de película com cerca de três centímetros de comprimento.

Com um grito estrangulado, Mandel fez subir a janela, recolheu o filme e afastou-se apressadamente, com a recomendação:

— Esperem aqui!

Reapareceu vinte minutos mais tarde, para anunciar com desalento:

— Uma das pontas não tinha sido atingida pelos raios solares e consegui decifrar algumas palavras. Era na verdade a comunicação de Villiers. O resto está destruído, impossível de recuperar.

— Que se segue? — perguntou Talliaferro.

— Agora, é-me indiferente. A transferência da massa deixou de ser possível até que outro cérebro tão brilhante como o de Villiers descubra o método apropriado.

— Um momento. Se o assunto não se esclarecer, ficarmos eternamente envoltos em suspeitas, que só servirão para nos prejudicar as carreiras.

— Talvez tenha razão — admitiu Mandei. — Um amigo meu chamado Wendell Urth, afigura-se-me a pessoa indicada para solucionar o problema.

Edward Talliaferro olhava em redor, contemplando a ampla sala em que se encontrava, na qual se viam reunidos os objectos mais heterogéneos. Por outro lado, achava-se totalmente isolada do exterior, como se se situasse noutro planeta sem qualquer ponto de contacto com a Terra.

— Agradeço-lhes imenso terem comparecido, cavalheiros — proferiu o homem adiposo instalado numa poltrona-secretária. — Queiram desculpar a desarrumação que observam, mas resolvi catalogar os numerosos objectos de proveniência extraterrestre que possuo, e não é trabalho que se conclua num abrir e fechar de olhos. — Fez uma pausa. — Em que os posso servir?

Hubert Mandel procedeu às apresentações e expôs pormenorizadamente o assunto que os levara à presença do famoso extraterrólogo. As faces deste avermelharam-se de entusiasmo, à medida que o escutava.

— Transferência da massa! — exclamou finalmente.

— Assisti à experiência.

— E só agora mo revela!

— Tinha prometido guardar segredo. A descoberta foi efectuada por um homem um pouco... singular.

— Transferência da massa... — volveu Urth. — O único meio decente para um homem civilizado se deslocar sem esforço de espécie alguma. Se me encontrasse presente... Mas o hotel fica a mais de quarenta quilómetros daqui.

— Nunca ouviu falar nos aeroflutuadores? — interpôs Ryger, com uma ponta de ironia.

— Vejo que não o puseram ao corrente da minha fobia — replicou o extraterrólogo. — Detesto todos os meios de locomoção. Só ando a pé, o que me impõe certas limitações, como compreenderá. Mas voltemos ao vosso problema. Antes de nos aventurarmos mais longe, algum dos três deseja confessar?

— Está de qualquer modo associado à Polícia? — perguntou Talliaferro, assolado por uma inspiração repentina.

— Oficialmente, não. Todavia, possuo conhecimentos em vários círculos influentes.

— Nesse caso, vou transmitir-lhe determinadas informações que poderá repetir às autoridades.

Urth serviu-se da fralda da camisa para limpar as lentes dos óculos e proferiu:

— Sou todo ouvidos.

— Quero revelar-lhe quem se encontrava presente quando Villiers morreu e aproveitou o ensejo para registar a comunicação no seu esquadrinhador.

— Perfeitamente.

— O culpado é, obviamente, o Dr. Hubert Mandel — proclamou Talliaferro.

O visado arregalou os olhos, ao mesmo tempo que principiava a respirar com dificuldade.

— Espero que possua provas do que afirma.

— Deixe ouvir o resto, Hubert — rogou Urth.

Esforçando-se por dominar a voz, Talliaferro prosseguiu:

— A evidência afigura-se-me clara. Éramos quatro ao corrente da transferência da massa, mas apenas um, o Dr. Mandei, assistira a uma demonstração. Portanto, sabia que se tratava de um facto e que existia um documento descrevendo-o. Quem visitou Villiers à meia--noite, o viu sucumbir ao primeiro colapso e registou no seu esquadrinhador o texto da comunicação, ficou decerto assombrado ao inteirar-se de que regressava aparentemente à vida e falava pelo telefone. Nessa altura, o nosso criminoso compreendeu que necessitava de se desembaraçar da prova

comprometedora: o filme ainda não revelado. E precisava de o fazer de modo que não fosse encontrado, a fim de o recolher mais tarde, quando já não existisse o perigo de se tornar suspeito. O lado de fora do peitoril da janela resultava o lugar ideal, e não perdeu tempo em depositá-lo lá.

— Mas qualquer dos senhores podia proceder do mesmo modo — argumentou o extraterrólogo.

— Engana-se — tornou Talliaferro. — Repare que a janela foi aberta e o filme colocado ao ar livre. Ora, Ryger viveu dez anos no planeta Ceres, Kaunas em Mercúrio e eu na Lua. Ontem, antes de Villiers nos visitar, trocámos impressões sobre a dificuldade em nos readaptarmos ao ambiente terrestre. Os mundos em que permanecemos ultimamente não possuem ar respirável. A exposição sem a protecção adequada afigura-se-nos inadmissível. Nenhum de nós abriria a janela sem prolongada luta íntima. No entanto, o Dr. Mandel tem permanecido exclusivamente na Terra e não experimentaria a mínima relutância em fazê-lo. *Ergo*, é o culpado.

Reclinou-se na poltrona e esboçou um sorriso de satisfação.

— Deve ter sido isso, com a breca! — bradou Ryger.

—- Nego energicamente semelhante acusação! — protestou Mandei. — Esquece a gravação das palavras que Villiers proferiu pelo telefone? Mencionou claramente o termo «condiscípulo».

— Estava moribundo e o senhor mesmo admitiu que a maior parte do que disse era ininteligível — retrucou Talliaferro. — De resto, uma gravação de uma voz alterada pelo estertor da morte não é muito difícil de simular.

— Basta, basta — interveio Urth em tom conciliador. — É uma teoria engenhosa, Dr. Talliaferro, mas tomba pela base sob o seu próprio peso. Não vê que Hubert Mandel fez demasiado, para ser o criminoso?

— Confesso que não.

— Repare que, se ele provocasse a morte de Villiers ou o encontrasse morto e aproveitasse a circunstância para se apoderar da descoberta, teria de fazer pouquíssimo. Para quê esquadrinhar o texto da comunicação ou até simular que alguém o efectuara? Bastar-lhe-ia levar o documento, pois existiam fortes motivos para supor que Villiers não divulgara o assunto a outrem. Mesmo que Mandel soubesse que os antigos condiscípulos da vítima tinham ouvido mencionar o facto, estes dispunham únicamente da palavra de um louco como prova de que falara verdade.

«Por conseguinte, as actividades a que se dedicou a partir do instante em que anunciou a destruição da comunicação só serviriam para o tornar suspeito, quando lhe bastaria conservar-se calado para haver praticado um crime quase perfeito. Se fosse o criminoso, teria procedido como um imbecil completo, e asseguro-lhe que não se trata de um tolo.

— Nesse caso, quem é o culpado? — inquiriu Ryger.

— Um dos três.

— Mas qual?

— É óbvio. Determinei a identidade do criminoso assim que Mandel concluiu a descrição dos factos. Antes do mais, quero frisar um ponto. O segredo da transferência da massa ainda se pode recuperar.

— Como? — perguntou Mandei, arqueando as sobrancelhas.

— Quem esquadrinhou o documento deve ter lido o que registava. Portanto, se o submetermos à psico-sonda, extrair-lhe-emos aquilo que o cérebro fixou. — Urth olhou à sua volta. — O culpado deseja confessar? — Após um prolongado silêncio, continuou: — Muito bem. Nesse caso, indicá-lo-ei. O Dr. Talliaferro frisou que o filme foi escondido no lado de fora do peitoril da janela para que ninguém o descobrisse. Todavia, por que motivo imaginaria o criminoso que semelhante lugar resultaria um esconderijo seguro? A Polícia não deixaria de procurar aí. Mesmo sem a presença das autoridades, houve quem o encontrasse. Quem suporia o contrário? Obviamente, alguém que tivesse vivido muito tempo num mundo sem ar respirável.

«Para quem se achasse habituado ao ambiente lunar por exemplo, um objecto oculto fora da Cúpula do nosso satélite não correria o perigo de ser encontrado. Os seres humanos raramente se aventuram ao exterior e apenas o fazem no cumprimento de missões especiais. Por conseguinte, evitaria abrir a janela e expor-se àquilo que, subconscientemente lhe pareceria o vácuo... a menos que pretendesse esconder um objecto no exterior, pois nessa eventualidade pensaria que ninguém se lembraria de o procurar num ambiente que o subconsciente lhe fazia supor irrespirável.

— Por que aludiu à Lua? — quis saber Talliaferro.

— Apenas para exemplificar. O que acabo de dizer aplica-se aos três indistintamente. Mas passemos ao ponto crucial: a noite em que Viíliers morreu. Mesmo que considerassem o exterior do peitoril como um esconderijo seguro, qual dos três cometeria a loucura de o julgar o local

apropriado para um filme não revelado? Assim que os raios solares lhe incidissem, ficaria irremediavelmente destruído. Contudo, suponhamos que o criminoso não admitia a possibilidade de amanhecer jamais. Afigurava-se-lhe que a noite era, por assim dizer, imortal.

— Espere um momento — atalhou Kaunas.

— Não há necessidade de esperar por coisa alguma — volveu Urth. — Mercúrio é o único planeta conhecido do sistema solar que volta sempre a mesma face para o Sol Mesmo entrando em linha de conta com a libração, três oitavos da sua superfície mantêm-se permanentemente nas trevas e o Observatório Polar situa-se nessa zona. Durante dez anos, habituou-se às noites imortais, Dr. Kaunas, e um filme que fosse abandonado no exterior não correria o menor perigo de se inutilizar.

«Consoante Mandei referiu no início da nossa conversa, o senhor soltou um grito no momento em que ele ajustou o polarizador do quarto de Villiers e a claridade penetrou pela janela. Precipitou-se para a frente no intuito de alterar a posição do polarizador, ou para contemplar o filme destruído pelos raios solares?

— Procurei-o unicamente para conversarmos, mas ele encolerizou-se e sofreu um colapso — confessou Kaunas em voz trémula. — Julguei-o morto e tratei de registar o texto do documento com o esquadrinhador. No entanto, juro que não o visitei com semelhante intenção! — E tombou de joelhos, soluçando convulsivamente.

O carro celular levara Kaunas, e os três homens preparavam-se para abandonar as instalações de Wendell Urth.

— Espero que não me guarde rancor — observou Talliaferro, voltando-se para Mandel.

— Julgo preferível para todos esquecermos o que se passou nas últimas vinte e quatro horas — replicou o outro, secamente.

— Falta abordar a questão dos meus honorários — lembrou Hurth, com um sorriso. Vendo que Mandel o fitava com estranheza, apressou-se a acrescentar: — Não se trata de dinheiro. Quando a transferência da massa for possível para os seres humanos, quero que me proporcionem uma viagem.

— Ainda faltam muitos anos para que as deslocações através do Espaço sejam possíveis.

— Não exijo tanto. Contento-me com uma visita a Lower Falls, New Hampshire.

— Por que escolheu esse local?

O extraterrólogo exibiu subitamente uma expressão mista de ansiedade e timidez.

— Conheci uma rapariga de lá, há vários anos. Passou muito tempo, mas nunca se sabe...

Nota Final

Alguns leitores talvez se apercebam de que este conto, escrito em 1956, foi ultrapassado pelos factos. Em 1965, os astrónomos descobriram que o planeta Mercúrio não conserva sempre o mesmo lado voltado para o Sol, possuindo um período de rotação de cerca de cinquenta e quatro dias, pelo que todos os seus pontos ficam expostos aos raios solares num ou noutro momento.

Que posso eu dizer além de que os astrónomos deviam ter efectuado a descoberta há mais tempo?

E não estou disposto a alterar o conto só para o adaptar aos seus caprichos.

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

A descrição seguinte não constitui propriamente uma história policial ou mesmo uma história no sentido rigoroso do termo. Não sei como classificá-la, a menos que a considere uma sátira à investigação científica.

Recebi mais correspondência após a sua publicação do que depois da aparição de qualquer outro trabalho meu. Ao mesmo tempo, registou-se um telefonema de um homem que se exprimia com forte sotaque da Europa Central. Explicou que se encontrava em Boston, a fim de participar num congresso, e desejava agradecer-me o prazer que «A Galinha dos Ovos de Ouro» lhe proporcionara.

Tentei obter o seu nome, mas recusou revelar-mo. Receava que a sua reputação se ressentisse do facto de se tornar conhecido que lia obras de ficção científica. Se porventura ler a presente obra em segredo, desejo afirmar-lhe que não constitui um exemplo único e pode abando o anonimato sem perigo para a sua posição.

Não podia divulgar o meu nome verdadeiro mesmo que quisesse, e, em face das circunstâncias, não o desejo fazer. Como não manifesto inclinação especial para as Letras, pedi a Isaac Asimov que escrevesse a presente crónica por vários motivos. Em primeiro lugar, como bioquímico, entende-me perfeitamente. Em segundo, sabe escrever, ou pelo menos publicou várias obras de ficção científica, o que pode não ser a mesma coisa, claro.

Não fui a primeira pessoa a ter a honra de conhecer A Galinha. Teve-a um fazendeiro do Texas chamado Ian Angus MacGregor, a quem a ave pertencia antes de se tornar propriedade do Estado. Por alturas do Verão de 1955, ele enviara mais de uma dúzia de cartas ao Departamento de Agricultura solicitando informações sobre a incubação dos ovos de galinha. Aquela dependência oficial mandou-lhe todos os folhetos de que dispunha, porém as missivas do homem continuaram a chegar, cada vez mais acaloradas, agora com alusões veladas a um «amigo» que fazia parte do Congresso.

A minha interferência no assunto deveu-se à circunstância de trabalhar no Departamento de Agricultura. Como tinha de participar numa reunião efectuada em Santo António, em Julho de 1955, o meu chefe pediu-me que passasse pela herdade de MacGregor e tentasse solucionar-lhe os problemas. Convinha não esquecer que, acima de tudo, nos competia auxiliar o público, além do que o tal congressista estabelecera contacto connosco.

Vi A Galinha pela primeira vez a 17 de Julho de 1955. Mas antes conheci MacGregor, um indivíduo de cinquenta e cinco anos, alto, de expressão desconfiada. Repeti-lhe todos os elementos que recebera pelo correio e perguntei polidamente se podia ver as galinhas.

— É só uma — frisou.

— Muito bem. Posso então ver a galinha?

— Não me parece conveniente.

— Nesse caso, não compreendo como quer que o auxilie. Se se trata apenas de uma, não se preocupe com ela. Coma-a. — Levantei-me e estendi a mão para o chapéu.

— Espere! —O homem comprimiu os lábios, como se travasse violenta luta íntima e proferiu: — Venha comigo.

Acompanhei-o a uma capoeira rodeada de arame farpado, com um forte cadeado na porta, que continha uma galinha — A Galinha.

— É esta — anunciou solenemente. — Eis um dos seus ovos. Meti-o na incubadora, e nada. — E extraiu-o de um dos enormes bolsos do fato-macaco. — Pegue-lhe.

Franzi o sobrolho. Havia algo de estranho no ovo. Era mais pequeno e mais esférico que o normal e, quando tentei pegar-lhe, verifiquei que tinha um peso extraordinário, sem dúvida não inferior a um quilograma.

— Deixe-o cair — sugeriu MacGregor, subitamente.

Vendo que eu hesitava, tirou-mo da mão e largou-o. O ovo embateu no solo mas não se esmagou. Limitou-se a ficar com a parte inferior amolgada. Recolhi-o de novo. A casca estalara no local do impacto e através da abertura descortinei algo de uma tonalidade amarelada baça.

Senti as mãos tremer involuntariamente. Retirei mais alguns fragmentos de casca, contemplei o conteúdo e estremeci.

Dentro da capoeira cautelosamente protegida encontrava-se A Galinha dos Ovos de Ouro! O meu problema imediato consistia em convencer o homem a ceder-me o ovo.

— Vou passar-lhe um recibo — declarei em voz trémula. — Garanto-lhe o pagamento. Concordarei com tudo o que for razoável.

— Não quero que o Governo se intrometa.

Após prolongado vaivém de palavras, entreguei-lhe um recibo e retirei-me com o ovo.

O chefe da minha secção no Departamento de Agricultura chama-se Louis P. Bronstein. Como existem as relações mais cordiais entre nós, afigurou-se-me que lhe poderia revelar a verdade sem ingressar imediatamente numa clínica de enfermos mentais. Apesar disso, fiz-me acompanhar do ovo e depositei-o em cima da secretária quando cheguei à parte mais difícil da descrição.

— É um metal amarelo e podia tratar-se de latão, mas a possibilidade não se deve admitir porque permanece inerte à acção do ácido nítrico — esclareci.

— Tem de haver uma explicação plausível — aventurou Bronstein.

— É possível, mas gostava de a conhecer. Quando vi isto pela primeira vez, estava completamente coberto por casca de ovo autêntica. Mandei

examinar um pedaço e não restam dúvidas de que se compõe de carbonato de cálcio.

A partir desse momento, teve início o Projecto Galinha. Estávamos a 20 de Julho de 1955. Fui nomeado investigador responsável pelas operações e conservei o cargo até ao fim, embora a situação em breve se achasse fora do meu domínio. Principiámos com aquele ovo. Tinha um raio médio de trinta e cinco milímetros, com setenta e dois de eixo maior e sessenta e oito de eixo menor. A casca de ouro apresentava a espessura de 2,45 milímetros, portanto ligeiramente superior à das cascas normais: 2,1 milímetros. No interior, havia o conteúdo de um ovo vulgar. Pelo menos, possuía o aspecto e cheiro característicos.

Analisámos as partes alíquotas e chegámos a conclusões perfeitamente razoáveis. No entanto, despertou-nos a atenção o comportamento estranho perante o aquecimento. Uma pequena porção da gema endurecia quase imediatamente. Obrigámos um rato a ingerir um pedaço e sobreviveu.

Boris W. Finley, do Departamento de Bioquímica da Universidade Temple, orientou os ensaios e observou em referência ao endurecimento da gema:

— A facilidade com que as proteínas do ovo são desnaturadas pelo calor indica uma possível contaminação metálica.

Perante isso, analisámos uma porção da gema, em busca de constituintes inorgânicos, e deparou-se-nos uma elevada percentagem de iões clorauratos, que consistem em iões contendo um átomo de ouro e quatro de cloro com o símbolo $AuCl^4$, Finalmente, Finley, declarou:

— É óbvio que este ovo não pode ser chocado. Nem outro qualquer de constituição idêntica. Acha-se deveras envenenado metàlicamente. O ouro será mais atraente que o chumbo, mas não se revela menos venenoso para as proteínas.

Quando recebemos a análise espectrográfica do ouro da casca, observámos que era virtualmente puro. A única impureza consistia em ferro numa percentagem de vinte e três. O conteúdo deste metal na gema revelara-se igualmente anormal. De momento, porém, a questão do ferro foi desprezada.

Uma semana após o início do Projecto Galinha, foi enviada uma expedição ao Texas. Compareceram cinco bioquímicos, juntamente com três camiões, carregados de equipamento e uma companhia de soldados

armados. Eu também fui, evidentemente. Assim que chegámos, isolámos a propriedade de MacGregor do resto do Mundo. O Departamento desejava que as operações se revestissem de sigilo absoluto, pois admitia a hipótese de se tratar de uma mistificação e não queria sujeitar-se ao ridículo se a Imprensa divulgasse o facto.

Naturalmente, o fazendeiro encarou a nossa aparição com manifesto desagrado, que não se atenuou quando lhe comunicámos que a Galinha passava a pertencer ao Estado e os ovos que pusesse seriam apreendidos para investigação. No entanto, acabou por concordar, para o que deve ter concorrido a presença dos militares que patrulhavam o terreno de baioneta calada.

Escusado será frisar que recebeu compensação monetária substancial. No fundo, que representa o dinheiro para o Governo?

A Galinha também mostrou forte relutância ante certas coisas, como a extracção de pequenas quantidades de sangue para análises. Por outro lado, colocámo-la sob vigilância permanente, com a ameaça de o responsável pelo seu desaparecimento ser submetido a Conselho de Guerra sumaríssimo se tal acontecesse.

O sangue da ave foi submetido a todos os ensaios conhecidos. Continha um por cento de iões de cloraurato. O que extraímos da veia hepática mostrou-se mais concentrado que o restante: cerca do dobro. Finalmente, Finley grunhiu:

— O fígado.

Tratámos de o radiografar. A chapa exibia uma massa densa, embora não tanto como as vísceras das imediações, porque se opunha mais do que estas à passagem dos Raios-X, em virtude da maior quantidade de ouro. No tocante aos ovários, a passagem era nula.

Parte do relatório subsequente de Finley rezava assim:

O ião cloraurato é segregado pelo fígado no sistema circulatório. Os ovários actuam como um alçapão para o ião, que fica reduzido a ouro metálico e depositado sob a forma de casca em volta do ovo em formação. Concentrações relativamente elevadas de ião cloraurato não reduzido penetram no conteúdo do ovo em formação. Restam escassas dúvidas de que A Galinha encontra o processo útil para se libertar dos átomos de ouro os quais, se se acumulassem, terminariam por envenená-la. A excreção por meio da casca do ovo poderá constituir uma novidade no reino animal,

porventura um facto ímpar, mas é óbvio que serve para conservar A Galinha viva. Infelizmente, por outro lado, o ovário está sendo envenenado a tal extremo que poucos ovos são postos (provavelmente apenas os suficientes para expelir o ouro acumulado) e resultam impróprios para a incubação.

Ao mesmo tempo, apresentava-se-nos uma interrogação. De onde procederia o ouro?

Durante algum tempo, não obtivemos qualquer resposta, excepto através de provas negativas. Tanto na alimentação da ave, como no solo ou qualquer outro local das proximidades, não existia o mais remoto vestígio de ouro. Portanto, de onde vinha ele?

Os primeiros indícios da explicação surgiram a 16 de Agosto de 1955. Albert Nevis, um dos nossos técnicos, entretinha-se a introduzir um tubo gástrico na boca de A Galinha, no intuito de analisar o conteúdo do canal alimentar, uma das tentativas rotineiras para detectar ouro exógeno. Na realidade, encontraram-se vestígios e havia motivos para supor que estes tinham acompanhado as secreções digestivas e eram, por conseguinte, de origem endógena. Todavia, algo mais se nos deparou; ou melhor, a sua ausência.

Eu encontrava-me presente quando Nevis entrou no gabinete de Finley, que improvisáramos perto da capoeira.

— A Galinha possui pigmentos de bílis em quantidade reduzida. O conteúdo do duodeno acha-se praticamente isento deles.

— O funcionamento do fígado deve ser afectado pela concentração de ouro que acusa — aventou Finley. —Talvez nem segregue bílis de espécie alguma.

— Segrega, sim — redargiu Nevis. — Os ácidos da bílis acham-se presentes em quantidade normal. São os pigmentos que faltam. Procedi a uma análise fecal que confirmou o facto. Afigura-se-me que o catabolismo porfirino não se desenrola devidamente no fígado.

A partir de então, registou-se uma considerável excitação. Era a primeira anormalidade, que não envolvia o ouro directamente, encontrada em A Galinha!

Procedemos a uma biopsia do fígado e extraímos um pouco mais de sangue. Desta vez, isolámos hemoglobina do sangue e pequenas

quantidades de citocromas das amostras do fígado (Os citocromas são enzimas oxidantes que também contêm hema). Separámos a hema e, numa solução ácida, parte dela precipitou-se na forma de uma substância alaranjada brilhante. A 22 de Agosto de 1955, possuíamos cinco microgramas do composto.

O composto alaranjado era semelhante à hema, mas nada tinha de comum com esta. O ferro na hema pode achar-se sob a forma de um ião ferroso duplamente carregado (Fe^{++}) ou triplamente (Fe^{+++}); neste último caso denomina-se hematina. O composto alaranjado que separámos da hema continha a porção porfirina da molécula, porém o metal do centro era ouro; mais concretamente um ião de ouro triplamente carregado (Au^{+++}), ao qual passámos a chamar aurema, e constituiu o primeiro composto orgânico de formação natural que se nos deparou.

Tudo indicava que o fígado não seccionava a hema em pigmentos de bílis, convertendo-a em aurema. Por outras palavras, substituía o ferro por ouro. A aurema, em equilíbrio com o ião cloraurato, penetrava no sistema circulatório e seguia para os ovários, onde o ouro era separado e a porção porfirina da molécula dissipada por intermédio de um mecanismo por enquanto não identificado. Análises ulteriores mostraram que vinte e nove por cento do ouro do sangue de A Galinha eram transportados para o plasma sob a forma de ião cloraurato. Os restantes setenta e um por cento seguiam nos corpúsculos vermelhos do sangue sob a forma de auremoglobina. Esta resultava, obviamente, inútil para o transporte de oxigénio, mas constituía apenas 0-1 por cento da hemoglobina total das células vermelhas do sangue, pelo que não se registava qualquer interferência na respiração de A Galinha.

— Continuávamos, pois, perante a dúvida sobre a procedência do ouro, quando Nevis formulou a sugestão crucial:

— É possível que A Galinha não substitua o ferro por ouro e se limite a *transformá-lo.*

Atendendo a que se tratava de um indivíduo particularmente prudente nas suas afirmações, estas palavras revelam bem o desespero e desmoralização que envolviam a Operação Galinha.

Finley decidiu considerar a ideia a sério.

— A hemoglobina penetra no fígado e sai um pouco de auremoglobina — reflectiu a meia voz. — A casca de ouro dos ovos contém ferro como

única impureza. A gema apresenta percentagem elevada de ouro e ferro. Na verdade faz sentido, embora de um modo algo distorcido. Vamos precisar de ajuda.

Não se equivocava. Chegara o momento de os físicos nucleares entrarem em cena. A 5 de Setembro de 1955, John L. Billings, da Universidade da Califórnia, fez a sua aparição acompanhado de abundante equipamento. Finley pô-lo ao corrente da situação e concluiu:

— Há vários problemas graves envolvidos na teoria do ferro transformado em ouro. Para já, a quantidade de ferro total no interior da ave deve ser da ordem de meio grama. Apesar disso, cerca de quarenta gramas de ouro brotam dela diariamente.

— Ocorre-me um problema mais complexo que esse — replicou Billings. — O ferro situa-se quase no fundo da curva de fracção, ao passo que o ouro ocupa uma posição mais elevada. Para converter um grama de ferro em igual peso de ouro, torna-se necessária quase tanta energia como para a produção de um grama de U-235.

— Essa parte da questão fica a seu cargo — declarou Finley, encolhendo os ombros.

— Vou pensar nisso...

Billings não se limitou a pensar. Uma das coisas que ordenou consistiu no isolamento de amostras novas de ema de A Galinha, as quais mandou reduzir a cinzas, enviando o óxido de ferro resultante a Brookhaven a fim de ser submetido a análise isotópica. Quando recebemos o resultado, ficámos perplexos.

— Não contém Fe^{56} — anunciou Billings.

— E a respeito dos outros isótopos? — inquiriu Finley.

— Estão todos presentes nas percentagens adequadas.

Abro um parêntese para proceder a um esclarecimento. O ferro, como acontece naturalmente, é constituído por quatro isótopos distintos, os quais representam variedades de átomos que diferem uns dos outros no seu peso atómico. Os átomos de ferro com o peso atómico de 56 (Fe^{56}) constituem 91,6 por cento de todos os existentes no ferro. Os restantes têm pesos atómicos de 54, 57 e 58.

O ferro recolhido da hema de A Galinha era formado apenas por Fe^{54}, Fe^{57} e Fe^{58}. A inferência era óbvia. O Fe^{56} desaparecia enquanto os outros

isótopos se mantinham, o que equivalia à existência de uma reacção nuclear. Com efeito, uma reacção desse tipo pode extrair um isótopo e deixar os restantes. Uma reacção química de qualquer natureza, disporia de todos os isótopos igualmente.

— Mas é impossível! — articulou Finley.

Não vimos Billings durante dois dias. Quando finalmente, reapareceu declarou:

— A reacção produtora de energia deve originar tanta energia por núcleo envolvido como a que o fenômeno exige. Se fornecesse um pouco menos, a reacção não se registaria. Se a excedesse, A Galinha vaporizar-se-ia em virtude do excesso de energia.

— E daí? — inquiriu Finley.

— O número de reacções possíveis é extremamente limitado. Só consegui encontrar um sistema plausível. O oxigénio-18, quando convertido em ferro-16, produz energia suficiente para transformar o ferro-57 em ouro-197. É o mesmo que deslizar ao longo de uma vaga e trepar à seguinte. Precisamos certificar-nos.

— Como?

— Em primeiro lugar, analisaremos a composição isotópica do oxigénio de A Galinha.

O oxigénio é constituído por três isótopos estáveis, na sua maioria O-16. O O-18 constitui apenas um átomo do oxigénio em 250.

Nova colheita de sangue. O conteúdo de água foi extraído por destilação no vácuo e parte dele submetido ao espectrógrafo. Havia 0-18, mas apenas um átomo de oxigénio em 1300. 80 por cento do O-18 que esperávamos não se achavam presentes.

— É evidência confirmativa —disse Billings. — O oxigénio-18 está sendo consumido, fornecido constantemente nos alimentos de A Galinha. Ao mesmo tempo, produz-se ouro-197. O ferro-56 constitui um intermediário, e como a reacção que o consome é mais rápida que a que o produz, não tem oportunidade de atingir concentração significativa, pelo que a análise revela a sua ausência.

Não ficámos satisfeitos e tentámos de novo. Fornecemos à ave água enriquecida com 0-18, durante uma semana e a produção de ouro aumentou

quase imediatamente. Ao fim de oito dias, produzia 45,8, enquanto o conteúdo de 0-18 na água não superava o anterior.

— Não resta a mínima dúvida — afirmou Billings. A Galinha é um reactor nuclear vivo.

A Galinha constituía indubitavelmente uma mutação. Ora, uma mutação sugeria radiação, entre outras coisas e o facto trouxe-nos à memória as experiências nucleares efectuadas em 1952 e 1953 a algumas centenas de quilómetros da propriedade de MacGregor.

Após novas análises, agora à natureza da radioactivi-dade denunciada pelo solo, Finley redigiu o seguinte relatório, a 6 de Dezembro de 1955:

A Galinha ê uma mutação a todos os títulos extraordinária, nascida de um ambiente de alto nível de radioactividade. Possui sistemas de enzimas susceptíveis de catalisar várias reacções nucleares. Se cada sistema se compõe de um único enzima ou vários, não foi possível determiná-lo, assim como a sua natureza.

A transformação nuclear detectada traduz-se em oxigénio-18 para ouro-197, o qual é expelido através dos ovários. Um produto intermédio consiste no ferro-56, e o facto de se formar auremoglobina leva-nos a suspeitar de que o enzima, ou enzimas, envolvido possui hema como grupo protético.

Principiámos a administrar à ave isótopos radioactivos, porém A Galinha continuava a não denunciar a menor radioactividade.

— Parece podermos concluir que o processo nuclear catalisador por enzimas consegue estabilizar qualquer isótopo instável — observou Billings. — Representa uma defesa perfeita contra a era atómica. A conversão de oxigénio-18 em ouro-197 devia libertar mais de oito positrões por átomo de oxigénio, o que equivale a uma quantidade igual de raios-gama combinados com um electrão. Ora, também não detectámos raios-gama. Portanto, A Galinha deve podê-los absorver sem o menor perigo.

— Uma maravilha científica — comentou Finley.

— Se conseguíssemos descobrir o mecanismo envolvido e reproduzi-lo no laboratório, ficaria resolvido o problema da dispersão de poeiras radioactivas, único inimigo que nos impede de efectuar experiências nucleares em larga escala, sob pena de eliminarmos a Humanidade.

Ora, o segredo situava-se certamente no fígado de A Galinha. Para o examinarmos convenientemente, teríamos de matar A Galinha dos Ovos de Ouro.

— Precisamos de uma ideia, um ponto de partida radical — declarou Billings.

Embrenhámo-nos em cogitações prolongadas, até que me acudiu uma inspiração.

— A ficção científica!

— Hem? — articulou Finley.

— As revistas de ficção científica costumam publicar artigos fantasistas para divertir os leitores. Não violaríamos o sigilo que prometemos, porque ninguém encararia a revelação a sério. Por outro lado, existe a possibilidade de alguém que leia a descrição enviar uma sugestão aceitável.

Após breve debate, chegámos a acordo e tratei de contactar imediatamente com John Campbell, editor da revista em que Isaac Asimov colabora.

Acabam de ler o artigo. Para já, peço-lhes que não o tomem a sério, pois não passa de um arrazoado fantasista igual a tantos outros que figuram nas publicações de ficção científica.

Em todo o caso... Ocorre-lhes alguma ideia para extrair o fígado à Galinha dos Ovos de ouro sem evitar que deixe de produzir ouro-197?

O PÓ MORTAL

À semelhança de todos os que trabalhavam para o insigne Llewes, Edmund Farley atingiu o ponto em que reconheceu que a morte do supracitado Llewes lhe proporcionaria particular satisfação.

Quem não pertencesse à organização não compreenderia semelhante animosidade. Com efeito, Llewes era tido como um químico orgânico, que levara o Sistema Solar ao serviço da sua ciência. Fora o primeiro a utilizar a Lua em reacções a larga escala efectuadas no vácuo, à temperatura da água em ebulição ou do ar líquido, consoante a época do ano. A fotoquímica tornou-se em algo de novo e maravilhoso, quando aparelhos cuidadosamente concebidos foram lançados para flutuar livremente em órbitas em torno das estações espaciais.

No entanto, para sermos fiéis à verdade, devemos confessar que Llewes não passava de um ladrão de créditos, pecado quase impossível de perdoar. Um estudante anónimo lembrara-se em primeiro lugar de colocar aparelhos na superfície da Lua; um técnico esquecido projectara o primeiro reactor espacial autónomo. Não obstante, ambos os êxitos permaneciam intimamente ligados ao nome de Llewes.

E nada se podia fazer para o evitar. O funcionário que se despedisse dominado pela indignação, não possuiria as referências indispensáveis para obter nova colocação. A sua palavra sem provas contra a de Llewes careceria de todo e qualquer valor. Por outro lado, aqueles que se sujeitavam à situação, achavam-se seguros do êxito futuro.

Todavia, Edmund Farley acalentava motivos especiais para detestar o chefe. Regressara de Titã, o maior dos satélites de Saturno, onde, apenas coadjuvado por autómatos, montara o equipamento necessário para

aproveitar por completo a atmosfera redutora de Titã. Os planetas maiores possuíam atmosferas compostas fundamentalmente por hidrogénio e metano, porém Júpiter e Saturno revelavam-se demasiado extensos para permitir investigações concretas e Urano e Neptuno excessivamente distantes. Titã, ao invés, tinha as dimensões aproximadas de Marte e temperatura suficientemente baixa para reter uma atmosfera semi-rarefeita de hidrogénio-metano.

As reacções em larga escala podiam desenrolar-se ali com facilidade, ao passo que na Terra seriam cinèticamente problemáticas. Farley permanecera em Titã durante dezoito meses e regressara com uma ideia engenhosa. No entanto, adivinhava que se tomaria em mais uma proeza sensacional de Llewes.

Os outros compreenderam a sua contrariedade, encolheram os ombros e acolheram-no como mais um membro da irmandade. Farley comprimiu os lábios e escutou com atenção as palavras dos companheiros que abordavam o tema da violência.

Jim Gorham, o mais acalorado, afirmava:

— Llewes seria uma pessoa fácil de eliminar, em virtude dos seus hábitos regulares. Repare-se, por exemplo, na sua insistência em comer isolado de todos. Encerra o escritório ao meio-dia em ponto e volta a abri-lo uma hora exacta depois. Como ninguém entra lá nesse intervalo, o veneno podia actuar livremente.

— Veneno? — ecoou Belinsky, pestanejando.

— Com certeza. É coisa que não falta à nossa volta. O tipo costuma comer um assado qualquer alagado em determinado molho que só ele consome. Portanto, bastava que alguém...

Farley isolou-se gradualmente do ambiente que o rodeava e a ideia de matar o chefe foi-se apoderando dele com lentidão, até se transformar numa obsessão. Contudo, devia empregar um método que só pudesse atingir Llewes e não um inocente. As reflexões conduziram-no à Sala de Atmosfera onde Llewes se encerrava normalmente, uma dependência isolada das restantes por blocos de cimento e portas à prova de incêndio. A entrada achava-se rigorosamente vedada ao pessoal, e a confiança do homem na sua tirania chegava ao extremo de não fechar a sala à chave durante a sua ausência e limitar-se a colocar um cartão à porta, com a advertência: **PROIBIDA A ENTRADA.**

Farley analisou ponderadamente os métodos possíveis e foi-os rejeitando por inadequados. Deveria provocar uni incêndio? O laboratório continha numerosos produtos inflamáveis, todavia Llewes não fumava e encontrava-se perfeitamente elucidado sobre as precauções a assumir para evitar um sinistro dessa natureza. Rodeavam-no diversos tubos de gás, cada um da sua cor e contendo uma atmosfera sintética. O hidrogénio achava-se identificado pela cor vermelha dos cilindros e o metano por listas vermelhas e brancas, representando a mistura de ambos a atmosfera dos planetas exteriores. O azoto era indicado pela cor castanha e o bióxido de carbono pela prateada, relativos à atmosfera de Vénus.

De súbito, acudiu-lhe a ideia providencial e compreendeu o que devia fazer. Aguardou pacientemente um mês até ao Dia do Espaço, aniversário da primeira viagem espacial do homem, feriado observado rigorosamente por toda a população mundial, em que o próprio Llewes se associaria às celebrações.

Farley introduziu-se nos Laboratórios Orgânicos Centrais, designação oficial da organização, persuadido de que ninguém o observaria. Com efeito, as instalações não possuíam artigos susceptíveis de despertar a cobiça dos ladrões, como os Bancos ou museus, e os guardas que exerciam vigilância durante a noite não se manifestavam particularmente zelosos.

Farley fechou o portão principal silenciosamente atrás dele e atravessou os corredores desertos em direcção à sala de atmosfera. O seu equipamento consistia numa lanterna eléctrica, um pequeno frasco com um pó negro e uma escova de dimensões reduzidas que adquirira num estabelecimento do outro extremo da cidade, duas semanas antes. Além disso, usava luvas.

Uma vez no interior do laboratório de Llewes, localizou o cilindro sem a menor dificuldade e sentiu o coração palpitar aceleradamente enquanto principiava a trabalhar. Colocou a lanterna debaixo do braço, mergulhou a extremidade da escova no pó negro e aproximou-a da boca da torneira do manómetro enroscado ao cilindro. Após alguns segundos que se lhe afiguraram horas, conseguiu introduzir várias partículas de pó na abertura circular. A seguir, repetiu a operação três vezes, quase hipnotizado pela intensidade da sua concentração. Por último, servindo-se de um pedaço de tecido facial embebido em saliva, limpou a parte exterior da torneira e preparou-se para sair.

Nesse momento, imobilizou-se, petrificado pelo horror. Que imbecil! Procedera irreflectidamente. Dominado pela excitação, equivocara-se no cilindro. No entanto, tranquilizou-se gradualmente, reflectindo que a operação anterior lhe consumira escassos segundos e dispunha de tempo mais que suficiente para a repetir no cilindro que desejava.

Esquadrinhou os frascos de reagentes com o foco da lanterna e fixou-o no que continha tolueno. Desrolhou-o e verteu um pouco no solo. Acto contínuo, preparou a torneira do cilindro que lhe interessava com uma porção de pó negro e retirou-se apressadamente. Assim que se achou no quarto em que vivia, fez desaparecer os objectos comprometedores e deitou-se. O resultado da operação não tardaria em se verificar.

Farley perguntava-se se deveria faltar ao trabalho nesse dia, enquanto terminava de se barbear. Mas não convinha que alterasse os seus hábitos de qualquer modo pois poderia tornar-se suspeito.

Mais tarde, sentou-se à secretária e principiou a trabalhar com o computador manual. Agora que analisava os acontecimentos mais calmamente, acalentava certas dúvidas quanto ao seu êxito. E se Llewes notasse o cheiro do tolueno? E daí, talvez não. Os químicos orgânicos achavam-se habituados aos odores dos produtos que manipulavam. Se o chefe continuasse a trabalhar nos processos de hidrogenação que Farley trouxera de Titã, não tardaria em utilizar o cilindro de gás. Após o interregno de um dia motivado pelo feriado, movê-lo-ia o desejo frenético de recuperar o tempo perdido. Assim que abrisse a torneira, brotaria um pouco de gás que se transformaria numa língua de fogo,

Encontrava-se a tal ponto imerso em cogitações, que encarou o estampido à distância como uma criação dos seus sonhos, contraponto dos pensamentos frenéticos que o assolavam, até que soaram passos precipitados nas proximidades.

— Que aconteceu? — inquiriu, assomando à porta.

— Não sei — replicou um colega que passava no corredor. — Houve uma explosão na sala de atmosfera, segundo parece.

Os extintores entraram prontamente em acção e os bombeiros retiraram o corpo de Llewes dos escombros com prontidão, porém os ténues sinais de vida que exibia extinguiram-se instantes depois.

Edmund Farley incorporou-se no grupo de curiosos e exibiu o grau de consternação conveniente. Por fim regressou ao seu gabinete, persuadido de

que ninguém poria em dúvida a naturalidade do acidente. Quem manipulava produtos químicos, sobretudo inflamáveis, expunha-se a um fim daquela natureza. E mesmo que as autoridades suspeitassem de crime, nunca desconfiariam dele. Por conseguinte, podia continuar a efectuar a sua vida normal. Agora, nada se oporia a que lhe creditassem a descoberta que fizera em Titã.

Jim Gorham empalidecera consideràvelmente nas últimas vinte e quatro horas. Tinha os cabelos louros desgrenhados e o queixo enegrecido pela barba de dois dias.

— Todos aludimos ao homicídio — declarou em voz incerta.

H. Seton Davenport, inspector do Departamento de Investigações Terrestre, tamborilava com os dedos no tampo da secretária, ao mesmo tempo que fitava o rapaz sentado na sua frente.

— A sério?

— Não — asseverou Gorham, abanando a cabeça com veemência. — Pelo menos, não me pareceu. Aventávamos hipóteses fantásticas, mas é possível que algum dos presentes tivesse ideias diferentes. Que loucura, meu Deus! Com que objectivo?

— A avaliar pelo que me revelou, talvez o matassem porque se apoderava do resultado do trabalho dos outros.

— Era o preço exigido pelas vantagens que nos proporcionava. Competia-lhe enfrentar o Congresso e obter os subsídios que financiavam as investigações e os nossos honorários principescos.

— Chegou a essa conclusão durante a noite?

— Claro que não. Simplesmente, receava aventurar-me no Espaço e não queria que os outros o soubessem. Daí, a pretensa aversão a Llewes, sob o pretexto de que não me permitia abandonar a Terra em diligências de serviço.

— E agora pretende encontrar alguém para punir? — observou Davenport. — Deseja reabilitar-se perante o cadáver de Llewes pelo crime que praticou por palavras?

— Não! Garanto-lhe que se trata de um homicídio. O senhor não o conhecia. Professava autêntica monomania pelas medidas de segurança.

Não podia ocorrer explosão alguma nas suas proximidades, a menos que fosse cuidadosamente preparada.

— Que espécie de explosão se registou, Dr. Gorham?

— É difícil de determinar. Llewes manipulava compostos orgânicos de toda a espécie (benzeno, éter, piridina), todos eles inflamáveis.

— Se a memória não me atraiçoa dos meus tempos no liceu, nenhum desses líquidos pode explodir à temperatura ambiente. Torna-se indispensável um aquecimento, faísca ou chama.

— Houve chama, sem dúvida.

— Como?

— Não faço ideia, pois não havia queimadores nem fósforos na sala, além do que o equipamento eléctrico se achava fortemente blindado. Llewes não fumava, e punha imediatamente na rua quem se aproximasse com um cigarro aceso.

— Qual foi a última coisa em que mexeu?

— É difícil de determinar, porque imperava o caos quando acudimos.

— Suponho que já puseram tudo em ordem?

— Não — disse Gorham, com uma ponta de excitação. — Impedi que o fizessem, alegando que necessitávamos de investigar a causa do acidente, para se provar que não houve incúria e evitarmos publicidade destrutiva. Portanto, continua tudo como estava.

— Então, vamos dar uma olhadela — sugeriu Davenport, levantando-se.

Quando se acharam na sala onde ocorrera a explosão, o inspector inquiriu:

— Qual é o objecto mais perigoso?.

Gorham olhou em volta e apontou para determinados cilindros.

— O oxigénio comprimido.

Davenport contemplou os diversos tubos coloridos fixos à parede por meio de braçadeiras metálicas, alguns dos quais ligeiramente inclinados pelo sopro da explosão.

— E este? — perguntou, tocando com a biqueira do sapato num cilindro vermelho estendido no meio da sala.

— Contém hidrogénio.

— É um gás explosivo, salvo erro.

— Exactamente, quando aquecido.

— Nesse caso, por que afirma que o mais perigoso é o oxigénio comprimido? Julgo que o oxigénio não explode.

— Nem sequer se inflama, mas alimenta a combustão. As coisas ardem no seu seio.

— E daí?

— Por vezes, alguém pode colocar acidentalmente qualquer lubrificante na válvula antes de a ajustar ao cilindro, para que fique mais bem apertada. No momento da abertura, o oxigénio brota com intensidade e a massa explode arrancando a válvula. Nessa altura, o resto do oxigénio sai do cilindro, o qual é expelido como um jacto e perfura a parede. O calor desenvolvido pela explosão incendiaria quaisquer líquidos inflamáveis das proximidades.

— Os tubos de oxigénio estão todos intactos?

— Sim.

— O manómetro deste marca zero — disse Davenport, indicando o que se achava a seus pés. — O facto deve significar que era utilizado no momento da explosão e se esvaziou desde então.

— É o mais provável.

— Existe alguma coisa susceptível de fazer explodir o hidrogénio, à parte uma chama?

— Um agente catalisador, talvez. O melhor é o negro de platina.

— Tem cá disso?

— Com certeza. É dispendioso, mas não há nada melhor para catalisar a hidrogenação. — Gorham fez uma pausa, imerso em reflexões. — Negro de platina... Quem sabe se...?

— Quer dizer que faria o hidrogénio arder?

— Sem dúvida. Permite a sua combinação com o oxigénio à temperatura ambiente, sem necessidade de calor e provocaria a explosão. — Gorham mostrava-se agora intensamente agitado. — Deve ter sido assim que as coisas se passaram. — Fez os dedos deslizar pela abertura da torneira do cilindro no solo. — Vou mandar examinar ao espectrógrafo este pó.

— Demorará muito?

— Um quarto de hora, aproximadamente.

Davenport aguardou pacientemente o regresso de Gorham, que se verificou vinte minutos mais tarde.

— Então? — inquiriu com ansiedade.

— Os vestígios não são abundantes, mas chegam para o que pretendemos. — O rapaz exibiu um pequeno negativo em que se viam várias linhas brancas paralelas, espaçadas irregularmente, com diferentes graus de intensidade. — Repare nas da extremidade.

— Não estão muito nítidas — observou Davenport.—Juraria no tribunal que a platina se achava presente?

— Absolutamente.

— Se esta chapa for apresentada a um químico chamado pela Defesa, ele concordaria em que as linhas constituem evidência suficiente?

— Receio bem que não.

O inspector encolheu os ombros com impaciência e olhou em volta pensativamente.

— Seria esse o único cilindro em que tocaram?

— Não faço ideia.

— Nesse caso, convém examinarmos os restantes. Se existe um assassino, é natural que preparasse outras armadilhas.

— Vou tratar disso, imediatamente — assentiu Gorham.

— Não. Chamarei alguém do laboratório da Polícia.

Na manha seguinte, Gorham encontrava-se uma vez mais no gabinete de Davenport. Agora, fora convocado oficialmente.

— Não restam dúvidas de que se trata de homicídio — anunciou o inspector. — Havia outro cilindro com indícios de lhe terem tocado.

— Eu não dizia?

— É de oxigénio. Encontrámos vestígios de negro de platina na torneira.

— Negro de platina no cilindro de oxigénio?!

— Exactamente. Ocorre-lhe alguma explicação ?

— O oxigénio não se inflama, nem há coisa alguma que o faça arder, incluindo o negro de platina.

— Nesse caso, o assassino deve tê-lo aplicado nesse cilindro por engano, perturbado pela tensão do momento. Provavelmente, deu pelo lapso a tempo e tratou de o corrigir. Apesar disso, deixou provas de que houve crime.

— Agora, resta encontrar o culpado.

— Como, Dr. Gorham? O nosso homem não deixou bilhete de visita e o vosso laboratório está cheio de pessoas com motivos para eliminar Llewes. 0 único ponto de partida de que dispomos consiste na aplicação do negro de platina no cilindro errado. Existiria alguma possibilidade de o assassino o confundir com o de hidrogénio?

— Não, por causa das cores. O do oxigénio é verde e o de hidrogénio vermelho... —Gorham interrompeu-se —Acaba de me acudir uma hipótese alucinada. Se aplicássemos um jacto de oxigénio a um recipiente com hidrogénio, o negro de platina no cilindro do gás poderia resultar perigoso. Claro que se tornaria necessário um recipiente enorme para obter uma deflagração volumosa.

— Imagina que ele tencionava encher a sala de hidrogénio e abrir depois o cilindro de oxigénio?— sugeriu Davenport.

— Por que se preocuparia com a atmosfera de hidrogénio, quando... —Gorham empalideceu bruscamente. —Edmund Farley!

— Hem?

— Farley acaba de regressar de Titã, onde esteve seis meses. Ora, nesse planeta existe uma atmosfera de hidrogénio-metano e ele é o único funcionário deste laboratório com experiência de uma atmosfera de semelhante natureza. Em Titã, um jacto de oxigénio combina-se com o hidrogénio livre quando aquecido ou tratado com negro de platina, ao passo que um jacto de hidrogénio não. A situação é precisamente inversa da da Terra. Só pode ter sido Farley. Quando se introduziu no laboratório de Uewes para provocar a explosão, aplicou o negro de platina no cilindro de oxigénio, por força de hábito. Pouco depois, lembrou-se certamente de que na Terra sucedia o contrário e procedeu à respectiva modificação.

Davenport estendeu a mão para o intercomunicador e proferiu:

— Mandem um agente deter o Dr. Edmund Farley às instalações dos Laboratórios Orgânicos Centrais.

QUESTÃO LEGAL

Não restava a mínima dúvida de que Montie Stein se apoderara abusivamente de cem mil dólares. Também não subsistia qualquer dúvida de que fora detido um dia depois do crime prescrever. Foi a sua maneira de se esquivar à prisão durante esse intervalo que originou um dos processos mais singulares no Estado de Nova Iorque, pois arrastou a Lei para a quarta dimensão.

É que, depois de cometer o desfalque, Stein entrara calmamente numa máquina do tempo, acompanhado pelos cem mil dólares, e saltara para sete anos e um dia no futuro. O seu defensor pôs a questão com a maior simplicidade. Desaparecer no tempo não diferia basicamente do desaparecimento no espaço. Se as forças da Lei não tinham localizado e capturado Stein no decurso de sete anos, apenas deviam lamentar-se do seu infortúnio.

O Promotor Público sublinhou que o princípio da prescrição dos crimes não fora criado para se transformar num jogo entre a Lei e o criminoso, constituindo antes uma medida de clemência destinada a proteger o culpado do temor da prisão indefinido. Para determinados delitos, um período definido de apreensão da apreensão, por assim dizer, era considerado punição suficiente. Porém Stein, insistia o acusador, não experimentara o mínimo lapso de apreensão.

Todavia, o advogado do acusado mantinha-se irredutível. A Lei não fazia a menor alusão à extensão do temor e angústia do culpado. Limitava-se a estabelecer um limite de tempo.

O Promotor alegava que Stein não vivera ao longo desse limite.

A Defesa replicava que o seu patrono era sete anos mais velho agora do que na altura do delito e, por conseguinte, vivera todo o período mencionado.

A Acusação pôs em dúvida a afirmação e o advogado exibiu a certidão de idade de Stein. Nascera em 2973. Na altura do roubo, 3004, tinha trinta e um anos. Agora, em 3011, trinta e oito.

O Promotor vociferou que o acusado não tinha, fisiològicamente, trinta e oito anos mas trinta e um.

A Defesa sublinhou glacialmente que a Lei, se o indivíduo era considerado mentalmente competente, reconhecia apenas a idade cronológica, a qual se podia obter pela subtracção da data do nascimento da do momento.

O juiz Neville Preston demorou uma semana a estudar o assunto, no termo da qual divulgou a decisão, que iniciou uma nova era na história da Lei, embora haja certos círculos persuadidos de que se deixou arrastar pelo jogo de palavras irresistível.

Eis o veredicto:

Um nicho no Tempo salva Stein. {(}[1)]

ESTOU EM PORTO DE MARTE SEM HILDA

Segue-se um conto do tipo James Bond, escrito quando ainda não se falava no célebre agente secreto. Aqueles que estão familiarizados com os meus trabalhos sabem que nunca introduzo temas picantes nas intrigas. No entanto, um editor acusou-me de não ser capaz de produzir uma história romântica e resolvi demonstrar-lhe que se achava equivocado.

Daí, o nascimento do presente conto, que pretendia apenas mostrar-lhe e inutilizar imediatamente. Contudo, fiquei tão satisfeito com ele que decidi conservá-lo, incluindo-o neste volume porque contém uma ponta de mistério.

Tudo se desenrolou como num sonho, sem que eu tivesse necessidade de intervir directamente. Limitei-me a assistir ao desbobinar dos acontecimentos. Tanta facilidade devia bastar para que pressentisse uma catástrofe, mas às vezes confio em excesso na minha boa estrela.

O caso principiou com o meu habitual mês de folga entre duas missões. Mês sim, mês não, constitui a rotina de trabalho normal para os agentes do Serviço Galáctico, e desembarquei em Porto de Marte para os usuais três dias de repouso antes do salto final para a Terra, Normalmente, Hilda (que Deus a abençoe), esposa dócil e terna em extremo, estaria à minha espera, a fim de desfrutarmos um interlúdio aprazível. No entanto desta vez minha sogra (que Deus a abençoe também, para variar) adoeceu dois dias antes de eu chegar a Porto de Marte e, na noite que precedeu o desembarque, recebi um espaçograma de Hilda anunciando que tinha de permanecer na Terra ao lado da mãe, pelo que não me poderia fazer companhia.

Enviei a resposta com prontidão, deplorando o facto e formulando votos para que minha sogra melhorasse e, quando desembarquei: *estava em Porto de Marte sem Hilda.*

Após breve ponderação do caso, resolvi contactar com Flora, protagonista de certos episódios esporádicos do meu passado, pelo que entrei numa cabina de vídeo sem me preocupar com a despesa envolvida. Entretanto, receava encontrá-la ocupada, com o videofone desligado ou possivelmente morta.

Contudo, nada disso aconteceu e a sua imagem surgiu no écran com prontidão. Não me detenho a descrevê-la, porque além de me faltarem as expressões apropriadas, os contos têm um limite, para além do qual se transformam em romances. Basta sublinhar que as costuras magnéticas do seu roupão metálico... Mas, não. Passemos a assuntos de interesse geral.

— Max! — exclamou, com aquela voz que... Lá me deixava arrastar novamente pelo entusiasmo. — Há anos que não te via

— É verdade, Flora, mas agora aqui me tens ao teu dispor. Sabes uma coisa? *Estou em Porto de Marte sem Hilda*!

— Coitado! Então, vem até cá.

Percorreu-me um arrepio de satisfação, que se concentrou especialmente em toda a extensão da coluna vertebral.

— Não me digas que estás livre!

Abro um pequeno parêntese para esclarecer que Flora só se achava disponível desde que o interessado a prevenisse com várias semanas de antecedência. Por isto podem fazer uma pálida ideia da natureza dos seus atributos físicos. Acerca dos morais, julgo preferível não me alongar em considerações.

— Tinha uma coisa combinada, mas anulo-a facilmente. Podes avançar.

— Não precisas de o repetir —balbuciei, esforçando-me por não embaciar o *écran* com a combinação do meu calor e humidade que saturava a atmosfera.

Afigura-se-me conveniente introduzir novo parêntese. Flora possuía um apartamento luxuoso no qual existia a gravidade marciana, ou seja, 0,4 da da Terra. Se alguém que ler estas linhas já teve nos braços uma rapariga num ambiente de semelhante gravidade, não necessita que lhe explique as vantagens de uma comodidade dessa natureza. Quanto aos outros, quaisquer explicações resultariam exíguas, e diga-se de passagem que lamento profundamente o seu infortúnio.

Cortei a ligação precipitadamente, no intuito de reduzir ao mínimo o tempo que me separava do instante em que a veria pessoalmente, e abandonei a cabina. Foi nessa altura que a catástrofe começou a rondar-me.

Rog Crinton, da delegação do Serviço Galáctico em Marte, tão mal encarado como sempre, ou porventura um pouco mais, postou-se na minha frente, como um cobrador de impostos possuidor do dom da ubiquidade.

— Que demónio pretendes de mim? — rosnei polidamente. — Previno-te de que estou com pressa, porque tenho um encontro marcado.

— Sim, tens um encontro comigo — retrucou com um sorriso mefistofélico. — Descobri um trabalhinho para ti.

Soltei uma risada maquiavélica e revelei-lhe, com abundantes pormenores anatómicos, onde podia meter o seu trabalhinho, oferecendo-me de caminho para lhe fornecer um martelo destinado a facilitar a operação.

— É o meu mês de férias, camarada — acrescentei.

— Trata-se de um caso de emergência... camarada.

— Sê compreensivo, homem. Tenho um assunto urgentíssimo para resolver.

— Não tanto como este.

— Por que não arranjas outro tipo para a missão?

— És o único agente de primeira classe em Marte.

— Chama um da Terra. Há montes deles à boa-vida na Central.

— Isto tem de se solucionar antes das onze horas da noite. Não me digas que não dispões de três horas?

— Bom. — Apertei a cabeça entre as mãos. — Mas primeiro deixa-me fazer uma chamada. Sem assistência! — frisei, fechando-lhe a porta da cabina na cara.

O rosto de Flora surgiu no *écran*, como uma miragem num asteróide.

— Há alguma novidade, Max? Não me venhas dizer que mudaste de ideias, porque acabo de cancelar o outro encontro.

— Nada disso, querida — articulei com um sorriso que devia ser amarelo. — Não faltarei. Mas apareceu uma coisa...

— Outra mulher?

— Que ideia! Não pode haver outra numa cidade onde te encontres. É um assunto de serviço. Mas garanto-te que não demora praticamente nada.

— Bom — aquiesceu num tom que deixava transparecer uma ponta de desapontamento. — Mas vê se te despachas, sim?

Desliguei e saí da cabina.

— Pronto, grande cretino — vociferei a Rog.— Explica lá que embrulhada concebeste para me oferecer.

Instalámo-nos num «reservado» do bar do espaço-porto e Rog anunciou:

— O Gigante de Antares chega de Sírio às oito horas; dentro de trinta minutos, portanto.

— E depois?

— Entre outros, desembarcarão três homens, os quais aguardarão o *Papa-Espaço* da Terra das onze horas, partindo para Capela pouco depois. Assim que subirem para o *Papa-Espaço* ficarão fora da nossa jurisdição.

— Adiante.

— Entre as oito e as onze, encontrar-se-ao numa sala de espera especial e tu estarás com eles. Trouxe uma imagem tridimensional de cada um, para que os reconheças sem dificuldade. Dispões de três horas para determinar qual dos três transporta contrabando.

— De que espécie?

— Espaçolina alterada.

— Espaçolina alterada?

Tenham paciência, mas vou abrir mais um parêntese. Todas as pessoas que efectuam uma viagem espacial pela primeira vez necessitam de ingerir uma dose de espaçolina, para evitar as vertigens associadas à queda livre e psicoses permanentes e mergulhar o passageiro num estado de apatia, que todavia não origina efeitos secundários graves. Quem quiser viajar comodamente, deve tomar... Mas isto não é um programa publicitário.

— Precisamente: espaçolina alterada — confirmou Rog. — Pode ser modificada quimicamente, por meio de uma reacção simples efectuada em qualquer sótão, numa droga de potência elevada perigosa como o alcalóide mais hediondo.

— E só agora é que nos inteirámos?

— Não. O Serviço Galáctico estava ao corrente do assunto há vários anos e evitámos que os outros tomassem conhecimento do facto. Mas agora, o mal começa a alastrar de forma alarmante.

— Em que sentido?

— Um dos três homens que aguardarão neste espaçoporto traz consigo uma quantidade substancial de espaçolina. Os químicos de Capela, que se situa fora da nossa jurisdição, tratarão de a analisar e estabelecer meios de a sintetizar. A partir desse momento, surgirá o dilema de aniquilarmos a maior ameaça de drogas de todos os tempos suprimindo o mal no seu ponto de partida, ou enfrentando um perigo irresistível.

— Queres dizer: suprimir radicalmente o uso da espaçolina?

— Exactamente. O que equivalerá a pôr termo às viagens espaciais.

Considerei oportuno perguntar:

— Qual dos três transporta o produto?

O sorriso mefistofélico de Rog assumiu laivos de positivo sadismo.

— Se o soubéssemos, não te incomodávamos. É o que deves averiguar.

— Chamaste-me unicamente para revistar três pessoas?

— Se tocares num inocente, arriscas-te a um corte de cabelo até à laringe. Todos eles são individualidades importantes nos respectivos planetas. Chamam-se Edward Harponaster, Joaquin Lipsky e Andiamo Ferrueci.

Não se equivocava. Os nomes eram-me familiares, e chamar-lhes importantes consistia em ficar aquém da verdade. Em todo o caso, argumentei:

— Parece-te que fulanos tão ricos se iam sujar por?...

— Há triliões de créditos envolvidos. Portanto, qualquer deles nem olharia para trás. E não restam dúvidas de que um está implicado no assunto, segundo Jack Hawk descobriu antes de morrer.

— Jack Hawk morreu?

— Sim. Liquidado por um desses tipos. Por conseguinte, trata de apurar qual. Se o fizeres antes das onze horas, conta com a promoção, um acréscimo de ordenado substancial e a salvação de toda a Galáxia. Se falhares e acusares um inocente, ocorrerá um incidente diplomático interestelar que te projectará na lista negra de todos os serviços secretos.

— E se não acusar ninguém?

— Equivalerá a indicares um inocente, pela parte que toca ao Serviço Galáctico.

— Resumindo: tenho de acusar alguém, mas só o culpado, de contrário servem-me a minha própria cabeça numa bandeja?

— Cortada em fatias delgadíssimas. Vejo que começas a abarcar a situação, prezado Max.

Embora a expressão natural de Rog seja suficiente para azedar o leite numa área de vários quilómetros, nunca exibira um ar tão hediondo como nesse instante.

Assim que o vi pelas costas, tratei de contactar novamente com Flora.

— Então? — inquiriu, assim que me viu no *écran.*

— É só para te dizer que talvez demore mais um bocadinho, querida. Mas garanto-te que mal me despachar...

— Se adivinhasse...

— Não te impacientes, porque não faltarei. Quando nos virmos, darás por bem empregado o tempo que esperaste.

Sentia- me um pouco amofinado, mas ainda não estava preocupado. Acabava de me separar de Rog, quando me ocorreu o método de identificar o culpado. Resultaria facílimo e bastariam cinco minutos, após o que me dirigiria velozmente para os braços de Flora.

Os grandes industriais raramente efectuam viagens espaciais, preferindo recorrer às comunicações transvideo para tratar de negócios. Portanto, quando efectuam uma deslocação a fim de participar numa conferência, tomam doses apreciáveis de espaçolina.

Assim, aquele que transportasse o contrabando não se arriscaria a ingerir o produto, porquanto sob a influência da espaçolina poderia praticar algum acto involuntário, como deitar fora a droga ou falar de mais. Por outras palavras, necessitaria de conservar perfeito domínio sobre si mesmo.

Deste modo, tudo resultaria extremamente simples.

O Gigante de Antares chegou à tabela e trouxeram Lipsky em primeiro lugar. Tinha lábios grossos, cabeça quadrangular e cabelo castanho com alguns vestígios grisalhos. Lançou-me uma mirada baça e sentou-se com indiferença. Como sublinhei noutro lugar, a espaçolina produz alheamento quase absoluto. Saudei-o e replicou com serie de palavras incoerentes habituais num indivíduo sob o efeito do produto.

Andiamo Ferrucci foi o seguinte. Usava bigode sob o efeito negro e tinha as faces marcadas pela varíola. A sua reacção não diferiu da de Lipsky, quando lhe falei.

Por exclusão de partes, o culpado só podia ser Harponaster, e tratei de conservar a micropistola na palma da mão e o laço magnético preparado para a primeira emergência.

O terceiro suspeito era alto e magro, quase calvo e parecendo mais velho que na imagem tridimensional. Não careci de muito tempo para verificar que estava tão espaçolinado como os outros. Mastiguei uma imprecação, e principiava a deixar-me dominar pelo desespero quando me acudiu uma inspiração. Um deles fingia-se sob a acção do produto! Tornava-se simples simular o estado de apatia, como provavam os numerosos abusos verificados em transportes espaciais por indivíduos que se permitiam determinadas liberdades, atribuindo a causa à espaçolina.

Olhei-os prolongadamente e experimentei um arrepio na coluna vertebral, agora por razões diferentes. Que aconteceria se eu não acusasse o culpado? Eram oito e meia, e Flora não me esperaria eternamente. Achava-me impossibilitado de os revistar porque, embora não estivessem em condições de se opor, o facto ficar-lhes-ia vincado na memória e exerceriam as represálias apropriadas assim que o efeito da espaçolina se extinguisse. Tentei obrigá-los a falar por várias vezes, mas apenas obtinha a torrente de palavras incoerentes. Entretanto, o culpado ria-se de mim intimamente.

Quando voltei a consultar o relógio eram já nove e um quarto e entrei na cabina a fim de tentar animar Flora.

— Ah, és tu? — articulou com uma expressão grave.

— Com certeza, querida. Quem esperavas?

— Várias pessoas. Alguém que não faltasse ao prometido.

— Ainda não consegui terminar o trabalho.

— Qual trabalho? Queres-me lançar areia aos olhos?

— Palavra de honra que, dentro de meia hora...

— Não tens pejo de me deixares aqui sozinha?

— Garanto-te que não te arrependes.

— Tinha um encontro marcado com alguém importante e cancelei-o por tua causa. Afinal, estou aqui abandonada como uma leprosa. Já pensaste na minha reputação, quando o facto transpirar?

Proferi algumas palavras que considerei tranquilizadoras e cortei a ligação.

Regressei à sala de espera e sentei-me diante dos três suspeitos. À falta de melhor ocupação, entreguei-me a cogitações nas quais Flora desempenhava funções de destaque. Por fim, decidindo que nada tinha a perder, optei por falar dela.

— Meus senhores, existe uma garota nesta cidade, cujo nome me abstenho de mencionar para não a comprometer, que é um verdadeiro amor. Permitam-me que a descreva.

E tratei de o fazer. Já que me via impossibilitado de a procurar, tentaria evocá-la com o maior realismo admissível, sem omitir o seu apartamento de baixa gravidade onde se experimentavam sensações incomparáveis, enquanto eles escutavam com a deferência que a espaçolina insufla em todos os que a ingerem.

Finalmente, o altifalante anunciou a chegada do *Papa-Espaço* e um funcionário do espaçoporto surgiu para conduzir os três suspeitos à nave. Levantaram-se simultaneamente e desfilaram para a saída. No momento em que Ferrucci passava junto de mim, pousei-lhe a mão no ombro e declarei:

— Você fica, seu assassino imundo. — E o laço magnético rodeou-lhe os pulsos antes que ele pudesse pestanejar.

Ferrucci debateu-se como um demónio, pois não se achava sob o efeito da espaçolina. Descobriram o produto alterado em pequenos invólucros de plástico dispersos pelos bolsos.

Mais tarde, Rog, sorrindo e meio louco de alívio, perguntou-me:

— Como o conseguiste?

— Depreendi desde o princípio que um deles se fingia sob o efeito da espaçolina e resolvi... — Fiz uma pausa e considerei que não convinha divulgar determinados pormenores — ...contar-lhes anedotas picantes. Dois escutaram-me com indiferença, mas Ferrucci começou a respirar com dificuldade e notei-lhe pequenas gotas de suor na fronte, reagindo como se não tivesse tomado espaçolina. Convenci-me da sua culpabilidade e dei-lhe voz de prisão quando se preparava para embarcar. — Sem transição, pedi: — Importas-te de me passar um cheque de mil créditos, para umas despesas urgentes?

— Até dez mil, se quiseres.

— Já que insistes...

Entrei na cabina uma vez mais, estabeleci contacto com Flora para a prevenir de que não tardaria em estar junto dela, desliguei e pus-me a caminho.

— Max! Max! — gritou alguém, correndo ao meu encontro. — Rog Crinton disse-me que te encontraria aqui. A mãezinha já está boa e meti-me imediatamente no *Papa-Espaço* para vir ter contigo. Que história é essa de dez mil créditos?

— Olá, Hilda — articulei sem me voltar, reflectindo que Flora necessitaria de continuar a aguardar, agora mais prolongadamente.

Por fim, rodei nos calcanhares e cometi um dos actos mais difíceis da minha vida.

Sorri.

EM ÓRBITA FORÇADA

A história seguinte não se pode de modo algum considerar policial, mas é a primeira que escrevi. Quando se aproximava o vigésimo aniversário da sua publicação, os editores da revista em que aparecera pediram-me que escrevesse outra para assinalar a data. Aquiesci e produzi o conto intitulado «Aniversário», em que figuram os personagens do anterior. Ora, os dois trabalhos reunidos constituem uma história policial, ou pelo menos de mistério.

É agradável recordar que, quando esta colectânea for publicada, faltará apenas um ano para o trigésimo aniversário do aparecimento de EM ÓRBITA FORÇADA.

— Queres parar de passear de um lado para o outro? — proferiu Warren Moore, reclinado no assento. — Não adiantas nada com isso. Pensa antes na sorte que tivemos. Pelo menos, continuamos num compartimento estanque.

— Ainda bem que alguém se alegra com a situação — retorquiu Mark Brandon, imobilizando-se e rangendo os dentes. — Simplesmente, a reserva de ar chega só para três dias.

— Se continuas a dispender tantas energias, ainda durará menos. — Moore bocejou indolentemente. — Por que não fazes como Mike, que encara a situação calmamente?

«Mike» era Michael Shea, membro da tripulação da Rainha de Prata, o qual se sentava na única cadeira do compartimento, com os pés pousados numa mesinha. Voltou-se quando ouviu mencionar o nome e contraiu os lábios num sorriso de amargura.

— Temos de contar com situações destas. Nem sempre conseguimos esquivar-nos aos asteróides. Era preferível que déssemos o salto. Trata-se de um percurso mais longo mas menos perigoso. No entanto, o comandante insistiu em evitar atrasos... e eis-nos aqui.

— Qual salto? — inquiriu Brandon. — Suponho que ele se refere à rota que evita a faixa de asteróides, seguindo por fora do plano da eclíptica — explicou Moore. — Não é isso, Mike?

— Mais ou menos — admitiu o interpelado, após breve hesitação.

— Eu não censuraria demasiado o comandante Crane — volveu Moore. — A cortina de repulsão deve ter falhado cinco minutos antes da colisão com aquela enorme massa granítica. — Abanou a cabeça, pensativamente. —*A Rainha de Prata* fragmentou-se e, graças a um verdadeiro milagre, esta parte da nave ficou intacta e ainda por cima estanque.

— Tens uma noção muito curiosa dos milagres —resmungou Brandon. — Não esqueças que nos encontramos na décima parte de uma nave espacial, que compreende apenas três compartimentos, com ar para três dias e sem a mínima esperança de salvação.

— Em comparação com os outros que morreram instantaneamente quando o asteróide nos atingiu, fomos afortunados — afirmou Moore.

— Parece-te? A morte instantânea não é das coisas piores ao lado daquilo que sofreremos. Garanto-te que a sufocação lenta não constitui um divertimento.

— Talvez nos ocorra um meio de escapar à morte — sugeriu Moore.

Mike contemplou-os com uma expressão resignada e extraiu uma pequena garrafa do bolso.

— Não lucramos nada com discussões desse gênero. Quem me acompanha num trago de Jabra?

— Jabra marciana? — perguntou Brandon, exibindo a primeira expressão de prazer em mais de um dia. — E estavas tão calado com isso na algibeira?

— Não sejam loucos — interveio Moore. — Querem embriagar-se agora e morrer perfeitamente sóbrios? Guardem a bebida para as últimas seis horas, quando o ar começar a escassear e principiar a agonia. Esvaziaremos a garrafa nessa altura e não daremos conta do fim.

— Se te abrissem uma veia, encontravam gelo, com certeza — grunhiu Brandon, transigindo com relutância. — Como consegues raciocinar normalmente numa altura destas?

— Por que tomas as coisas tão a peito, homem? Se continuas assim, enlouqueces dentro de vinte e quatro horas. — Vendo que o outro contemplava o globo que quase ocupava toda a vigia, acrescentou:— Escusas de olhar Vesta com melancolia, porque não te serve de nada.

— Estaríamos em segurança, lá em baixo. A que distância nos encontramos?

— Uns seiscentos quilómetros, quando muito, a avaliar pelas suas dimensões aparentes. Não esqueças que tem apenas trezentos e cinquenta quilómetros de diâmetro.

— A seiscentos quilómetros da salvação e é como se estivéssemos a um milhão — murmurou Brandon. — Se pudéssemos libertar-nos da órbita que o maldito fragmento adoptou... Bastava que imprimíssemos um impulso a este satélite improvisado. Não havia o perigo de nos esmagarmos no solo, porque Vesta não possui gravidade elevada.

— Mas chega para nos manter em órbita.

— Vesta é um local curioso — observou Mike Shea. — Está coberto por uma substância branca como a neve. Não me lembro do nome que lhe dão.

— Bióxido de carbono congelado? — acudiu Moore.

— Isso mesmo. Dizem que é a razão por que parece tão brilhante ao longe. A esta distância, só se distinguem pequenos pontos referentes às diversas cúpulas. Há um observatório, um posto de abastecimento e várias estações de rastreio. — Mike virou-se para Moore. — Não tratarão de nos procurar, quando souberem da colisão.

— Não. Só descobrirão que se passou algo de anormal quando virem que a *Rainha de Prata* não aparece na data prevista. E mesmo que esquadrinhem o espaço não localizarão porque não passamos de um ponto minúsculo.

— Nesse caso, precisamos de descer em Vesta antes que passem os três dias que nos restam.

Moore voltou a reclinar-se no assento e fechou os olhos. Não havia dúvida de que se achavam numa situação crítica. Quando recobrara os sentidos, após o abalo provocado pelo impacto do asteróide, verificara que ele, Mark Brandon e Mike Shea eram os únicos ocupantes da secção sobrevivente da Rainha de Prata, a qual descrevia agora uma órbita em torno de Vesta. De momento, as coisas não se podiam considerar deploráveis. Dispunham de mantimentos para mais de uma semana e o gravitador regional situado precisamente por baixo daquela secção conservaria o peso actual desta enquanto o ar não se extinguisse. O sistema de iluminação ficara um pouco afectado, mas ainda funcionava satisfatoriamente.

Infelizmente, aquela parte da nave não possuía qualquer método de propulsão ou de comunicação. Moore suspirou. Bastaria um pequeno jacto para os libertar de apuros e quebrar a órbita. Que haveria a fazer? Restava apenas um fato espacial, um detonador e uma arma de raios caloríficos, segundo haviam revelado as pesquisas efectuadas aos compartimentos sobreviventes.

Finalmente, encolheu os ombros e encheu um copo de água. Ingeriu o líquido distraidamente e de súbito ocorreu-lhe uma ideia. Fixando o olhar no copo vazio, perguntou a Mike:

— Que quantidade de água nos resta? É estranho mas só agora pensei nisso.

— Toda a que havia a bordo no momento da colisão. O depósito encontra-se nesta secção. Contém uns quinze mil metros cúbicos, aproximadamente.

Brandon, que os escutara em silêncio, soltou uma risada.

— O destino parece apostado em divertir-se à nossa custa. Primeiro, colocou-nos à vista de um local de segurança que não podemos alcançar. Depois, proporcionou-nos comida para mais de uma semana, ar para três dias e água para dessedentar um regimento.

— Imagina que somos um satélite de Vesta, o que corresponde à verdade, até certo ponto — sugeriu Moore. — Possuímos um período próprio de revolução e rotação, um equador e um eixo, um «polo norte» situado algures por cima da vigia na direcção de Vesta e um «polo sul» na direcção do depósito de água.

— Sim, um satélite em vias de extinção — articulou Brandon, entredentes, cerrando os punhos. — Que mosca te mordeu?

A interrogação justificava-se, pois Moore acabava de se levantar, dando uma forte palmada na fronte.

— Porque não me lembrei disso antes?

— Ainda por cima pretendes divertir-te connosco. — uivou Brandon.

Avançou dois passos e atingiu o amigo com um violento soco no queixo. Moore cambaleou, levando a mão ao local molestado e inquiriu, surpreendido:

— A que propósito veio isso?

— Estou farto de ouvir as tuas manifestações de sapiência e descontracção. Desconfio que a situação te alterou as faculdades mentais.

— Qual história, homem! Prestem atenção. Creio que descobri o meio de...

— Isso, entusiasma-nos com esperanças falsas, para depois reconheceres que erraste os cálculos.

— Se pensas assim, agirei sem a tua ajuda.

Brandon reconheceu que se deixara arrastar pelo desespero e, após ligeira hesitação, capitulou.

— Desculpa, Warren. Não compreendo o que me passou pela cabeça. Conta comigo.

— Não tem importância. Aconselho-te a descansares um pouco, enquanto me ocupo dos preparativos.

Moore fez sinal a Shea e afastaram-se para junto da vigia, onde o primeiro perguntou em voz baixa:

— O compartimento de descompressão ao fundo do corredor continua estanque?

— A porta interior, sei que está, mas nada posso afirmar quanto à de fora. Quando examinei a parede para verificar se havia alguma fenda, não me atrevi a abrir a porta de dentro, porque se a outra estivesse danificada seria o nosso fim.

Nesse caso, compete-nos averiguá-lo. Preciso de ir lá fora, de qualquer modo.

Moore retirou o fato espacial do armário, colocou-o sobre os ombros e encaminhou-se para o longo corredor existente ao lado do compartimento. Passou por portas fechadas, para além de cujas barreiras estanques se tinham situado as instalações dos passageiros e agora se resumiam a meras cavidades abertas para o Espaço. No final do corredor, ficava o compartimento de descompressão. Moore deteve-se e examinou-o atentamente.

— Parece em perfeitas condições, mas não se pode ter a certeza cá de fora. — Voltou-se para Shea. — O indicador mostra que foi utilizado ultimamente para entrar portanto deve achar-se cheio de ar. Abre a porta apenas uma nesga e, se ouvires o mínimo silvo, torna a fechá-la imediatamente.

Mike accionou o mecanismo, e os dois homens verificaram com alívio que a situação não se alterava. Acto contínuo, Moore entrou no compartimento, enfiou o fato espacial e, antes de baixar o capacete, recomendou ao companheiro:

— Aguarda-me aqui. Não sei quanto tempo tardarei, mas espero voltar. Passa-me a pistola de raios caloríficos.

— Gostava de saber o que pretendes fazer — proferiu Shea, entregando-lhe a arma.

— Há pouco, admitimos que dispúnhamos de água a mais. Pois bem. Já que não necessitamos dela, vamos deitá-la fora.

E, sem outra explicação, Moore baixou o capacete e fez sinal a Shea, para que fechasse a porta e accionasse o mecanismo da outra.

Moore aguardou com forte ansiedade que a porta exterior se abrisse. O seu plano era extraordinariamente simples, mas talvez resultasse difícil de realizar. Por fim, abriu-se com lentidão e ele aventurou-se no Espaço, depois de prender o gancho magnético à estrutura exterior daquilo que restava da nave. Fez uma pausa, a fim de se adaptar à sensação provocada pelo contacto com um meio em que nunca penetrara e principiou a deslizar ao longo da parede da *Rainha de Prata* em busca do clarão indicativo da posição da vigia do compartimento onde Brandon ficara, por baixo do qual se situava o depósito de água.

Necessitou de cerca de vinte e cinco minutos para a localizar. Em seguida, moveu-se ao longo da estrutura, sempre apoiado ao gancho magnético, e descobriu o depósito no lado contrário, ficando o corpo da nave entre este e Vesta. Empunhou a pistola de raios caloríficos, premiu o gatilho e o feixe incidiu em determinada zona da superfície do depósito. Quando verificou que o metal começava a apresentar uma tonalidade rubra, passou a atacar nova zona, até que cobriu uma porção apreciável. Entretanto, o calor principiava a tornar-se difícil de suportar, porém Moore sabia que do êxito da operação dependiam as vidas dos três, e resistiria ao incómodo enquanto lhe restasse um sopro de energia.

Transcorridos alguns minutos, calculou que a água devia achar-se no ponto de ebulição e só não ouvia o borbulhar em virtude da ausência de ar entre ele e a parede do depósito. A pressão interna intensificava-se gradualmente e decerto não tardaria em perfurar a superfície metálica atingida pelo potente feixe calorífico da pistola.

De súbito, registou-se uma ligeira abertura e um pequeno jacto de vapor emergiu pelo espaço reduzido, congelando quase imediatamente. Moore observou-o durante cerca de dez minutos, até que sentiu uma leve pressão afastá-lo da nave. Assolou-o uma alegria frenética ao compreender que o facto se devia ao efeito da aceleração imprimida à *Rainha de Prata*. A sua missão achava-se concluída vitoriosamente e restava-lhe regressar ao compartimento que abandonara.

Assim que o avistou, Mike Shea accionou o mecanismo da porta exterior, que se cerrou com prontidão e abriu a de dentro. Como através de um sonho, Moore sentiu-se arrastado ao longo do corredor, pois o tensão e esforço desenvolvido haviam-lhe praticamente sugado o vigor.

A sensação de um líquido ardente deslizando pela garganta obrigou-o a regressar à realidade. Brandon e Shea rodeavam-no com expressões ansiosas. Moore limpou a transpiração glacial da fronte e tentou esboçar um sorriso.

— Não digas nada — recomendou Brandon. — Pareces mais morto que vivo. Descansa um pouco.

Todavia o outro abanou a cabeça e, em voz rouca, descreveu a operação pormenorizadamente.

— Queres dizer que o jacto de água a ferver nos está a impelir para Vesta? — articulou Brandon, assombrado. — Nesse caso, funciona como o escape de um foguetão!

— Exactamente. Como se situa no lado oposto a Vesta, empurra-nos para lá.

— É verdade! — bradou Shea, que se aproximara da vigia. — As cúpulas começam a distinguir-se claramente.

— Devemos pousar dentro de cinco ou seis horas — previu Moore. — A pressão da água há-de manter-se o tempo suficiente.

— Vapor à baixa temperatura do Espaço? — estranhou Brandon.

— Vapor... à baixa pressão do Espaço — corrigiu Moore. — O ponto de ebulição da água baixa com a pressão. No vácuo, é extremamente baixo. O próprio gelo tem uma pressão de vapor bastante para sublimar. —Sorriu abertamente. — Na realidade, congela e ferve ao mesmo tempo. — Virou-se para Shea. — Afasta-te da vigia, Mike, e traz a tua garrafa de Jabra para celebrarmos o acontecimento. — Depois que encheram três copos de *plexatron*, proferiu: — Brindemos, meus amigos.— Ergueram os copos solenemente. — Pelo abastecimento de água para um ano, *que já não temos*!

ANIVERSÁRIO

Os preparativos para a cerimónia anual achavam-se concluídos. Desta vez, competia a Moore desempenhar as funções de anfitrião, e a mulher e os filhos tinham recolhido a casa da mãe da primeira para passar o serão.

Warren Moore contemplou a sala com um leve sorriso. Somente o entusiasmo de Mark Brandon permitira que o ritual se mantivesse, porém ele acabara igualmente por se deixar contagiar. Todas as janelas se encontravam polarizadas para evitar a entrada da luz e alguns candeeiros dissimulados nas paredes proporcionavam iluminação discreta ao ambiente em que se celebraria o vigésimo aniversário do acidente que atingira a *Rainha de Prata*. Viam-se rações espaciais sobre a mesa e no centro uma garrafa de Jabra, bebida extraordinariamente potente produzida com fungos marcianos.

Moore consultou o relógio. Brandon não tardaria, pois nunca se atrasava. A única coisa que o apoquentava consistia no tom enigmático do amigo quando lhe anunciara pelo tubofone uma surpresa a todos os títulos inesperada.

Finalmente, soou a campainha da porta e Moore accionou o trinco magnético sem se voltar, proferindo:

— Entra, Mark.

No entanto, foi uma voz estranha que articulou atrás dele:

— Warren Moore?

Este virou-se com prontidão e avistou Brandon em segundo plano. Outra pessoa se encontrava à sua frente e Moore não necessitou de forçar a memória para a reconhecer, apesar de a não ver há muito.

— Mike Shea!

E estreitaram as mãos afectuosamente, enquanto Brandon explicava:

— Contactou comigo por intermédio do escritório. Lembrou-se de que eu trabalho na firma Produtos Atómicos.

— Há quanto tempo... —murmurou Moore. — Vejamos. Estiveste na Terra pela última vez vai fazer doze anos, pelo menos.

— Nunca assistiu a um aniversário — disse Brandon. — Decidiu aposentar-se. Adquiriu uma propriedade no Arizona e veio despedir-se, sem lhe ocorrer que passava mais um aniversário.

— Mark garantiu-me que celebravam o facto todos os anos — observou Shea, sorrindo.

— É verdade — confirmou Brandon — e pela primeira vez estaremos os três reunidos. Há vinte anos, vinte anos, que Warren conseguiu fazer descer o que restava da *Rainha de Prata* em Vesta.

— Rações espaciais e Jabra! — Shea olhou em volta admiração. — Confesso que já quase me tinha esquecido disso, mas agora parece-me que foi ontem. Recordam-se do nosso regresso à Terra?

— Com certeza! — exclamou Brandon. — As paradas e discursos intermináveis. Fartámo-nos de lhes assegurar que Warren fora o único herói, mas ninguém fez caso.

— De qualquer modo, fomos os primeiros a sobreviver a um acidente no Espaço — frisou Moore. — Tudo o que é invulgar merece uma celebração.

— Abramos a garrafa, para um trago inicial — sugeriu Brandon. — Tem de durar toda a noite.

— Lembram-se do nosso último brinde a bordo? —Shea esvaziou o copo e pronunciou com expressão solene: — «Pelo abastecimento de água para um ano, que já não temos!» Quando pousámos em Vesta, estávamos bêbados como cachos.

— Infelizmente, toda a gente se esqueceu de nós —deplorou Brandon.

— Querias um feriado nacional todos os anos? — inquiriu Moore, rindo. — De resto, não nos podemos lamentar. Foi a publicidade em que nos envolveram a responsável pelo salto súbito que as nossas situações sofreram.

— Sem dúvida — apoiou Shea. — Com o dinheiro do seguro, fiquei na posse de um pecúlio razoável para a aposentação.

— De facto, o acidente produziu um rombo substancial nas reservas da Seguradora Transespacial — concedeu Brandon. — Em todo o caso, quem hoje mencionar a *Rainha de Prata*, só se recorda de Quentin.

— Quem? — perguntou Shea.

— O Dr. Horace Quentin, uma das vítimas.

— Sempre era um dos maiores cientistas do Mundo — sublinhou Moore.

— Mas nós sobrevivemos, proeza ímpar até hoje.

— E depois? John Hester também viajava na nave e era uma pessoa importante, mas ninguém o menciona. Por acaso, sentei-me a seu lado no último jantar a bordo antes de sermos atingidos pelo meteoro.

— Há vinte anos, estávamos era órbita forçada em torno de Vesta — disse Brandon, após breve silêncio. —Hoje, orbitamos numa zona de olvido. Afigura-se-me apropriado que resolvamos este problema, aproveitando a passagem de mais um aniversário.

— Referes-te ao esquecimento a que nos votaram? — indagou Moore. — Queres que voltemos a ser famosos?

— Por que não? Ocorre-te uma maneira melhor de celebrar o vigésimo aniversário?

— Não, mas gostava de saber por onde pretendes principiar. Duvido que alguém se recorde da *Rainha de Prata*, excepto por associação com Quentin. Portanto, necessitamos de conceber um meio de avivar a memória do público.

— Há quem não esquecesse o acidente — declarou Shea. — A companhia de seguros, por exemplo. Agora que abordámos o assunto, acudiu-me ao pensamento um episódio curioso. Estive em Vesta há onze anos e lembrei-me de perguntar se a parte da nave em que tínhamos descido ainda lá se encontrava e responderam afirmativamente. Resolvi observá-la, mas não me pude aproximar porque a haviam rodeado de um campo de força.

— Essa agora! — Brandon arqueou as sobrancelhas. — Por que carga de água?

— Tratei de me inteirar e explicaram-me que pertencia à companhia de seguros.

— Claro — aquiesceu Moore. — Ficaram com ela quando nos pagaram. Recordo-me de assinar o recibo em que renunciava aos direitos de salvamento, por haver aceitado o cheque de compensação.

— Mas para quê o campo de força? — quis saber Brandon.

— Não faço ideia.

— A secção da nave recuperada não servia nem para sucata.

— O mais estranho é que continuam a recolher os destroços dispersos no Espaço — volveu Shea. — Vi um monte apreciável junto da parte em que descemos. Informaram-me de que a companhia de seguros estabelecera determinado preço para os objectos recuperados. Na minha última viagem a Vesta, tornei a visitar o local e o monte tinha aumentado consideràvelmente.

— Continuam a procurar destroços da *Rainha de Prata*? — perguntou Brandon com curiosidade.

— Dá essa impressão.

— É singular. Talvez procurem indícios de sabotagem — aventou Moore.

— Passados vinte anos? Duvido que ainda existissem

— Vamos inteirar-nos do que se passa.

— Como? — inquiriu Shea.

— Perguntaremos ao Multivac — asseverou Brandon.

— Tens cá um Multivac, Warren? — Shea arqueou as sobrancelhas com incredulidade.

— Sim.

— Sempre desejei ver uma geringonça dessas.

— Não tem nada de especial. Parece mais uma máquina de escrever. De resto, não confundas uma secção de um Multivac com a máquina completa.

— Já me lembrei de mandar instalar um em casa para ajudar os miúdos nos estudos —disse Brandon, enquanto entravam na cabina que os conduziria ao primeiro piso. — No entanto, pareceu-me demasiado complicado para eles. Como funciona?

— Poderás observá-lo dentro de instantes.

Na verdade, a secção do Multivac assemelhava-se a uma máquina de escrever de proporções um pouco acima das normais. Moore estabeleceu as coordenadas que abriam a sua porção da rede de circuitos mundial e proferiu:

— Aqui para nós, devo fingir que faço isto com relutância e apenas porque se trata do aniversário e não consigo resistir à curiosidade. Ora bem. Como querem que construa a pergunta?

— Basta assim: «A Seguradora Transespacial procura destroços da *Rainha de Prata* espalhados no Espaço?» Exige unicamente sim ou não como resposta.

Moore encolheu os ombros e accionou o teclado, enquanto Shea assistia, estupefacto.

— Como responde? — inquiriu, por fim. — Fala?

— Não. — Moore soltou uma risada. — Não gasto dinheiro em coisas dessas. Limita-se a imprimir a resposta num pedaço de fita, que sai por aquela ranhura.

Com efeito, no instante imediato surgiu um troço de fita metálica com a única palavra: «Sim».

— Óptimo! — exclamou Brandon. — Agora pergunta porquê.

— Bem sabes que infringiríamos as regras da intimidade e teríamos de apresentar uma razão.

— Experimenta, em todo o caso. A pesquisa dos destroços não é secreta.

Moore obedeceu e escreveu: «Por que é que a Seguradora Transespacial continua a procurar destroços da *Rainha de Prata*?»

A fita metálica brotou quase imediatamente: «Exponha o motivo da pergunta acabada de formular».

— Explica que somos os únicos sobreviventes e temos o direito de saber — indicou Brandon.

Moore comprazeu-o uma vez mais e o Multivac replicou com igual prontidão: «A razão exposta é insuficiente. Torna-se impossível fornecer qualquer esclarecimento».

— Ficaste satisfeito?

Brandon principiou a percorrer o aposento em impaciente vaivém, hábito que o rolar dos anos não lhe suprimira.

— Já que a máquina não nos informa, procuremos determinar a verdade — propôs, finalmente. — Trata-se de alguma coisa importante, para justificar diligências que devem resultar dispendiosíssimas. Transcorridos vinte anos, decerto não buscam indícios de sabotagem. No entanto, a Seguradora Transespacial busca algo de valioso. Que poderá ser?

— Sempre foste um sonhador — declarou Moore.

— Não se trata de jóias, dinheiro ou documentos valiosos— prosseguiu Brandon, ignorando as palavras do amigo.

— É difícil calcular o valor do que procuram. Uma simples carta poderia revestir-se de importância excepcional para uma empresa.

— Talvez. Admitamos que estão envolvidos documentos. Qual dos passageiros da *Rainha de Prata* reuniria as condições ideais para os transportar?

— É difícil de dizer.

— O Dr. Horace Quentin, por exemplo. É a única pessoa de que o público se recorda devido à sua importância. Quem sabe se tinha consigo documentos relativos a uma descoberta revolucionária? Se me cruzasse com ele durante a viagem e conversássemos, talvez me revelasse alguma coisa. Falaste-lhe, Warren?

— Que me lembre, não. É possível que o visse, em todo o caso.

— Duvido — interpôs Shea. — Permaneceu sempre na sua cabina, não saindo sequer para comer.

— Dá a impressão de que não queria abandonar por um único momento qualquer coisa importante que levava na bagagem — observou Brandon.

— Ou estaria simplesmente enjoado — redargüiu Moore. —A menos que...

— Ocorreu-te algum facto significativo?

— Não sei... Como disse, sentei-me ao lado do Dr. Hester no último jantar a bordo e recordo-me de o ouvir dizer que ansiava por conhecer Quentin. Parece que se dirigiam ao planeta Ganymede, a fim de participarem num congresso, e Quentin guardava silêncio absoluto da natureza da comunicação que tencionava apresentar.

— A situação começa a adquirir forma definida — afirmou Brandon. — Fizera uma descoberta sensacional que pretendia conservar secreta, no intuito de a anunciar dramaticamente no congresso. E conservava-se encerrado na cabina com receio de que Hester o sondasse. De repente, a nave foi atingida pelo meteoro e Quentin morreu. A Seguradora Transespacial inteirou-se dos rumores que circulavam sobre a descoberta e depreendeu que se a obtivesse poderia compensar o rombo que os seus cofres haviam sofrido. Por conseguinte, apoderou-se do que restava da Rainha de Prata e anunciou que pagaria determinada importância pelos destroços recuperados do Espaço, a fim de tentar localizar os documentos de Quentin.

— É uma teoria atraente — concedeu Moore, com um sorriso.

— Perguntemos ao Multivac.

— Pois sim. Creio que sabes como funciona.

Brandon sentou-se diante da máquina e moveu os dedos sobre o teclado para formular a interrogação: «Qual era a natureza das últimas investigações do Dr Horace Quentin?»

A resposta revelou-se particularmente extensa e consistia na sua maior parte em alusões a artigos científicos publicados em jornais de vinte anos antes.

— Embora seja leigo na matéria, parece que ele se interessava pela óptica — disse Moore, depois de ler as palavras contidas na fita metálica.

— Tudo isto foi divulgado ao público — observou Brandon, abanando a cabeça. — Interessa-nos aquilo que não se publicou.

— Não podemos averiguar coisa alguma a esse respeito.

— A companhia de seguros conseguiu-o.

— Não passa de uma teoria tua.

— Deixa-me fazer mais uma pergunta ao Multivac.

Brandon voltou a accionar o teclado, agora para formular a seguinte interrogação: «Pode revelar-me o nome e número de tubofone dos colegas do Dr. Horace Quentin ainda vivos que prestavam serviço na mesma Universidade?

A resposta surgiu com um nome.

— Pensas falar-lhe? — perguntou Moore.

— Sem dúvida — aquiesceu Brandon. — Otis Fitzsimmons, de Detroit. — Aproximou-se do tubofone em cima de uma mesinha ao canto, marcou o número e aguardou um momento. — Desejava falar com o Dr. Fitzsimmons — anunciou à mulher que atendeu.

Após uma pausa, surgiu uma voz masculina:

— Sim?

— Represento a Seguradora Transespacial, Dr. Fitzsimmons — declarou Brandon. — Incumbiram-me de o procurar por causa da morte do Dr. Horace Quentin...

— Francamente! Depois de tantos anos, ainda se lembram disso?

— Resolvemos perguntar-lhe se porventura se lembrou de algum pormenor novo relativo ao que o Dr. Quentin levou consigo na última viagem.

— Já os informei de tudo o que sabia, e agradeço que não me tornem a incomodar com o assunto. Pouco antes de embarcar, dedicava-se a experiências com um dispositivo qualquer.

— De que natureza?

— Desconheço os pormenores. Só o ouvi aludir ao nome que lhes transmiti há tempos.

— Não consta dos relatórios.

— Por negligência de algum funcionário vosso, sem dúvida. Se a memória não me atraiçoa, Quentin chamou-lhe um optikon. Muito boa-tarde!

Brandon cortou a ligação claramente satisfeito, enquanto Moore frisava:

— Não ficámos mais elucidados do que estávamos. Pelo menos, sabemos que ele trabalhava num dispositivo denominado optikon.

— Pois sim, mas não ignorávamos que ele se dedicava a experiências de óptica, conforme nos informou o Multivac.

— Palpita-me que a Transespacial procura o optikon ou documentos que se lhe referem. Portanto, interessa-nos localizar um instrumento dessa natureza.

— Mesmo que as tuas deduções correspondam à verdade, as pesquisas resultariam completamente infrutíferas, passados tantos anos —afirmou

Moore. — Grande parte dos destroços da *Rainha de Prata* dispersaram-se por todo o sistema solar e só por mera casualidade se recuperariam.

Brandon conservou-se silencioso por uns instantes. Finalmente, aventurou:

— Supõe que o instrumento se encontrava na secção da nave em que permanecemos e alguém o confiscou antes que a companhia de seguros o procurasse?

— É impossível — disse Shea. — Só lá estávamos nós os três e desembarcámos de mãos vazias.

— Não foi bem assim — redarguiu Moore, pensativamente. — Antes de descermos, recolhi uns objectos como recordação e guardei-os no bolso.

— Onde os tens?

— Não estou bem certo, mas creio que os coloquei numa arca do sótão.

— O que era?

— Uma caneta das antigas, com carga independente, e um binóculo de campanha de pequenas dimensões.

— Um binóculo? — ecoou Brandon.—É um instrumento de óptica!

— Talvez não passe de mera coincidência.

— Coincidência, uma figa! Vamos lá esquadrinhar a arca.

Encaminharam-se para a cabina e subiram ao sótão. Moore ligou o condicionador de ar para desanuviar a atmosfera pesada, regulou o polarizador da janela e tratou de abrir uma arca de proporções apreciáveis. As pesquisas não se revelaram simples, porquanto continha numerosos objectos de várias espécies, até que por último se lhe deparou o binóculo. Brandon arrancou-lho da mão precipitadamente e aproximou-o da vista.

— Não funciona — anunciou.

— Portanto, mesmo que fosse o tal optikon, não nos serviria para nada.

— Moore recuperou o instrumento e examinou-o com curiosidade. — Nem sequer tem lentes... Espere!

— Que foi?

— Como lhe chamou o Dr. Fitzsimmons?

— Optikon.

— Entendemos «um optikon»{2}, mas proferiu certamente anoptikon.

— Qual é a diferença? — indagou Brandon.

— «Um optikon» significaria um instrumento com lentes, ao passo que «anoptikon» é uma palavra formada pelo prefixo grego «an», o qual quer dizer «ausência». Por exemplo: anarquia, ausência de governo; anónimo, ausência de nome, etc.

— Portanto, um anoptikon seria um instrumento sem lentes?

— Exacto! Quentin devia trabalhar num dispositivo dessa natureza.

— Mas não se vê nada através disso — sublinhou Shea.

— Deve estar ajustado para a posição neutra.

Moore tentou fazer girar o instrumento, porém verificou que oferecia forte resistência.

— Tem cuidado, não o partas — advertiu Brandon

— Começa a ceder. — Moore levou-o aos olhos e apontou-o para a janela aberta. — Essa agora!

— Que aconteceu?

— É um telescópio!

Passaram cerca de uma hora entretidos com o instrumento, convertendo-o num telescópio, fazendo-o girar para a direita, e num microscópio, rodando-o no sentido contrário.

— Como funciona? — perguntou Brandon.

— Não faço ideia — confessou Moore. — No entanto, estou certo de que envolve campos de força. Aposto que representa a origem de uma revolução sensacional nos domínios da óptica. Foca a luz sem lentes e pode abarcar áreas maiores ou menores sem alteração da distância focal. Além disso, não noto qualquer aberração cromática, pelo que deve flectir todos os comprimentos de onda igualmente. É possível que se comporte do mesmo modo com as ondas de Rádio e raios-gama.

— Valerá dinheiro? — inquiriu Shea.

— Uma fortuna, se alguém descobrir o funcionamento.

— Finalmente, seremos famosos! — explodiu Brandon. — Acabamos de recuperar um tesouro científico fabuloso perdido no

Espaço. Uma poderosíssima companhia de seguros efectuou diligências infrutíferas durante vinte anos e nós, pobres esquecidos, tivemo-lo sempre connosco. Garanto-lhes que desta vez o mundo não nos olvidará.

— Tens razão — admitiu Moore, rindo. — Graças à tua teoria, deixámos de orbitar no esquecimento. Proponho que brindemos pela descoberta.

Desceram ao rés-do-chão e voltaram a encher os copos de Jabra. Unindo-os gravemente, o dono da casa proferiu:

— Pelas recordações da *Rainha de Prata*, que já não possuímos!

NECROLOGIA

Envergonho-me de confessar que a ideia para o presente conto me ocorreu quando lia a notícia da morte de um escritor de ficção científica meu amigo, no Times de Nova Iorque, ao mesmo tempo que ponderava se eu mereceria um arrazoado tão longo, quando chegasse a minha vez.

Meu marido Lancelote lê sempre o jornal durante o pequeno almoço. A primeira coisa dele que vejo quando surge consiste no rosto abstracto, exibindo a perpétua expressão de irritação e frustração perplexa. Nunca me cumprimenta e o jornal, cuidadosamente dobrado, ergue--se imediatamente diante dele. A partir de então, passo a descortinar unicamente o braço no momento em que se destaca da barreira para voltar a encher a chávena de café.

Há muito que deixei de me apoquentar com o facto. Semelhante alheamento proporciona-me ao menos uma refeição tranquila. Todavia, naquela manhã, o silêncio foi cortado abruptamente por uma exclamação seguida das palavras:

— Santo Deus! O pateta do Paul Farber morreu de repente!

Reconheci o nome com dificuldade. Lancelote mencionara-o certa ocasião, pelo que eu sabia tratar-se de um colega, um físico teórico como ele. O epíteto articulado por meu marido levou-me a concluir que era um homem moderadamente famoso, o qual alcançara o êxito que se lhe furtava com persistência arreliadora.

— Por que encherão a necrologia com aldrabices destas? — resmungou, pousando o jornal e fitando-me com intensidade. — Quem não o conhecer, fica convencido de que perdemos um segundo Einstein.

A experiência ensinara-me a evitar discussões sobre notícias necrológicas, e nem sequer me atrevi a aquiescer com uma inclinação de cabeça. Finalmente, Lancelote levantou-se e abandonou a sala de jantar, desinteressando-se do *bacon* com ovos em que quase não tocara.

Limitei-me a suspirar. Que outra coisa podia fazer?

Evidentemente que meu marido não se chama realmente Lancelote Stebbins, pois resolvi alterar todos os nomes e circunstâncias, na medida do possível, para proteger o culpado. Contudo, mesmo que mencionasse identidades reais, duvido que reconhecessem meu marido.

Lancelote possuía o condão especial de passar despercebido. As suas descobertas eram invariavelmente antecipadas ou ofuscadas pelo aparecimento de outras na mesma ocasião. Naturalmente, o facto tinha de

exercer efeitos perniciosos no seu espírito. Quando casámos, há vinte e cinco anos, era o que se podia considerar um excelente partido. Desfrutava de posição social invejável em virtude da herança que recebera e mostrava-se possuidor de largas ambições no campo científico. Quanto a mim, creio que era atraente nessa época, porém os atributos físicos não se prolongaram. A única coisa que perdurou consistiu na minha introversão e malogro para me revelar a mulher socialmente proeminente e ambiciosa de que um jovem investigador necessita para esposa. É possível que o facto concorresse para ele passar despercebido. Se arranjasse uma companheira vistosa e comunicativa, talvez se tornasse notado sem dificuldade.

Tê-lo-ia compreendido passado algum tempo? Dever--se-ia a essa circunstância o seu afastamento gradual, após os dois anos iniciais de relativa felicidade?

Finalmente, Lancelote abandonou a colocação na Universidade e instalou um laboratório numa terriola da Província, alegando que necessitava de tranquilidade e isolamento. O dinheiro não constituía problema, pois o Governo mostrava-se suficientemente perdulário com os investigadores empenhados em pesquisar qualquer coisa. Alem disso, ele esbanjava a nossa fortuna sem limites. Por muito que me esforçasse em lhe assegurar que não carecíamos de adquirir uma posição destacada e me contentava em possuir um lar normal com um ou dois filhos, meu marido fazia ouvidos de mercador ou contentava-se em replicar que o mundo havia de lhe reconhecer pùblicamente o talento.

No entanto, os seus esforços resultavam infrutíferos. Contratou vários colaboradores, as experiências sucediam-se em ritmo crescente, todavia as descobertas brilhavam pela sua ausência.

Certa ocasião, numa tentativa infeliz para o consolar dos desaires sucessivos, observei que o mundo decerto lhe reconheceria o valor quando morresse e os jornais publicariam uma larga notícia necrológica a seu respeito

Encarou-me fixamente por um momento, estremeceu de cólera dos pés à cabeça e articulou rangendo os dentes:

— Mas eu não o poderei ler. Até disso estarei privado.

E cuspiu-me no rosto. Refugiei-me no quarto, de onde não voltei a sair em todo o dia. Nunca me pediu desculpa mas, após alguns dias em que o evitei cautelosamente, voltou a tratar-me com a frigidez anterior.

E agora surgia a informação da morte de Paul Farber. Enquanto permanecia sentada à mesa do pequeno almoço, palpitava-me que o facto provocara a explosão que Lancelole continha com dificuldade, alimentada pela noção do malogro. Pressenti a aproximação de uma crise que não sabia se devia acolher com alívio ou receio. No fundo, qualquer modificação decerto não poderia agravar mais a situação.

Pouco depois do almoço, ele procurou-me na sala onde me entretinha a costurar e ver um programa qualquer da televisão.

— Preciso da tua ajuda — anunciou com brusquidão.

Havia mais de vinte anos que não proferia algo do gênero, e comovi-me involuntariamente. Mostrava-se sobremaneira excitado, as faces normalmente pálidas, coradas com nitidez.

— Estou às tuas ordens — declarei a meia-voz.

— Acabo de dar um mês de férias aos meus colaboradores. Partem no sábado e em seguida trabalharemos sós no laboratório. Previno-te já, para que não traces outros planos para a próxima semana.

— Mas sabes perfeitamente que não te posso ajudar no teu trabalho. Faltam-me as bases...

— Não necessitas de compreender o que se passa. Basta que sigas determinadas instruções extremamente simples. Aqui para nós, descobri finalmente algo que me guindará à posição há muito merecida.

— Oh, Lancelote... — proferi involuntariamente, pois ouvira aquelas palavras numerosas vezes no passado.

— Presta atenção, estúpida, e esforça-te por proceder como uma pessoa adulta. Desta vez, é verdade. Ninguém se antecipará, porque a minha descoberta se baseia num conceito heterodoxo que físico vivo algum, excepto eu, pode conceber por falta de um espírito genial como o meu.

— Alegro-me imenso por ti, querido...

— No entanto, não bastará anunciar a descoberta ao mundo. Se o fizer, todos os meus ilustres colegas se embrenharão em experiências e em breve proclamarão que se lhes depararam resultados mais espectaculares. — Fez a pausa. Tenho em vista uma dramatização inédita da descoberta, destinada a evitar que qualquer outro nome possa ser pronunciado no mesmo fôlego que o meu.

O entusiasmo começava a arrastá-lo demasiado longe e principiei a temer os efeitos de nova decepção.

— Por que te preocupas com isso, Lancelote? E se partíssemos para uma longa viagem de recreio? Precisas de desanuviar o espírito longe daqui e...

— Queres parar de miar como uma gata que não prova leite há um mês? — bradou, enfurecido. — No sábado, espero-te no laboratório!

Dormi pessimamente nas três noites seguintes. Ele nunca se mostrara tão acalorado, e assolou-me o receio de que tivesse enlouquecido. Mandara embora os colaboradores e queria que o ajudasse no laboratório, onde jamais me permitira a entrada. Decerto pretendia fazer-me algo, submetendo-me a uma experiência hedionda, por exemplo.

Apesar de tudo, no sábado de manhã, avancei para o laboratório como uma condenada a caminho do cadafalso. Quando entrei, olhei em volta com admiração, abarcando a aglomeração de aparelhos estranhos e fiadas de frascos com produtos estranhos alinhados nos armários.

— Não faças essa cara, como se alguém te quisesse matar — recomendou-me Lancelote. — Preciso de ti apenas para colaboração insignificante.

— Pois sim — murmurei.

— Para principiar: vês esse cadinho de ferro.

— Sim, Lancelote — aquiesci, contemplando um recipiente metálico com vários vestígios de ferrugem no exterior, coberto por uma rede densa.

Fez-me aproximar e observei que continha um rato branco vivo. Antes que me pudesse conter, dei um salto para trás, porém Lancelote grunhiu:

— Não tenhas medo, que não te morde. Encosta-te àquela parede e repara no que se vai passar.

Os meus temores reapareceram, agora mais intensos. Achava-me persuadida de que uma descarga eléctrica elevadíssima me reduziria a cinzas ou um monstro de metal irromperia de um recanto para me esmagar.

Resolvi fechar os olhos, mas nada aconteceu. Pelo menos, à minha pessoa. Distingui apenas um estalido abafado, após o qual meu marido inquiriu:

— Então, que dizes? —Descerrei as pálpebras e verifiquei que me fitava inchado de orgulho. — Ainda não deste por nada, estúpida? Aqui, mulher!

Ao lado do cadinho encontrava-se agora outro perfeitamente igual.

— Referes-te ao segundo cadinho?

— Não se trata propriamente de um segundo cadinho, mas do duplicado do primeiro. Para todos os fins vulgares, é o mesmo, átomo por átomo. Compara-os. Até as marcas de ferrugem estão nos mesmos lugares.

— Obtiveste o segundo do primeiro?

— Sim, mas de um modo especial. A criação de matéria exigiria uma quantidade de energia proibitiva e a cisão completa de cem gramas de urânio para criar um grama de matéria duplicada. O grande segredo que descobri consiste em que a duplicação de um objecto num ponto do tempo futuro requer escassa energia se for aplicada correctamente. A essência da minha proeza cifra-se em que ao criar um duplicado de semelha natureza e fazê-lo retroceder consegui o equivalente viajar no tempo.

— Espantoso — balbuciei, genuinamente impressionada. — O rato também... viajou? — E espreitei para dentro do segundo cadinho, que continha um roedor branco, mas morto.

— É o único óbice — admitiu Lancelote, corando ligeiramente. — Posso reproduzir matéria viva, mas não consigo conservar-lhe a vida.

— Que pena... Porquê?

— Ainda não sei. Suponho que as duplicações são completamente perfeitas à escala atómica. Pelo menos, não descortino estragos visíveis, e as dissecções provam-no.

— Podias perguntar... — comecei, mas interrompi--me com prontidão. Resultava preferível não sugerir a colaboração de estranhos, porque estes terminariam infalivelmente por arrecadar o crédito da descoberta.

— Já perguntei. Um biólogo de nomeada procedeu a autópsias de alguns animais que lhe forneci e não descobriu coisa alguma. Claro que me abstive de lhe revelar a procedência dos «pacientes». Nem os meus colaboradores estão ao corrente das experiências.

— Mas para quê tanto sigilo?

— Porque não consigo reproduzir os animais com vida, devido a qualquer perturbação molecular. Se publicasse o resultado das experiências, outro poderia descobrir o método de evitar essa perturbação e alcançar fama superior à minha, pois faria regressar um homem susceptível de fornecer informações sobre o futuro.

Compreendi o seu ponto de vista. De resto, ele escusava de dizer «poderia», porque o facto ocorreria como receava, sem margem para a menor dúvida.

— No entanto — prosseguiu — não posso esperar mais Tenho de anunciar a descoberta, mas de um modo que fique indelevelmente associada à minha pessoa. Tem de se revestir de um drama espectacular, para que de futuro não se mencionem as viagens no tempo sem aludir ao meu nome. Vou preparar esse drama, no qual desempenharás um papel importante.

— Que pretendes de mim, Lancelote?

— Serás a minha viúva.

— Queres dizer?... — balbuciei, sem conseguir analisar as sensações antagónicas que me assolaram.

— Apenas temporariamente, parva! Não tenciono suicidar-me. Vou simplesmente fazer-me regressar de três dias no futuro.

— Mas nessa altura estarás morto.

— Apenas o «eu» que regressar. O «eu» verdadeiro continuará vivo como até aqui, à semelhança do rato branco. — Meu marido desviou os olhos para um quadrante e proferiu: —A hora-zero é dentro de poucos instantes. Observa o segundo cadinho e o rato morto.

Registou-se um som abafado e o recipiente desapareceu com o conteúdo.

— Para onde foi? — perguntei, assombrada.

— Para parte alguma. Não passava de um duplicado.

Assim que passámos pelo instante em que foi formado dissipou-se naturalmente. O primeiro rato era o original e continua vivo e são. O mesmo acontecerá comigo. 0 «eu» duplicado regressará morto, enquanto o original se manterá vivo. Decorridos três dias, surgirá o momento em que o meu duplicado se formou, utilizando o «eu» real como modelo, e foi feito retornar morto. Nessa altura, o meu duplicado morto desaparecerá e o «eu» vivo prevalecerá. Compreendeste agora?

— Parece-me perigoso.

— Enganas-te. Assim que o meu corpo sem vida aparecer, o médico declarar-me-á morto, os jornais publicarão a notícia e o cangalheiro preparará o funeral. Mais tarde, regressarei à vida e explicarei o que aconteceu. A partir de então, além de ser o homem que descobriu o modo de viajar no tempo, considerar-me-ão aquele que veio da morte.

— Escuta, Lancelote — articulei numa derradeira tentativa. — Por que não te limitas a anunciar a descoberta? O plano parece-me demasiado complexo e arriscado.

— *Silêncio*, insensata! Faremos como determinei.

— Providenciarás para que a Polícia se ponha imediatamente em contacto com os meus colaboradores —recomendou Lancelote. — Não quero que transpire a mínima sugestão de crime ou suicídio. Para todos os efeitos, sucumbi a um acidente natural e lógico.

— E se descobrirem o teu verdadeiro «eu»? — argumentei.

— Não compreendo como. Porventura quando aparece um cadáver desatam à procura da sua réplica viva? Tranquiliza-te, cabecinha oca. Entretanto, permanecerei na câmara temporal, onde existem as comodidades essenciais — Com uma expressão de contrariedade, acrescentou: — Infelizmente, terei de me privar do café até que isto termine, por causa do aroma revelador. Enfim, disporei de água em quantidade suficiente, e três dias passam depressa. Desta vez, não falharei.

— Disseste isso tantas vezes no passado, querido...

— Só uma coisa pode correr mal — vociferou, empalidecendo.— Tu! Se não cumprires rigorosamente as minhas instruções, podes crer que te mato! — Embalado pela cólera, continuou: — Nunca compreendi por que cometi o erro crasso de casar contigo, e só a atroz falta de tempo evitou que requeresse o divórcio. Mas agora que se me depara um ensejo único de triunfar na vida, se o perder por tua causa, não hesitarei em imolar-te!

— Farei tudo o que ordenares — prometi era voz trémula.

Lancelote passou um dia inteiro debruçado sobre a sua máquina.

— Nunca transportei mais de uma centena de gramas — explicou, calmamente.

«Vai meter água, com certeza», reflecti horrorizada.

No dia seguinte, ajustou o mecanismo de modo que eu apenas necessitaria de accionar um simples interruptor, explicou-me uma vez mais o que exigia de mim e frisou.

— Fazes a ligação no instante exacto em que aquela luz se acender.

— Pois sim, querido — aquiesci dèbilmente.

Ocupou a sua posição e imergiu em silêncio absoluto. Usava um avental de borracha por cima da bata branca A luz brilhou e apressei-me a actuar no interruptor Por um instante, houve dois Lancelotes absolutamente iguais na minha frente. O novo trajava como o antigo, mas tinha a roupa amarfanhada. De repente, o primeiro tombou para a frente e ficou imóvel.

— Pronto — declarou o vivo, abandonando o lugar em que se colocara. — Ajuda-me a levá-lo. Pega-lhe pelos tornozelos.

Fiquei surpreendida com o facto de conseguir transportar o seu próprio cadáver sem pestanejar. Segurei-lhe os tornozelos, esforçando-me heroicamente por resistir à repulsa que o contacto me causava. Levámo-lo através de um longo corredor, subimos uma escada estreita e imergimos numa saleta previamente preparada por Lancelote. Descortinei vários aparelhos e produtos químicos, certamente destinados a dar a impressão de uma experiência. Em cima de uma secretária, observei entre outros um frasco com a indicação «Cianeto de Potássio», com vários cristais espalhados sobre o tampo de vidro.

Meu marido dispôs o cadáver cautelosamente, como se tivesse deslizado da cadeira rotativa, e depositou alguns cristais de cianeto na mão esquerda do corpo sem vida, no avental de borracha e no queixo.

— Assim, devem ficar com uma ideia concreta do que aconteceu — murmurou, satisfeito. Olhou em redor e sublinhou — Vieste trazer-me uma sanduíche, porque não fui almoçar, e encontraste-me assim. Convém que grites, mas sem exagerar.

Não tive dificuldade em gritar e entregar-se a uma crise de lágrimas, na altura oportuna. Havia vários dias que ansiava por fazer ambas as coisas e podia finalmente desabafar. O médico procedeu exactamente como Lancelote previra e tratou de prevenir as autoridades, não porque suspeitasse de crime, mas em virtude de se tratar de morte violenta. A Polícia não se mostrou particularmente interessada, contentando-se em

lançar uma olhadela ao local, após o que se retirou. Seguidamente, contactei com a Imprensa e manifestei a esperança de que não martelasse demasiado na tecla de que meu marido fora vítima de um descuido quando manipulava cianeto de potássio. De resto, tratava-se de um físico nuclear e não de um mero químico, e eu desconfiava ultimamente de que se achava em apuros.

Um físico nuclear em apuros? Espiões? Agentes inimigos? As conclusões dos jornalistas desenrolaram-se favoravelmente aos interesses de Lancelote e apareceram alguns fotógrafos dos periódicos mais importantes para recolher imagens do local da tragédia e conferir-lhe a desejada publicidade. Levei-os a várias dependências da casa, abstendo-me todavia de mencionar o que se encontrava por detrás de determinada porta fechada. Apesar de tudo, continuava a assolar-me a convicção de que algo correria mal. E não podia esquecer que, nessa eventualidade, Lancelote ameaçara matar-me.

No dia seguinte, levei-lhe os jornais, que ele leu àvidamente, o olhar refulgindo de excitação ante o título:

CIENTISTA ATÓMICO VÍTIMA DE MORTE MISTE RIOSA.

— Continuas persuadida de que o meu plano abortará? — inquiriu, por fim.

— Se a Polícia me perguntar por que supus que estavas em apuros...

— Dizes que não passava de impressão tua.

— Quando tudo isto terminar e fores finalmente famoso, regressaremos à cidade e viveremos como seres normais —sugeri, com uma réstea de esperança.

— Só abres a boca para revelar a tua incomensurável imbecilidade! Não compreendes que a minha obra não pode ficar por aqui? Este laboratório transformar-se-á num grande Instituto de Investigação Temporal. Tornar-me-ei numa figura lendária que perdurará eternamente. Ninguém conseguirá suplantar-me!—E pôs-se em bicos dos pés, como se pretendesse aumentar as dificuldades de possíveis interessados em guindar-se a um plano superior.

Esfumara-se a minha derradeira, embora ténue, esperança de um futuro feliz, e emiti um suspiro de resignação.

Indiquei ao funcionário da agência funerária deixasse o corpo ficar na sua urna, no laboratório, até ao momento do funeral, prometendo conservar a temperatura ambiente suficientemente baixa para evitar o inicio da decomposição. O homem compareceu com o caixão e uma expressão de profundo desagrado, e depreendi que a contrariedade se reflectiria na conta. A explicação de que desejava conservar o meu extremoso marido o mais prolongadamente possível junto de mim soou falso. Não obstante, limitava-me a cumprir as instruções de Lancelote. Assim que o corpo ficou devidamente instalado no lugar previsto, fui procurar o meu companheiro, o qual ignorou a descrição da reacção do gato-pingado e afirmou:

— Só necessitamos de aguardar mais um dia. Amanha de manhã, o corpo desaparecerá... segundo espero.

— Queres dizer que não tens a certeza? — balbuciei, alarmada.

— Pode registar-se certo atraso ou avanço no desenrolar das operações. Nunca transportei uma massa tão pesada e não estou bem seguro do resultado das equações empregadas.

Naquela noite, chegaram os colaboradores, que se esforçaram por aparentar o ar solene indispensável em semelhantes ocasiões. Mais tarde, poderiam igualmente jurar que tinham visto Lancelote morto e contribuiriam para tornar a situação mais confusa e favorecer os planos de meu marido.

As quatro horas da madrugada seguinte, eu e Lancelote encontrávamo-nos no laboratório glacial aguardando o momento-zero. Meu marido, parecendo alheio ao frio intenso que nos envolvia, consultava os instrumentos e o seu computador de secretária desenvolvia frenética actividade. Quanto a mim, meditava nos imponderáveis do Destino e esforçava-me por acalentar uma ténue esperança no futuro. Finalmente, voltou-se para mim e anunciou:

— Sairá tudo como previ, apenas com um atraso de cinco minutos, o que não é muito se atendermos à massa envolvida. — E contemplou o seu cadáver com um sorriso positivamente bestial. Tornando a concentrar-se em mim, inquiriu: — Receias que o corpo não desapareça, ou que seja eu a dissipar-me?

— Não... não sei — tartamudeei, sob a influência simultânea do frio e terror.

— Nada receies. A roda da fortuna resolveu finalmente favorecer-me. Serei o cientista mais famoso de todos os tempos. Aquece água para fazer café. Há três dias que não o provo e celebraremos a vitória com uma chávena bem quente.

Levantei-me, liguei o pequeno fogão eléctrico e coloquei ao lume um recipiente com água. De súbito, Lancelote chamou-me.

— Está quase na hora! Presta atenção.

Registou-se um som abafado, e o caixão aberto passou a conter apenas o fato que o corpo envergava segundos antes.

— Traz lá o café! — bradou, entusiasmado. — Depois de aquecermos os estômagos, telefonaremos à polícia e aos jornais.

Enchi duas chávenas e adicionei uma colherada de açúcar na dele. Preferi tomar o meu simples, para recuperar mais facilmente a coragem que ameaçava abandonar-me.

Lancelote levou a chávena aos lábios, ingeriu um trago substancial e pousou-a.

— Valeu a pena suportar alguns dissabores e esperar tanto tempo. Finalmente, venci!

Foram as suas últimas palavras.

Depois de me certificar de que morrera definitivamente, tratei de o despir e enfiar-lhe as roupas que se encontravam na urna, cruzando-lhe as mãos sobre o peito. A seguir, lavei as chávenas e guardei-as, juntamente com o açucareiro, depois de verter no esgoto o cianeto que exercera as funções de açúcar.

Deixei transcorrer algumas horas e, após verificar que o cadáver se achava suficientemente frio, telefonei à agência funerária, para que se ocupasse do funeral. Os gatos-pingados compareceram sem demora e pregaram o caixão, sem suspeitarem da substituição.

No fundo, atendendo a que Lancelote se encontrava legalmente morto quando eu o assassinara, duvido que se pudesse considerar na verdade homicídio. De qualquer modo, não tenciono consultar um advogado a esse respeito.

Passei a viver sem remorsos. Se eu não o matasse, alguém teria comprometido o êxito da sua vitória e ele eliminar-me-ia, como prometera.

Na realidade, perdoei-lhe tudo, excepto o momento em que cuspiu no rosto. Afigura-se-me até certo ponto uma ironia a circunstância de que desfrutasse de um instante de felicidade antes de morrer, na realidade um prazer raro, se não inédito, para qualquer mortal.

Pôde ler a notícia da sua própria morte ainda em vida.

O FUGITIVO

Arthur Trent escutava-os claramente. As palavras tensas e coléricas vibravam no receptor:

— Não pode fugir, Trent! Interceptaremos a sua órbita dentro de duas horas e se tentar resistir não hesitaremos em pulverizá-lo!

Trent sorriu, sem responder. Não possuía qualquer arma, nem necessitava de lutar. Na verdade, a nave efectuaria o Salto dentro de duas horas e ingressaria no hi-perespaço, onde jamais o descobririam. Acompanhá-lo-ia cerca de um quilograma de krillium, quantidade suficiente para a produção de cérebros de milhares de autómatos, no valor de dez milhões de créditos em qualquer mundo da Galáxia.

Fora o velho Brennmeyer quem planeara tudo, após trinta anos de preparativos meticulosos.

— Preciso de si para a fuga, meu rapaz — dissera-lhe. —É capaz de conduzir uma nave para o Espaço e eu não.

— Não lucra nada com isso, senhor Brennmeyer — argumentou Trent. — Eles apanham-nos em poucas horas.

— Se efectuarmos o Salto, não. Sobretudo, se nos embrenharmos no hiperespaço, a muitos anos-luz daqui.

— Precisaríamos de mais de meio-dia para projectar o Salto e de qualquer modo a Polícia alertaria todos sistemas estelares.

— Engana-se. Todos, não. Apenas os que se encontram nas proximidades. A Galáxia é enorme e os colonos dos últimos cinquenta mil anos perderam o contacto uns dos outros.

E descreveu o plano. A Galáxia convertera-se numa espécie da superfície do planeta original do homem (a Terra, segundo lhe chamavam) nos tempos pré-históricos. Os habitantes haviam-se espalhado por todos os continentes, porém cada grupo apenas conhecia a área que o circundava.

— Se efectuarmos o Salto ao acaso — frisou — poderemos surgir em qualquer ponto, a cinquenta mil anos-luz daqui ou mais, e existirão tantas possibilidades de nos localizarem como a uma pedra numa chuva de meteoros.

— Mas temos escassas probabilidades de alcançar um planeta habitado.

— Consagrei trinta anos à recolha de elementos sobre todos os planetas habitáveis da Galáxia. Viajei milhares de anos-luz para além de qualquer piloto espacial e localização de todos eles encontra-se armazenada no compartimento de memória do melhor computador do mundo. Assim que efectuarmos o Salto, a máquina esquadrinhará os céus espectroscòpicamente e comparará o resultado com o mapa da Galáxia que contém. Assim que encontrar a zona que se lhe adapta, a nave será conduzida automaticamente, através de um segundo Salto, para as imediações do planeta habitado mais próximo.

— Parece-me complicado de mais.

— Garanto-lhe que não pode falhar. Restam-me dez anos para ser milionário. Mas você ainda é novo e desfrutará das vantagens do dinheiro por muito mais tempo.

— Quando se efectua o Salto ao acaso, pode ir-se parar ao interior de uma estrela.

— As probabilidades são inferiores a uma em mais de um trilião.

Trent acabou por se deixar persuadir. Finalmente, certa meia-noite, quando a nave estava preparada para partir e Brennmeyer chegou com o Krillium numa pasta, Trent pegou nesta com uma das mãos e moveu a outra rapidamente.

Uma faca resultava tão eficiente como um despolari-zador molecular e mais silenciosa, e ele não se preocupou em extraí-la do corpo de Brennmeyer. Era-lhe indiferente que identificassem as impressões digitais. Nessa altura, já se acharia a uma distância substancial.

Agora, deslocando-se no Espaço, com os veículos da Polícia no seu encalço, assolava-o a tensão que sempre surgia na iminência do Salto. A nave esfumou-se virtualmente por um momento e reconstituiu-se noutra parte da Galáxia.

Trent sorriu. Continuava vivo e permanecia satisfatoriamente desviado das estrelas, embora estas não se apresentassem a uma distância exagerada. O firmamento estava repleto delas, todavia o padrão diferia profundamente daquele a que se achava habituado. O computador teria muito por onde escolher.

Reclinou-se no assento e despertou-lhe atenção especial uma estrela particularmente brilhante que se destacava das restantes. O computador decerto a utilizaria para a comparar com os elementos de que dispunha. A operação efectuar-se-ia em breves minutos, sem dúvida.

No entanto, escoaram-se vários sem que se registasse o menor resultado notório. Trent enrugou a fronte. Os dados tinham forçosamente de se encontrar na máquina. Brennmeyer mostrara-lhe o resultado dos longos anos de trabalho e afigurava-se-lhe inadmissível que existisse algum erro.

De repente, acudiu-lhe uma sensação de pânico. Pegou no telescópio e assestou-o na estrela que lhe despertara a atenção. Em redor do núcleo intensamente luminoso, descortinou a neblina reveladora de gases turbulentos.

Era uma nova{3}!

Provavelmente emergira da obscuridade há pouco mais de um mês; daí, a razão por que o computador a ignorara. A nova existente no Espaço achava-se ausente da memória da máquina, porque Brennmeyer não a colocara lá, em virtude de ainda não se ter formado quando ele compilara os dados.

Trent reconheceu que tinha os dias contados. O computador continuaria a funcionar na tentativa sem interrupção, meramente mecânica, para descobrir um termo de comparação para o padrão galáctico que o rodeava. Entretanto, a reserva de ar extinguir-se-ia e com ela a vida de Trent.

Se ao menos se tivesse feito acompanhar da faca com que matara Brennmeyer...

A CHAVE

Esta história foi escrita em circunstâncias particularmente agradáveis. Joseph W. Ferman e Edward L. Ferman, pai e filho, proprietários e editores do Magazine of Fantasy and Science Fiction, pretendiam publicar uma edição especial em homenagem aos meus modestos méritos.

Esforcei-me por aparentar modéstia, mas na realidade o estímulo à minha vaidade era absolutamente irresistível e, quando eles declararam que desejavam uma história nova para aquele número, acedi imediatamente em comprazê-los.

Portanto, sentei-me à secretária e produzi o quarto conto de Wendell Urth, dez anos após a publicação do primeiro.

Jennings sabia que não tardaria em morrer, dispunha de escassas horas de vida e vários assuntos para resolver. Não havia o mínimo apelo da sentença de morte; pelo menos, ali, na Lua, sem meios de comunicação ao seu alcance. Mesmo na Terra, existiam ai mas zonas isoladas, onde um homem podia morrer s a presença de uma pessoa amiga.

Os Terrestres sabiam que ele se encontrava na Lua claro, pois pertencia a uma expedição selenológica.

Olhou em volta com ansiedade. Não havia coisa alguma para contemplar. Achava-se na escuridão da sombra eterna da parede norte de uma cratera, as trevas alteradas apenas pelo pestanejar intermitente da sua lanterna. Não a acendia permanentemente, porque não desejava consumir a carga antes de concluir a operação ou que o localizassem,

À sua esquerda, para o Sul ao longo do horizonte lunar, existia um crescente de luz intensa do Sol. Para além do horizonte, e invisível, situava-se a parede oposta da cratera. O sol nunca se erguia suficientemente para iluminar o solo aos pés de Jennings. Pelo menos, estava a coberto das radiações.

Escavava cautelosamente e com dificuldade, em virtude do fato espacial que envergava, esforçando-se por ignorar as dores que o assolavam. A natureza especial do solo tornaria impossível determinar que alguém escavara naquele lugar. Abriria a cova um pouco mais e enterraria o Dispositivo, onde Strauss nunca o encontraria.

Strauss! O outro membro da equipa, que partilharia da descoberta e da glória resultante. Se fosse unicamente todo o crédito que Strauss ambicionava, Jennings talvez lho cedesse, pois a descoberta era mais importante que qualquer benefício individual envolvido. Todavia, ele pretendia muito mais, algo que Jennings lhe regatearia com todo o vigor.

Tinham-no encontrado juntos. Na realidade, Strauss localizara a nave, ou melhor, o que restava dela, ou melhor ainda, aquilo que poderia ser o que restava de algo semelhante a uma nave.

— Metal — articulou Strauss, pegando num objecto de forma indefinida. Os seus olhos e rosto eram quase invisíveis através da superfície

do visor do capacete, porém a voz rouca vibrava claramente por intermédio da Rádio.

— É curioso — observou Jennings, aproximando-se. — Na Lua, não existe metal no estado livre.

— Sabes perfeitamente que ainda só exploraram um por cento da sua superfície. Quem pode prever o que se encontra nela?

Jennings aquiesceu com uma inclinação de cabeça e estendeu a mão para pegar no objecto. Era exacto que praticamente tudo se poderia encontrar na Lua. A sua equipa pertencia à primeira expedição selenográfica financiada por entidades privadas. Até então, apenas se havia registado meia-dúzia de digressões governamentais.

— Dá a impressão de que outrora teve uma superfície polida — comentou Strauss.

— É verdade. Talvez haja mais por aí.

Depararam-se-lhes três outros objectos de configuração irregular e levaram-nos para a nave, servindo-se do veiculo deslizante que utilizavam para pequenas deslocações. Uma vez a bordo, Jennings apressou-se a despir o fato espacial, após o que trataram de examinar os objectos encontrados. O feixe laser produziu marcas no metal e o vapor ficou registado no espectógrafo, denunciando a existência de uma liga de titânio e aço, com vestígios de cobalto e molibdénio.

— Não há dúvida de que é artificial — disse Strauss a expressão rígida como habitualmente.

— É uma descoberta contra a qual nos devemos couraçar — gracejou Jennings.

Todavia, o outro não reagiu, e ele recordou que Strauss não se modificara dos tempos em que frequentavam a Universidade. Concluído o curso, tinham seguido rumos distintos, até que se haviam oferecido para aquela expedição científica, reunindo-se de novo. Ao longo da semana que durara a viagem, Jennings tornara-se desconfortàvelmente consciente do mutismo do companheiro, o qual só se lhe dirigia em termos bruscos, quase agressivos.

— Não há memória de uma nave ter pousado nesta zona da Lua — observou Jennings.

— Duvido que os objectos pertencessem a uma nave.

— Nesse caso, teríamos de admitir que criaturas não--humanas estiveram aqui. Mas há quanto tempo?

— Quem sabe? — proferiu Strauss, secamente.

Reconhecendo que nada mais obteriam dos achados, resolveram comer, pois havia longas horas que não o faziam, em virtude das pesquisas prolongadas.

— Apesar do seu aspecto sereno — articulou Jennings, indicando a Terra um pouco acima do horizonte encontram-se lá mais de seis biliões de pessoas em azáfama quase permanente.

— Seis biliões de pessoas empenhadas em destruí-la!

— Não me digas que és um Ultra?

— Não compreendo as tuas palavras.

Jennings sentiu-se corar involuntariamente de embaraço e continuou a comer em silêncio. Durante cerca de uma geração, a população da Terra conservava-se inalterável. De resto, todos admitiam que um acréscimo resultaria prejudicial. Havia mesmo quem afirmasse que o número de habitantes do Globo devia baixar, sob pena de se estabelecer a fome e outras calamidades ainda mais indesejáveis. Ultimamente, gerara-se um movimento destinado a seleccionar aqueles que deveriam sobreviver, sendo a escolha efectuada pelos partidários de semelhantes ideias.

Nos três dias imediatos, entregaram-se a pesquisas meticulosas para descobrir novos objectos. No terceiro, Strauss encontrou aquilo que operaria uma alteração radical nas vidas de ambos. Tratava-se de algo com a forma de uma pedra polida, quase esférica, mas de contextura estranha. Jennings denominou-o imediatamente Dispositivo.

— Não apresenta qualquer aresta — observou. —Portanto, talvez não esteja quebrado.

— Mas podem faltar-lhe peças — objectou Strauss.

Levaram-no para a nave, onde Jennings sugeriu que informassem a Terra da descoberta.

— Não! — discordou o companheiro.

— Porquê?

— Se o fizermos, fica a pertencer à Sociedade e não tarda a chegar uma legião de investigadores que não nos deixarão trabalhar sossegados.

— Não me parece conveniente aguardar. Se este objecto é de origem extraterrestre, deve proceder de outro sistema planetário, pois não existe no Sistema Solar local algum onde se desenvolva uma forma de vida avançada além da Terra.

— Que se perde em esperar uns dias? De caminho tentávamos tirar o máximo partido da descoberta. Se averiguássemos a sua procedência, sem a intervenção dos génios da Sociedade...

— Mas imagina que não manipulamos isso convenientemente e o pulverizamos? Afigura-se-me um risco demasiado elevado. — Jennings pegou no objecto e, dominado pelo entusiasmo, apertou-o firmemente. — É muito precioso para...

De súbito, o objecto principiou a exibir fosforescência crescente e ele mostrou uma expressão de assombro.

— Que tens? — grunhiu Strauss.

— Pareceu-me que se abria uma janela na tua cabeça, permitindo-me ler-te o pensamento.

— Também posso ler o teu — ironizou Strauss, pegando no Dispositivo e apertando-o. Contudo, o seu aspecto não se alterou.

— És realmente um Ultra! — proferiu Jennings, irritado.— Quando pousei a mão nisto... —Tornou a fazê-lo. — Lá está, outra vez! Enloqueceste? Pensas realmente que se pode condenar quase toda a raça humana à extinção e destruir a versatilidade e variedade das espécies?

— Não iniciemos uma discussão. Este objecto é um meio de comunicação, um amplificador telepático. Por que não? As células do cérebro possuem potenciais eléctricos. O pensamento pode ser observado sob a forma de um campo electromagnético ondulante de microintensidades.

— Vamos comunicar a descoberta, imediatamente. Estou-me nas tintas para a fama. Fica tu com ela, se quiseres.

— É mais do que um meio de comunicação — disse Strauss, após breve silêncio. Responde à emoção e amplifica-a.

— Onde pretendes chegar?

— Funcionou por duas vezes, há pouco, embora lhe pegasses repetidamente durante o dia. O meu contacto não produziu o menor efeito.

— E daí?

— Reagiu quando te achavas emocionado. É isso que o activa, sem dúvida. Mas, voltemos à questão dos Ultras. Não existe uma única pessoa sensata na Terra desconhecedora do facto de que a população viveria muito melhor com um único bilião de almas em vez de seis. No entanto, não podemos reduzi-la democraticamente, por razões de ordem nacionalista. Cada grupo étnico pretende que sejam os outros a sacrificar-se. A Terra deve ser habitada apenas por um povo de escol, homens como eu ou tu.

— Ninguém possui o monopólio da Humanidade — replicou Jennings.

— Laboras num erro crasso. Este Dispositivo é exactamente o que necessitamos. Se conseguíssemos dominar ou influenciar os espíritos dos homens-chave acabaríamos por impor as nossas ideias ao Mundo. A organização de que dispomos possui métodos de trabalho superiores aos de qualquer outra. Os principais cérebros do mundo alistam-se nela constantemente. Por que não lhes segue o exemplo?

Jennings esboçou um sorriso ao ver Strauss pousar a mão no Dispositivo. Esforçara-se por adquirir um estado emocional elevado no intuito de activar o objecto. Não obstante, este conservava o aspecto anterior.

— Não consegues pô-lo a funcionar —observou pausadamente. — No fundo, as tuas ideias revestem-se de excessivo calculismo e frieza.

— Então, activa-o tu e tenta salvar a Humanidade.

— Nem pensar nisso. Vou mas é anunciar a descoberta à Sociedade Geológica.

— Não to aconselho. — Strauss pegou numa faca que se encontrava em cima da mesa. — Julgo que está suficientemente aguçada para te dissuadir.

— Duvido que consigas os teus intentos — retrucou Jennings. — Pelo menos, enquanto eu segurar isto. Pousou a mão no dispositivo e ordenou mentalmente ao outro que se imobilizasse.

Strauss ficou como que petrificado, com a faca na mão.

— Não podes manter essa posição eternamente — articulou entredentes, lutando infrutiferamente por se mover.

Jennings diligenciou alcançar o veículo no intuito de procurar um esconderijo seguro para o dispositivo. No entanto, um breve instante de distracção foi-lhe fatal. Strauss moveu rapidamente a mão em que

empunhava a faca e cravou-lha no abdómen. Jennings experimentou, simultaneamente com a dor, um acesso de cólera indomável que concentrou no antagonista através do Dispositivo. Strauss rolou no solo, o rosto alterado por uma expressão alucinada, contorcendo-se como se tivesse sido ele o atingido.

Jennings cambaleou, imobilizou-se por um momento e avançou lentamente para o veículo deslizante, ao mesmo tempo que continuava a concentrar-se era manter Strauss inofensivo.

Reconhecia que lhe restavam escassos minutos de vida, mas antes de expirar ocultaria o Dispositivo. Não o deixaria à mercê dos Ultras. Utilizado por indivíduos moderados, serviria decerto para alcançar progressos nos domínios da ciência. Portanto, impunha-se que buscasse um esconderijo, o mais prontamente possível.

H. Seton Davenport, inspector da Divisão Americana do Departamento de Investigações Terrestres, passou a mão pelo queixo pensativamente.

— Não ignoro que os Ultras são perigosos — proferiu com veemência.

— Nem faz ideia até que ponto — redarguiu M. T. Ashley, chefe da Divisão, sentado atrás da secretária do seu gabinete. — Estou mesmo convencido de que pouca gente o sabe com exactidão. Ninguém conhece concreta-mente o número dos seus efectivos.

— Nem mesmo o Departamento?

— O Departamento tem de se sujeitar a certas limitações. Já reparou no que sucede na Terra nos dois últimos séculos? Não lhe ocorreu que um declínio moderado da população resultaria vantajoso? Nunca lhe passou pela cabeça que o desaparecimento dos néscios, incapacitados e insensíveis só traria vantagens? Aqui para nós, a mim já.

— É possível que encare a hipótese, ocasionalmente. Mas do pensamento à prática vai uma distância enorme por vezes incomensurável, além do que nunca aprovei despotismos.

— Deixemos as teorias e passemos ao que nos interessa. Conhece o agente Ferrant?

— O que desapareceu? Pessoalmente, não.

— Há dois meses, foi localizada uma nave abandonada na superfície da Lua. A Sociedade Geológica Russo-Americana que patrocinara a

expedição de que a nave fazia parte revelou que deixara repentinamente de receber notícias dos seus homens. Verificou-se que o veículo deslizante tinha desaparecido com um dos tripulantes, chamado Karl Jennings. O outro, James Strauss, foi encontrado vivo mas delirante. Não apresentava indícios de lesões físicas, no entanto estava irremediavelmente louco. E ainda está, o que se me afigura importante.

— Porquê? — perguntou Davenport.

— Porque os médicos que o examinaram anunciaram anormalidades neuroquímicas e neuroeléctricas de natureza sem precedentes. Nunca se lhes tinha deparado um caso semelhante. Na verdade, o estado de Strauss não se pode dever a causas humanas.

— Suspeita de invasões extraterrestres? — sugeriu o inspector com um sorriso malicioso.

— Talvez — concedeu Ashley, mantendo uma expressão grave. Mas deixemos continuar. As pesquisas nas cercanias da nave não revelaram qualquer vestígio do veículo deslizante. De súbito, a Estação Luna comunicou captação de sinais fracos de origem indeterminada, na direcção geral da periferia oeste de Mare Imbrium, mas como não havia informações de qualquer nave naquela zona foram ignorados. Todavia, com o veículo deslizante no pensamento, a equipa de pesquisas dirigiu-se a Maré Imbrium e encontrou-o, com Jennings a bordo, morto. Apresentava um profundo ferimento no abdómen produzido por uma faca. Entretanto, os médicos mostravam-se extremamente preocupados com a natureza das palavras incoerentes de Strauss. Contactaram com o Departamento e os nossos dois homens na Lua (um dos quais era Ferrant) acorreram à nave.

«Ferrant examinou a gravação das incoerências de Strauss, uma vez que não havia (nem há) possibilidades de o interrogar, pois existe uma muralha intransponível entre ele e o Universo. Apesar disso, as palavras que proferiu no delírio, embora se repitam frequentemente, podem adquirir certo sentido. Ferrant reuniu-as como peças de um quebra-cabeças. Aparentemente, Strauss e Jennings encontraram um objecto que atribuíram a criaturas não-humanas, as quais teriam visitado a Lua em épocas imemoriais. Segundo parece, serve para alterar o cérebro humano.

— Quer dizer que é o responsável pela loucura de Strauss?

— Precisamente. Strauss era (podemos empregar o passado, porque continua vivo apenas tecnicamente) um Ultra e Jennings não lhe queria

ceder o objecto, pois sabia que o utilizaria para a destruição dos indesejáveis. Registou-se luta entre ambos e Jennings foi anavalhado quando pretendia afastar-se para ocultar o Dispositivo. Antes disso, porém, conseguiu perturbar irremediavelmente o cérebro de Strauss.

— E onde se encontra esse objecto?

— O agente Ferrant revistou a nave e as cercanias sem o descobrir. Esquadrinhou igualmente o veículo deslizante, acabou no entanto por encontrar um cartão entre os dedos de Jennings, no qual este conseguira traçar alguns símbolos antes de morrer, representando a chave do local onde o Dispositivo fora escondido.

— Entretanto, Ferrant desapareceu. Seria raptado pelos Ultras?

— De modo algum. O cartão desapareceu com ele.

— Compreendo.

— Há muito que suspeitávamos de que era um Ultra. De resto, não é o único no Departamento. No entanto, como não dispúnhamos de provas, limitávamo-nos a vigiá-lo.

— Quem se incumbia disso?

— Gorbansky. Por sorte, este filmou o cartão e enviou a reprodução à Central, embora não lhe atribuísse importância especial.

— Tem uma cópia dos dizeres?

— Sim.

Ashley extraiu de uma gaveta um cartão de dez centímetros por quatro e estendeu ao inspector, o qual contemplou demoradamente os símbolos gravados nele.

— Confesso que não descortino o menor significado.

— Nem eu, a princípio. Mas ponderemos a questão. Jennings devia supor que Strauss o perseguiria, pois talvez não soubesse que o inutilizara

definitivamente. Portanto, temia que um Ultra encontrasse o Dispositivo antes de um Moderado e não se atrevia a deixar uma indicação clara. Esses símbolos representam sem dúvida uma pista dissimulante, mas susceptível de ser descoberta por um espírito suficientemente engenhoso.

— Podemos ter a certeza disso? Não esqueçamos que Jennings estava moribundo e talvez se achasse sujeito igualmente aos efeitos do objecto misterioso. Quanto a mim, este cartão contém apenas uma algaraviada sem nexo.

— Não acredito. — Ashley abanou a cabeça firmeza. — Consultei o processo de Jennings e inteirei-me de que manifestava inclinação especial para os jogos de palavras e trocadilhos.

Davenport continuou a fixar o cartão por um momento. De súbito, soltou uma exclamação.

— Que universidade frequentou ele?

— A Eastern.

— Sabe se concluiu o curso de extraterrologia?

— Certamente. De contrário, não se poderia formar em geologia.

— Nunca ouviu falar no professor de extraterrologia da Universidade Eastern?

— É Wendell Urth, uma mistura de cientista e excêntrico.

— Este círculo da direita pode perfeitamente representar a Terra (*Earth*). Portanto, tendo presente a tendência de Jennings para os trocadilhos, podemos admitir que a seta por baixo significa: «Dirijam-se a Urth»[4].

— É muito possível — admitiu Ashley. — Mas que nos poderá ele revelar sobre o cartão?

— Sugiro que lho perguntemos.

Ashley olhou em volta com curiosidade para a aparente desordem que imperava na sala em que se encontrava, onde se viam os objectos mais singulares e heterogéneos. Todavia, Davenport, sentado a seu lado, não se mostrava impressionado com um ambiente que visitara em várias ocasiões.

— Agradeço-lhes imenso a visita, meus senhores! — proferiu o homem adiposo instalado na poltrona-secretária diante deles. — O senhor Davenport revelou-me que os preocupa um problema invulgar. Se tiverem a

gentileza de mo expor, envidarei os meus modestos esforços para o solucionar.

O inspector aguardou um momento, porém vendo que Ashley se conservava silencioso, decidiu tomar a iniciativa.

— Recorda-se de um seu aluno chamado Jennings, Dr. Urth?

O cientista enrugou a fronte e terminou por menear a cabeça.

— Confesso que não. Pelo menos, neste instante.

— Formou-se em geologia, depois de frequentar as suas aulas de extraterrologia. Tenho aqui a fotografia. — Davenport exibiu-a, contudo Wendell Urth continuou a ostentar uma expressão perplexa. — Deixou uma mensagem enigmática que representa a chave de um assunto de extrema importância. Depois de tentarmos interpretá-la infrutiferamente, resolvemos consultá-lo, sobretudo porque existe uma indicação nesse sentido.

— Posso vê-la?

Sem proferir palavra, Ashley entregou ao cientista a reprodução dos símbolos até então indecifráveis.

— Onde diz que me procurem? — inquiriu Urth.

— Depreendemo-lo da seta apontando para o círculo.

— Realmente, trata-se do símbolo do planeta Terra.

— A alusão afigurou-se-nos clara quando descobrimos que Jennings fora seu aluno.

— Frequentou esta universidade?

— Exactamente. No ano dezoito.

— Ah! Está esclarecido o mistério.

— Refere-se ao significado da mensagem? — perguntou Davenport.

— Não. A mensagem não me diz coisa alguma. Compreendo agora por que não me lembrava dele, mas já sei de quem se trata. Era um rapaz muito reservado, modesto mesmo, que se esforçava por passar despercebido. Sem isto — Urth indicou o cartão — talvez não o recordasse.

— De que modo é que a mensagem altera a situação?

— A alusão à minha pessoa representa um jogo de palavras: *Earth*-Urth. Não muito subtil, sem dúvida, mas Jennings era assim mesmo.

Manifestava predilecção especial pelos trocadilhos. No entanto, confesso que a mensagem era si não me revela coisa alguma.

O inspector e Ashley entreolharam-se e este último inclinou a cabeça, após o que Davenport descreveu a situação resumidamente. No final Urth embrenhou-se em reflexões por uns momentos e perguntou:

— Trouxeram a transcrição da conversa reconstituída por Ferrant?

— Sim — aquiesceu o inspector. — Deseja vê-la?

— Gostaria imenso. — O cientista colocou o pedaço de película num esquadrinhador e leu o conteúdo pausadamente. — E afirmam que a mensagem enigmática constitui a chave do mistério?

— Precisamente.

— Creio que posso fornecer-lhes uma ideia concreta do esconderijo do Dispositivo — anunciou o cientista plàcidamente.

— Quer dizer que descobriu o significado de todos os símbolos?

— De modo algum, e confesso que isso não me preocupa.

— Mas...

— Sei o significado da mensagem. É transparente, de resto. Comecei a adivinhá-lo a meio da descrição dos factos e fiquei com a certeza quando li a reprodução da conversa entre Strauss e Jennings. Aliás, penso que chegariam à mesma conclusão se tivessem puxado um pouco pelo miolo.

— Mas acaba de confessar que desconhece o significado dos símbolos — argumentou Ashley, começando a impacientar-se.

— E é verdade. Por outro lado, afirmei que conheço a natureza da mensagem.

— Importa-se de nos revelar a sua análise, Dr. Urth? — rogou Davenport.

— Muito bem. — O extraterrólogo reclinou-se na poltrona e limpou as lentes dos óculos com a fralda da camisa. — Se admitirmos que o círculo e a seta constituem uma indicação para me procurarem, restam sete símbolos, os quais podem possuir tantos significados que resultam destituídos de importância. Impõe-se, portanto, que determinemos o que existe na mensagem destituído de ambiguidade. A resposta consiste em que se trata realmente de uma mensagem, a *chave* indicativa de um esconderijo. Disso, estamos certos, não é assim?

O inspector assentiu com uma inclinação de cabeça e observou prudentemente.

— Pelo menos, é o que supomos.

— Se combinarmos a gravidade do assunto com a tendência de Jennings para os jogos de palavras... — Urth fez uma pausa. — Permitam-me que lhes conte uma história. Na segunda metade do século dezasseis, viveu em Roma um jesuíta alemão, matemático e astrónomo de nomeada, que auxiliou o Papa Gregório XIII a reformar o calendário, em 1582, efectuando todos os enormes cálculos envolvidos. O astrónomo admirava Copérnico, mas não aceitava o ponto de vista heliocêntrico do Sistema Solar, inclinando-se para a antiga crença de que a Terra era o centro do Universo. Em 1650, quase quarenta anos após a morte desse matemático, o mapa da Lua foi traçado por outro jesuíta, o astrónomo italiano Giovanni Battista Riccioli, o qual baptizou as crateras com nomes de astrónomos do passado, e como também rejeitava as ideias de Copérnico, escolheu as maiores e mais espectaculares para aqueles que indicaram a Terra como centro do Universo: Ptolomeu, Hiparco, Afonso X, e Tycho Brahe. A mais larga que encontrou reservou-a para o seu predecessor jesuíta alemão. Na realidade, é apenas a segunda cratera em ordem de grandeza das que se observam da Terra. A que a suplanta chamasse Bailly, situada num ponto dificilmente visível do nosso planeta. Riccioi ignorou-a e foi identificada por um astrónomo que viveu um século mais tarde, guilhotinado durante a Revolução Francesa.

— Mas que tem isso a ver com a mensagem? — quis saber Ashley.

— Tudo! Não lhe chamaram a chave do mistério?

— Sem dúvida.

— Não é exacto que lidamos com alguma coisa que constitui o indício ou chave de outra?

— Absolutamente — concedeu Ashley.

— Então, deixem-me continuar. O jesuíta alemão a que me refiro chamava-se Christoph Klau. Reparem no trocadilho: «Klau-*clue*»{5}.

— Parece-se demasiado forçado.— resmungou Ashley.

— Que eu saiba, não existe coisa alguma na Lua denominada Klau — observou Davenport.

— Claro que não — aquiesceu Urth, entusiasmado. — É precisamente essa a questão. Naquele período da História, segunda metade do século dezasseis, os eruditos europeus procuravam latinizar os seus nomes e Klau seguiu-lhes o exemplo. Em lugar do «u» germânico, recorreu à letra equivalente «v». A seguir, acrescentou a terminação latina típica «ius», e Christoph Klau tornou-se Christopher Clavius. Ora, creio que toda a gente conhece a gigantesca cratera chamada Clavius.

— Mas...— começou o inspector.

— Não me interrompa, por favor. Recordo-lhes que a palavra latina «clavis» significa «chave». Vêem agora o trocadilho duplo e bilingue? Klau-*clue*; Clavius-clavis-chave. Jennings deixou a indicação para que me procurassem, porque sabia que eu recordaria a sua tendência para os trocadilhos. — Urth fez uma pausa. — Sugiro que esquadrinhem a zona mergulhada na sombra da cratera Clavius, no ponto em que a Terra fica mais perto do seu zénite.

— Onde está o videofone? — perguntou Ashley, levantando-se.

— Na sala do lado.

— Tem a certeza do que afirma, Dr. Urth? — inquiriu Davenport, enquanto o chefe se afastava.

— Absoluta. Mas ainda que me equivocasse, não teria muita importância.

— Porquê?

— Mesmo que o Dispositivo fosse encontrado pelos Ultras, duvido que o soubessem utilizar.

— Não compreendo.

— Perguntou-me se Jennings fora meu aluno, mas não se referiu a Strauss, o qual também frequentou as minhas aulas. Lembro-me dele perfeitamente.

— Sim?

— Era um indivíduo deveras desagradável, possuidor de uma frieza e calculismo que constituem características fundamentais dos Ultras. Ora, a conversa reconstituída por Ferrant revela-nos que Strauss não podia activar Dispositivo, por ausência do estado emocional indispensável, e o mesmo se passará com todos os Ultras. Por outras palavras, julgo que o Dispositivo só reage ao amor e nunca ao ódio.

A BOLA DE BILHAR

O presente conto ainda me evoca recordações mais agradáveis que o precedente. No Vigésimo-Quarto Congresso Mundial de Ficção Científica, efectuado em Cleveland, durante a semana após o Dia do Trabalho de 1966, fui um dos que receberam um Hugo («Oscar» da popularidade da ficção científica), em condições particularmente aprazíveis para mim, minha mulher e filhos que se achavam entre a assistência.

O magazine de ficção científica IF conquistou igualmente um Hugo e o seu editor tratou de obter promessas de todos os escritores galardoados para que escrevessem histórias destinadas a uma edição especial. Só se possuísse um coração totalmente empedernido resistiria a semelhante pedido, e tratei de o satisfazer.

Segue-se o resultado. É o único trabalho do gênero que conheço em que se aborda a Teoria Geral da Relatividade de Einstein.

James Priss — talvez devesse escrever «o Professor James Priss», embora toda a gente o conheça mesmo sem o emprego do título — exprimia-se sempre com lentidão. Posso afirmá-lo com conhecimento de causa, porque necessitei de o entrevistar. Possuía o cérebro mais brilhante depois de Einstein, mas não funcionava com rapidez. De resto, ele admitia o facto com frequência. Por outro lado, isolava-se do Mundo, raramente aparecendo em cerimónias públicas.

Talvez fosse por isso que ninguém, excepto eu, o julgaria capaz de praticar um homicídio. E mesmo agora ainda não tenho bem a certeza. Com efeito, seria de admitir que uma pessoa de raciocínio lento tivesse pensado com rapidez fulminante num momento crucial?

No fundo, não interessa. Mesmo que praticasse o crime, ninguém o incomodou pelo facto. Agora, é demasiado tarde para tentar alterar os factos, e de qualquer modo eu nunca o conseguiria mesmo que permitisse a publicação desta história.

Edward Bloom foi condiscípulo de Priss na Universidade e associado, por força das circunstâncias, ao longo de uma geração. Tinham a mesma idade e propensão para o celibato, mas manifestavam pontos de vista antagónicos em tudo o resto que se revestia de importância. Bloom era um indivíduo particularmente dinâmico, possuidor de profunda confiança em si próprio. O seu cérebro assemelhava-se a um meteoro cruzando o firmamento, na rapidez e imprevisto com que abarcava os factos essenciais. Não se tratava de um teórico como Priss. Não dispunha de paciência e capacidade para se concentrar com intensidade num único ponto abstracto. Aliás, admitia-o e até se vangloriava disso. Por outro lado, tinha o condão de vislumbrar prontamente a aplicação, uma teoria para fins práticos. Em resultado disso, quarenta e cinco anos podia considerar-se um dos homens mais ricos da Terra. E se Bloom, o técnico, se adaptava a uma questão determinada mais do que a qualquer outra, era no modo de pensar de Priss, o teórico. Os dispositivos mais espectaculares do primeiro deviam-se a ideias do segundo. À medida que a fortuna de Bloom se acumulava, Priss via intensificar-se o respeito que os colegas lhe dispensavam.

Naturalmente, era de esperar que quando Priss apresentou a sua Teoria de Dois Campos, Bloom não perderia tempo em construir o primeiro dispositivo antigravidade.

A minha missão consistia em descobrir interesse humano na Teoria de Dois Campos para os assinantes da *Tele-New Press*, o que só se consegue lidando com seres humanos e não com ideias abstractas. Como o meu entrevistado era o Professor Priss, o facto resultava difícil. Evidentemente que o interrogaria sobre as possibilidades da antigravidade, que interessava a toda a gente, e não a respeito da Teoria dos Dois Campos, que ninguém entenderia.

— Antigravidade? — Priss comprimiu os lábios pálidos e ponderou a questão. — Não estou totalmente convencido de que seja possível, nem mesmo no futuro. Não descortino como as equações dos Dois Campos teriam uma solução finita, o que só aconteceria se... — E embrenhou-se numa longa dissertação.

Quando se me afigurou oportuno, frisei:

— Bloom afirma que se pode construir um dispositivo dessa natureza.

— Custa-me a crer. Ed Bloom sempre teve o condão de lobrigar o que não é óbvio. Possui um espírito invulgar. Pelo menos, serviu-lhe para enriquecer. A fortuna não constitui a recompensa tradicional do cientista puro. Nem mesmo a desejável.

Não pude deixar de reflectir que, apesar de tudo Priss também obtivera certas compensações. Era a terceira pessoa na História que recebera duas vezes o Prémio Nobel. Além disso, se não possuía fortuna excepcional, também não morria de fome. Em todo o caso, não se exprimia como um homem satisfeito. Talvez não fosse apenas a riqueza de Bloom que o amargurava e sim a fama deste entre a população da Terra em geral. Era possível que se devesse ao facto de Bloom constituir uma celebridade onde quer que surgisse, ao passo que Priss, à parte nos congressos científicos, se revestia de anonimato.

— No entanto, somos amigos — prosseguiu o meu entrevistado.— Jogamos o bilhar duas ou três vezes por semana e costumo ganhar com regularidade.

(Nunca publiquei esta revelação. Certifiquei-me junto de Bloom, o qual se alongou numa peroração contraditória, que principiava com as eloquentes palavras: «Esse jumento, nem ao bilhar consegue vencer-me.» Na realidade, eram ambos peritos na matéria. Assisti a uma partida que disputaram pouco depois e verifiquei que manejavam o taco com perfeição.

Além disso, jogavam com profunda concentração, como se as suas vidas dependessem do resultado.

— Deseja fazer uma previsão sobre o êxito de Bloom na construção de um dispositivo antigravidade? — perguntei.

— Vejamos. Que se entende por antigravidade? O nosso conceito de gravidade gira em torno da Teoria Geral da Relatividade de Einstein, a qual tem mais de século e meio de existência mas, dentro de certos limites, permanece válida. Podemos conceber...

Escutei-o polidamente. Não era a primeira vez que o ouvia pontificar sobre o tema, mas se pretendia obter declarações importantes dele, tinha de o deixar expandir-se livremente.

— Podemos conceber o facto, supondo o Universo como uma folha de borracha delgada, plana e superflexível. Se imaginarmos a massa associada ao peso, como acontece à superfície da Terra, devemos admitir que uma massa qualquer, em repouso sobre a folha de borracha, produzirá uma depressão. No Universo verdadeiro, existem massas de diversas naturezas, pelo que a nossa folha de borracha deve ser imaginada repleta de depressões. Qualquer objecto rolaria ao longo dela mergulharia e emergiria das depressões à medida que passasse, oscilando e variando de direcção. É essa variação que internamos como prova da existência de uma força de gravidade. Se o objecto em movimento se aproximar do centro da depressão e tiver velocidade suficientemente reduzida, ficará preso e girará sobre si próprio dentro da depressão. Dada a ausência de atrito, a rotação manter-se-á permanentemente. Por outras palavras, aquilo que Isaac Newton interpretou como sendo uma força, Albert Einstein denominou distorção geométrica.

Neste ponto fez uma pausa. Exprimia-se fluentemente (de modo invulgar, mesmo), sobretudo atendendo a que repetia algo que dissera antes. A partir daí, porém, começou a avançar com prudência.

— Portanto, ao tentarmos produzir a antigravidade, procuramos alterar a geometria do Universo. Se insistirmos na nossa metáfora, podemos afirmar que tentamos alisar a folha de borracha com depressões. Poderíamos imaginar-nos postados por baixo da massa com depressões e erguê-la, exercendo impulso suficiente para evitar qualquer depressão. Se alisarmos a folha de borracha de semelhante modo, criaremos um Universo (ou pelo menos uma porção de Universo), em que a gravidade não existe.

Um corpo rolando mover-se-ia ao longo da folha de borracha desprovida de depressões sem alterar a sua direcção, e poderíamos interpretar o facto como um indício de que a massa não exercia qualquer força gravitacional. No entanto, para o conseguirmos, necessitaríamos de uma massa equivalente à da sujeita a depressões. Para produzirmos a antigravidade na Terra por esse modo, deveríamos recorrer a uma massa igual à da Terra e colocá-la sobre as nossas cabeças, por assim dizer.

— Mas a sua Teoria de Dois Campos... — atalhei.

— Precisamente. A Relatividade Geral não explica o campos gravitacional e electromagnético num único conjunto de equações. Einstein consagrou metade da sua vida à procura desse conjunto para uma Teoria de Campo Unificada, e falhou. Todos os que se lhe seguiram, viram igualmente os esforços malogrados. Eu, todavia, principiei pela noção de que havia dois campos possíveis de unificar e acompanhei as consequências, que posso explicar, em parte, em termos da metáfora da «folha de borracha».

Começávamos a chegar a uma fase que se me afigurava inédita e sugeri:

— Importa-se de ser mais explícito?

— Suponhamos que, era vez de tentarmos erguer a massa repleta de depressões, procuramos distender a própria folha, tornando-a menos sujeita a depressões. Contrair-se-á, pelo menos numa pequena superfície, e ficará mais plana. A gravidade atenuar-se-á, assim como a massa, porquanto constituem ambas o mesmo fenômeno em termos do Universo com depressões. Se conseguíssemos tornar a folha de borracha completamente plana, a gravidade e a massa desapareceriam por completo. Em condições apropriadas, o campo electromagnético poderia adquirir características adequadas para se opor ao campo gravitacional e serviria para distender a superfície depressionada do Universo. O campo electromagnético é largamente mais forte que o gravitacional, pelo que o primeiro poderia sobrepor-se ao segundo.

— Mas referiu «em condições apropriadas» —objecei. — Poderão realmente conseguir-se?

— Isso é que não sei. Se o Universo fosse realmente uma folha de borracha, a sua rigidez teria de atingir um valor infinito antes que pudesse ficar completamente plano sob uma massa sujeita a depressões. Se o fato

ocorre do mesmo modo no Universo real, um campo eletromagnético infinitamente intenso seria indispensável que equivaleria à impossibilidade de se obter a antigravidade.

— Mas Bloom afirma...

—Sim, calculo que ele pensa na hipótese de um campo finito bastar, desde que seja devidamente aplicado. Contudo, por engenhoso que o suponhamos, não o devemos admitir infalível — observou Priss, com um ligeiro sorriso. — As suas noções sobre a teoria afiguram-se-me sujeitas a caução. Sabia que nunca chegou a doutorar-se?

Preparava-me para responder afirmativamente, pois tratava-se de um facto de domínio público, mas considerei prudente manifestar a admiração apropriada.

— Nesse caso, crê que Bloom está equivocado e a antigravidade é impossível? — inquiri.

Aquiesceu com uma inclinação de cabeça.

— O campo gravitacional, pode ser atenuado, sem dúvida, mas se por antigravidade entendermos um campo de gravidade-zero (ausência total de gravidade num volume de espaço significativo), receio bem que a antigravidade resulte impossível, apesar das ideias contrárias de Bloom.

E obtive, até certo ponto, o que me interessava.

Só consegui avistar-me com Bloom transcorridos cerca de três meses e fui surpreendê-lo num momento de mau humor. Claro que se enfurecera assim que as afirmações de Priss tinham sido divulgadas e apressou-se a declarar que convidaria o Professor a assistir ao funcionamento do seu dispositivo de antigravidade assim que o construísse e até lhe pediria que participasse na demonstração. Um repórter (que não era eu, infelizmente) logrou que o recebesse e pediu-lhe que esclarecesse melhor aquelas palavras, recolhendo o seguinte:

— Espero ter o dispositivo pronto dentro em breve e permitirei que os membros da Imprensa interessados assistam à demonstração. O Professor James Priss poderá representar a Ciência Teórica e, depois que eu tenha demonstrado a antigravidade, terá ensejo de lhe adaptar a sua teoria para a justificar. Estou certo de que saberá proceder aos ajustamentos necessários e explicar por que a minha experiência não podia falhar. Se o fizesse já, pouparia tempo, mas não confio nisso.

Tratava-se de declarações perfeitamente polidas, como se vê, mas pressentia-se o veneno próximo da superfície. Não obstante, Bloom continuou a jogar o bilhar com Priss e quando se encontravam procediam sem margem para o mínimo reparo. Finalmente, consegui que me recebesse, embora num dia de má disposição excepcional. Cerca de meia hora depois de me terem mandado entrar para o seu gabinete, Bloom surgiu e afundou-se numa poltrona à minha frente.

— Desculpe fazê-lo esperar, mas não disponho de tanto tempo como imaginava — declarou, respirando fundo.

Aventurei a conclusão óbvia:

— Devo depreender que os seus recentes ensaios resultaram infrutíferos?

— Quem lhe disse?

— São coisas que correm por aí.

— Não é verdade. O que se passa no meu laboratório não corre por aí, segundo a sua expressão. Limita-se a repetir as opiniões de Priss, hem?

— De modo algum.

— Não minta. Não foi ao senhor que ele fez aquelas declarações sobre a impossibilidade de se conseguir a antigravidade?

— Não o afirmou peremptoriamente.

— Priss nunca diz nada peremptoriamente. No entanto, mostrou-se deveras claro e espero pulverizar-lhe a malfadada folha de borracha com a minha demonstração.

— Significará isso que obteve êxito?

— Sabe perfeitamente que sim. Não assistiu à experiência da semana passada?

— Decerto.

Calculei que o meu entrevistado se achava em apuros, de contrário não aludiria àquela experiência. Desenrolara-se satisfatoriamente, mas não constituíra um triunfo espectacular. Entre os dois polos de um íman fora produzida uma região de gravidade atenuada. Bloom utilizara um Volante de Efeito Mössbauer para explorar o espaço entre os polos. Para quem nunca viu um Volante E-M em funcionamento, esclarecerei que consiste fundamentalmente num estreito feixe monocromático de raios-gama emitidos ao longo do campo de baixa gravidade. Os raios-gama mudam de

comprimento de onda ligeiramente, mas de modo notável, sob a influência do campo gravitacional, e se algum factor alterar a intensidade do campo, o comprimento de onda modifica-se de modo correspondente. Constitui um método extremamente delicado para sondar um campo gravitacional, e resultou admiravelmente. Não restou qualquer dúvida de que Bloom reduzira a gravidade. O pior era que outros já o haviam tentado anteriormente. Contudo, ele utilizara circuitos que aumentaram apreciavelmente a facilidade com que aquele efeito se obtivera, e Bloom sustentava que seria por intermédio desse processo que a antigravidade se tornaria não apenas uma curiosidade científica mas uma questão prática aplicável à indústria.

Era possível. Não obstante, tratava-se de um trabalho incompleto, e ele não costumava barafustar a respeito de obras que não se revelassem totalmente concluídas. Não o faria agora, se não estivesse desesperado por exibir qualquer coisa.

— Segundo a minha impressão — observei — o que conseguiu nessa demonstração consistiu no valor de 0,82, muito melhor do que alcançado no Brasil, a Primavera passada.

— Acha que sim? Calcule a energia de entrada no Brasil e a daqui e diga-me a diferença de decréscimo de gravidade em quilovátios-hora. Ficará surpreendido com o resultado.

— Mas conseguirá mesmo atingir a gravidade-zero? É isso que o Professor Priss considera impossível. Todos concordam que a simples atenuação da intensidade do campo não representa um feito excepcional.

— Os teóricos provocam-me náuseas. Priss conquistou o Prémio Nobel duas vezes por apresentar um punhado de equações novas. Mas que faz com elas? Nada! Eu porém, aproveitei-as e ainda conseguirei algo mais. O público ficará a recordar-se de mim. Ele que guarde os galardões e os exiba às visitas. Garanto-lhe que apenas o move a inveja ao fazer semelhantes declarações à Imprensa. Certa ocasião, disse-lhe... Costumamos jogar bilhar juntos.

Foi neste ponto que repeti as afirmações de Priss acerca do bilhar, e Bloom replicou energicamente. Quando serenou um pouco, prosseguiu:

— As partidas desenrolam-se com manifesto equilíbrio, e o número de vitórias acha-se repartido equitativamente. Como dizia há pouco, numa

altura era que jogávamos, observei-lhe: «O grande público nunca compreenderá por que conquistas o Prémio Nobel, quando sou eu que obtenho os resultados. De resto, para que precisas de dois? Dá-me um!» Aplicou giz no taco calmamente e respondeu: «Possuis mais de dois biliões de dólares, Ed. Dá-me um.» Portanto, como vê, interessa-lhe o dinheiro.

— Nesse caso, não o preocupa que ele receba as honras?

Por um instante, pensei que me poria na rua. Todavia, dominou-se e acabou por soltar uma gargalhada.

— Evidentemente que não. Vou fazer-lhe uma confidência. Na verdade, as coisas correram hoje da pior maneira, mas creio ter descoberto a causa da anomalia e em breve a corrigirei. Pode comunicar aos seus leitores que não necessitamos da intensidade electromagnética infinita. Alisaremos a folha de borracha e obteremos a gravidade-zero. Será uma demonstração espectacular que ficará gravada na História.

O convite para assistir à demonstração surgiu cerca de um ano mais tarde. Bloom nunca descurava um pormenor, e o facto serviu de pretexto para que brindasse os convidados com um *cocktail* aprazível, em que se viam figuras destacadas da Ciência, Imprensa e Televisão. James Priss chegou um pouco atrasado e notei que Bloom principiava a impacientar-se quando o viu aparecer. Correu imediatamente ao seu encontro e arrastou-o para o bar.

— Começava a recear que não viesses, Jim! Que tomas? Se faltasses, cancelava a demonstração. Sem a estrela principal, o espectáculo perdia toda a graça. No fundo, limito-me a aproveitar a tua teoria. Nós, pobres mortais, ficávamos desamparados sem o auxílio dos teóricos eminentes.

Reflecti que se esmerava em engordar Priss para a matança que se avizinhava. Este tentou recusar a bebida, porém o outro colocou-lhe um copo na mão e bradou:

— Um pouco de atenção, meus senhores! Rogo-lhes que me acompanhem num brinde ao Professor Priss, o cérebro mais brilhante do Universo depois de Einstein, duas vezes galardoado com o Prémio Nobel, progenitor da Teoria de Dois Campos e inspirador da demonstração a que vamos assistir... embora ele não acredite que resulte e tivesse a coragem de o afirmar publicamente.

A experiência desenrolar-se-ia numa ampla sala contígua àquela em que fora servido o *cocktail*. Verifiquei que os imanes eram de menores dimensões que os da demonstração anterior, mas o Volante E-M parecia o mesmo. Contudo, uma coisa era nova, e despertou as atenções gerais imediatamente: uma mesa de bilhar sob um dos polos do íman. Por baixo dela achava-se o outro polo. Uma abertura circular, com cerca de trinta centímetros de diâmetro, fora efectuada no centro da mesa e resultava óbvio que o campo de gravidade-zero seria produzido através daquele espaço.

Lancei uma olhadela a Priss e observei que continuava a segurar o copo que Bloom lhe colocara na mão. Raramente bebia, porém naquele momento levou-o aos lábios e quase o esvaziou de um único trago. Cravava o olhar na mesa de bilhar, e a sua expressão deixava transparecer que a considerava um desafio directo.

Bloom indicou-nos que ocupássemos as vinte cadeiras que contornavam três lados da mesa, deixando o quarto livre para teatro das operações. Essencialmente, a demonstração podia considerar-se simples; era a produção que contava. Havia vários quadrantes visíveis, que mediam o consumo de energia, e outros destinados a indicar as leituras do Volante E-M. Em suma, achava-se tudo preparado para que as câmaras da TV tridimensional não perdessem um pormenor.

Bloom explicou calmamente todas as fases da experiência, com duas ou três pausas ocasionais a fim de se voltar para Priss em busca de confirmação de determinadas afirmações.

Como todos sabem, a demonstração resultou plenamente. O Volante E-M indicou que a intensidade gravitacional se atenua regularmente, à medida que o campo electromagnético se intensificava. Ouviram-se alguns aplausos quando se ultrapassou o valor de 0,52, facto indicado por uma linha vermelha no quadrante.

— O valor 0,52 representa, como sabem, o ponto mínimo de intensidade gravitacional obtido anteriormente — explicou Bloom. — Passámos a um nível ainda mais baixo, com um dispêndio de electricidade inferior a dez por cento ao da marca precedente. E ainda desceremos mais.

Escoaram-se alguns momentos, enquanto as câmaras tridimensionais absorviam a cena com sofreguidão, oscilando entre a abertura na mesa de bilhar e os aparelhos de medida. De súbito, o nosso anfitrião declarou:

— Meus senhores, encontrarão óculos escuros na bolsa existente ao lado de cada cadeira. Tenham a bondade de os pôr. O campo de gravidade-zero será estabelecido dentro em pouco e emitirá radiações ultra-violeta. — E principiou por dar o exemplo.

Creio que ninguém respirou no minuto que se seguiu, quando o ponteiro do quadrante atingiu o zero e permaneceu imóvel. No mesmo instante, um cilindro de luz estabeleceu-se bruscamente entre os dois polos do íman, através da abertura na mesa de bilhar.

— A que se deve a luz, senhor Bloom? — perguntou alguém.

— É característica da gravidade-zero — replicou o interpelado vagamente.

Os repórteres levantaram-se, para se aproximarem da mesa, porém Bloom mandou-os retroceder com um gesto peremptório. Apenas Priss se conservou sentado. Parecia imerso em reflexões, e persuadi-me a partir desse momento de que os óculos escuros atenuaram o possível significado de tudo o que se seguiu. Eu não conseguia descortinar-lhe os olhos, achando-me portanto impossibilitado de adivinhar o que se passava por detrás dele.

Bloom voltou a fazer-se ouvir:

— A demonstração ainda não terminou! Até aqui, limitei-me a repetir a experiência anterior. Produzi uma gravidade-zero e provei que se pode obter praticamente. No entanto, pretendo demonstrar o que se conseguirá com um campo dessa natureza. Aquilo que segue jamais foi dado a contemplar a um ser humano, incluindo eu próprio. Não me aventurei nesse sentido, porque pensei que o Professor Priss merecia a honra de...

— O quê? O quê? — balbuciou o visado, regressando à realidade.

— Quero que procedas à primeira experiência envolvendo a penetração de um objecto sólido num campo de gravidade-zero. Nota que este se formou no centro de uma mesa de bilhar. O Mundo conhece a tua perícia nesses domínios, Jim, apenas suplantada pela habilidade em expor teorias físicas. Importas-te de enviar uma bola para o volume da gravidade-zero?

Pegou num taco e numa bola e estendeu-os ansiosamente ao Professor. Este, os olhos ocultos pelos óculos escuros, contemplou-os por uns instantes e terminou por aceitá-los.

— Levanta-te e deixa-me ocupar a tua cadeira — acrescentou Bloom. — A partir de agora, o espectáculo pertence-te. — Sentou-se, cruzou os braços sobre o peito e continuou: — Quando o Professor Priss enviar a bola para o volume de gravidade-zero, ela deixará de estar sob a influência do campo gravitacional da Terra, permanecendo absolutamente imóvel enquanto esta gira no seu eixo e viaja em torno do Sol. Na nossa latitude e a esta hora, o globo terrestre, nos seus movimentos, deslocar-se-á para baixo, segundo os meus cálculos. Mover-nos-emos com ele e a bola conservar-se-á imóvel. Para nós, será como se se erguer e afastar da superfície da Terra. Prestem atenção.

Priss parecia subitamente paralisado diante da mesa. Estaria surpreendido? Perplexo? Não faço ideia, e jamais o saberemos. Por fim, enquanto todos os presentes se levantavam para observar melhor, pousou a bola no pano verde, Bloom mantinha-se sentado, agora isolado dos outros, assistindo à cena com um leve sorriso.

O Professor empunhou o taco, inclinou-se para a mesa, visou a bola cuidadosamente e pô-la em movimento. Começou a deslocar-se sem velocidade excessiva, e todos os olhares a podiam acompanhar com facilidade. Contactou com uma das tabelas, mudou de direcção e, ainda mais lentamente, deslizou para a abertura onde se estabelecera a gravidade-zero.

Atingiu a periferia, pareceu marcar um fugaz compasso de espera e desapareceu no clarão intenso, com um som surdo e o cheiro de tecido queimado.

Soltei um grito. Na realidade, o clamor foi geral.

Assisti à projecção do filme na Televisão, mais tarde juntamente com o resto do Mundo, mas não consegui reconhecer a minha expressão no decurso da confusão alucinante que se prolongou por quinze segundos.

Quinze segundos!

De repente, descobrimos Bloom. Continuava sentado na cadeira diante da mesa, os braços ainda cruzados sobre o peito, com um orifício do tamanho de uma bola de bilhar através do antebraço, peito e costas. A maior parte do coração, consoante a autópsia revelou, fora arrancada radicalmente.

Alguém desligou o dispositivo. Chamaram a Polícia e levaram Priss, que se encontrava num estado de alheamento quase total. Aqui para nós, eu

não me sentia menos impressionado e, se algum dos presentes tentasse afirmar que encarara a tragédia com indiferença, chamar-lhe-ia mentiroso.

Só voltei a ver Priss vários meses depois. Emagrecera um pouco, mas apresentava um aspecto satisfatório. Na realidade, tinha as faces coradas e maneiras decididas que eu nunca lhe observara. Além disso, denotava um cuidado invulgar na indumentária.

— *Agora* já sei o que se passou — declarou. — Se ponderasse o assunto nessa altura, tê-lo-ia previsto. Infelizmente, costumo raciocinar com lentidão, e o pobre Bloom mostrou-se tão empenhado em deslumbrar a assistência que não hesitei em comprazê-lo. Claro que tenho tentado compensar alguns dos estragos que produzi inadvertidamente.

— Não pode restituir a vida a Bloom — frisei.

— Sem dúvida que não. Mas devemos pensar na situação do complexo industrial que ele dirigia. O que aconteceu na demonstração, perante os olhos de todo o Mundo, constituiu a pior propaganda da gravidade-zero, e impõe-se que o assunto fique esclarecido. Foi por isso que o mandei chamar.

—Não compreendo.

— Se raciocinasse mais rapidamente, adivinharia que Ed proferia o maior disparate da História ao afirmar que a bola de bilhar se ergueria lentamente no campo de gravidade-zero. Era absolutamente impossível. Se ele não desdenhasse tanto a teoria, compreendê-lo-ia sem dificuldade. No fundo, o movimento da Terra não era o único envolvido. O Sol, por exemplo, desloca-se numa vasta órbita em torno do centro da Galáxia da Via Láctea e esta move-se igualmente de um modo não claramente definido. Se a bola de bilhar fosse submetida à gravidade-zero, admiti-la-íamos indiferente a qualquer desses movimentos e, por conseguinte, permaneceria em estado de repouso absoluto... quando toda a gente sabe que o repouso absoluto não existe.

«Desconfio que Ed pensava na espécie de gravidade-zero que se verifica numa nave espacial em queda livre, em que os tripulantes flutuam na atmosfera. Ele esperava que a bola flutuasse dessa maneira. Contudo, numa nave espacial, a gravidade-zero não constitui o resultado de uma ausência de gravitação, mas simplesmente o de dois objectos (uma nave e um homem dentro dela) caindo a mesma velocidade relativa e reagindo à gravidade exactamente de modo idêntico, pelo que cada um se conserva

imóvel em relação ao outro. No campo de gravidade-zero produzida por Ed, registou-se o alisamento da folha de borracha do Universo, equivalente a uma perda de massa. Tudo nesse campo, incluindo as moléculas de ar e a bola de bilhar que impeli para lá, achava-se completamente destituído de massa enquanto permaneceu no seu interior. Ora, um objecto sem massa só se pode mover num sentido.

— A que movimento se refere? — perguntei, interessado.

— O da velocidade da luz. Qualquer objecto destituído de massa, como um neutrino ou um fotão, deve deslocar-se à velocidade da luz enquanto existir. Na realidade, a luz desloca-se a semelhante velocidade unicamente porque é constituída por fotões. Assim que a bola de bilhar penetrou no campo de gravidade-zero e perdeu a sua massa, adquiriu simultaneamente a velocidade da luz e partiu disparada.

— Mas não readquiriu a massa logo que abandonou o volume de gravidade-zero? — argumentei.

— Decerto, e principiou em seguida a ser afectada pelo campo gravitacional e diminuir de velocidade em resposta ao atrito do ar no topo da mesa de bilhar. Mas imagine a quantidade de atrito que seria necessária para reduzir o deslocamento de um objecto com a massa de uma bola dessa natureza movendo-se à velocidade da luz. O míssil atravessou a espessura da nossa atmosfera num milésimo de segundo, e duvido que o movimento se reduzisse mais do que escassos quilómetros por segundo dos vários milhares a que se deslocava. No seu movimento chamuscou o pano da mesa, perfurou uma das tabelas e atravessou o corpo do infortunado Ed, após o que se perdeu pela janela. Quis o acaso que nos encontrássemos num edifício isolado, de contrário a bola de bilhar poderia penetrar noutras casas e causar numerosas vítimas. De momento, deve achar-se no Espaço, para além do Sistema Solar, onde continuará a mover-se eternamente a uma velocidade próxima da]da luz, a menos que colida com um objecto suficientemente volumoso para lhe interromper a marcha, no qual produzirá uma cratera apreciável.

— Como foi possível? — inquiri, após um momento de ponderação. — A bola entrou no volume de gravidade-zero quase imóvel. Recordo-me perfeitamente disso. Não obstante, afirma que partiu com uma quantidade de energia cinética incrível, Professor. De onde surgiu essa energia?

— De parte alguma! — Priss encolheu os ombros. — A lei da conservação de energia só é válida nas condições em que se admite a relatividade geral; por outras palavras, num universo de folha de borracha com depressões. Se estas forem suprimidas, a relatividade geral deixa de se aplicar e a energia pode ser criada e destruída livremente. O facto explica a radiação ao longo da superfície cilíndrica do volume da gravidade-zero. Lembre-se que Boom não a justificou satisfatoriamente, por se sentir incapaz disso. Se tivesse efectuado a experiência previamente, sem enveredar pelo dramatismo...

— A que se deve a radiação?

— Às moléculas de ar no interior do volume, cada uma das quais adquire a velocidade da luz e brota violentamente para cima. No entanto, como se trata apenas de moléculas e não de bolas de bilhar, são detidas, porém a energia cinética do seu movimento converte-se em radiação energética. É contínua, porque se introduzem constantemente novas moléculas, as quais assumem prontamente a velocidade da luz.

— Quer dizer que se cria energia permanentemente?

— Nem mais. E é isso que devemos frisar ao público. A antigravidade não representa fundamentalmente um dispositivo destinado a erguer naves espaciais ou revolucionar o movimento mecânico. Ao invés, constitui a origem de uma fonte de energia livre inesgotável, porquanto parte da energia produzida pode ser desviada para sustentar o campo que mantém plana essa porção do Universo. O que Ed Bloom inventou, sem o saber, consistiu não apenas na antigravidade mas na primeira máquina de produção do moto contínuo capaz de criar energia do nada.

— Portanto, qualquer de nós podia ter sido morto pela bola de bilhar, se partisse noutra direcção.

— Bem, os fotões sem massa emergem de qualquer fonte de luz, à velocidade desta, em qualquer direcção. É por esse motivo que uma vela emite luz em todos os sentidos. As moléculas de ar sem massa provêm do volume de gravidade-zero em todas as direcções, sendo por essa razão que todo o cilindro emite raios de luz. Contudo, a bola de bilhar não passava de um único objecto. Podia partir em qualquer direcção, mas como tinha de se deslocar numa determinada, optou por aquela em que Ed se encontrava.

E o assunto ficou assim encerrado. Todos estão ao corrente das consequências. A Humanidade dispunha de energia livre e passámos a ter o

Mundo actualmente existente. O Professor Priss foi nomeado director do complexo industrial, em substituição de Bloom, e não tardou a acumular fortuna superior à deste. Portanto, possui agora o duplo Prémio Nobel e dinheiro.

Em todo o caso, nos momentos de ócio, entrego-me a reflexões. Os fotões partem das fontes luminosas em todos os sentidos, porque são criados no momento e não existe motivo especial para que prefiram uma direcção determinada. As moléculas de ar surgem de um campo de gravidade-zero em todas as direcções porque entram de todas as direcções.

Mas que dizer de uma única bola de bilhar, penetrando num campo de gravidade-zero de uma direcção definida? Emerge na mesma direcção, ou numa qualquer?

Efectuei um inquérito discreto, porém os físicos teóricos mostraram-se reticentes.

Existirá a possibilidade de, excepcionalmente, o Professor Priss ter raciocinado com prontidão e, ante a tensão provocada pelo ridículo a que Bloom pretendia expô-lo, abarcado a oportunidade que se lhe apresentava? Não esqueçamos que estudara a radiação que envolvia o volume de gravidade-zero e poderia vislumbrar a sua causa e prever o movimento com velocidade da luz de qualquer objecto que penetrasse no volume.

Uma coisa é certa. Nada do que Priss fizesse na mesa do bilhar poderia ser casual. Era um perito na matéria e a bola só seguiria a trajectória que ele desejasse. Recordo-me de o ver olhar primeiramente para Bloom e depois para a bola, como se calculasse ângulos. Observei o instante em que o taco atingiu a bola. Esta rolou para o volume de gravidade-zero, movendo-se numa direcção definida.

Estou certo de que quando a impeliu para o volume de gravidade-zero se achava já apontada ao coração de Bloom, e os filmes tridimensionais da cena confirmam as minhas conjecturas.

Acidente? Coincidência?

...homicídio?

Nota final

Um amigo, depois de ler esta história, sugeriu que alterasse o título para «Jogo Sujo». Senti-me tentado a fazê-lo mas contive-me por decidir

que resultaria demasiado irreverente para um assunto tão grave... ou porventura corroído pela inveja de não me haver acudido em primeiro lugar.

De qualquer modo, agora que reli todos os contos deste volume e recordei os factos que cada um me evocou, limito-me a desabafar: É maravilhoso ser escritor de ficção científica!

{(1)} Trocadilho entre niche (nicho, cavidade) e nick (que tem significado aproximado) pertencente à expressão «in the nick of time» (na hora H).

{(2)} An optikon, em inglês.

{(3)} Estrela cujo brilho aumenta intensamente durante breve espaço de tempo e depois diminui com lentidão, até voltar estado primitivo ou ficar com um brilho inferior ao anterior.

{(4)} Jogo de palavras entre «Earth» (Terra) e o nome do extraterrólogo.

{(5)} «Olue» significa indício, pista, em inglês.

Table of Contents